

AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR: Elysio de Carvalho



ACABA DE APPARECER:

ELYSIO DE CARVALHO



A Realidade Brasileira

ESTUDO SOBRE A PONTENCIALIDADE
ECONOMICA DO BRASIL E A FINALIDADE DA
POLITICA NACIONAL

VOL. 64 PAGES.. 2\$000

A' venda em todas as livrarias do Brasil

PEDIDOS AOS EDITORES:

S. A. Monitor Mercantil

1.º DE MARÇO, 96, 3.º — RIO DE JANEIRO

BANCO HYPOTHECARIO

DO BRASIL

50 -- AVENIDA RIO BRANCO -- 50

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio, 268

Telephone, Norte 2320

Depositos em contas correntes
á vista e á prazo

Operações bancarias geraes

HYPOTHECAS

LIVROS ALLEMÃES

ESPECIALMENTE

OBRAS DE SCIENCIA

DE TODOS OS RAMOS

ARTE, LITERATURA E LEITURA PARA MOCIDADE

GRANDE STOCK

EM

ROMANCES, REVISTAS, CARTÕES POSTAES, ETC., ETC.

NA

LIVRARIA "EDANEE"

A UNICA ALLEMÃ PARA LIVROS. ARTE E MUSICAS
RIO DE JANEIRO

112, RUA DA ALFANDEGA, 112

SANTOS

Rua Frei Gaspar, 37-39—Telephone Central 2074

S. PAULO

Rua Libero Badaró, 97 — Tel. Central. 3ar—Caixa Postal, 1897

CLICHÉS

PHOTOGRAVURA MODERNA

TEL. NORTE 462

RUA DA QUITANDA, 161.

LIVRARIA GARNIER

Rua do Ouvidor, 109

Caixa Postal, 618

Rio de Janeiro

PEÇAM CATALOGOS

COLLECÇÃO "AUREA"

(Paginas escolhidas dos maiores escriptores)

Machado de Assis, por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.....	10\$000
Os Poetas — 2 volumes enc.....	20\$000
Contos Brasileiros, Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.....	10\$000
Visconde de Taunay, por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.....	10\$000
José de Alencar, por Mario de Alencar.....	10\$000

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA

Le Bon — <i>As Opiniões e as Crenças</i> , enc.....	8\$000
" — <i>Psychologia das Multidões</i> , enc.....	8\$000
" — <i>Psychologia dos Novos Tempos</i> , enc.....	8\$000
" — <i>Psychologia Politica</i> , enc.....	8\$000
" — <i>A Revolução Franceza e a Psychologia das Revoluções</i> , enc.....	8\$000
Smiles — <i>Ajuda-te</i> , enc.....	8\$000
" — <i>O Character</i> , enc.....	8\$000
" — <i>O Dever</i> , enc.....	8\$000
" — <i>A Economia</i> , enc.....	8\$000
" — <i>O Poder da Vontade</i> , enc.....	8\$000
" — <i>Vida e Trabalho</i> , enc.....	8\$000

LITTERATURA NACIONAL E ESTRANGEIRA, DICCIONARIOS, VOCABULARIOS, GUIAS, ESPIRITISMO, ETC.

Economia e Efficiencia

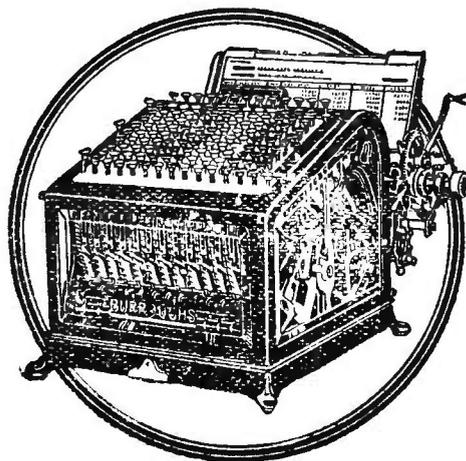
Estatisticas conservadas sem systema algum são mais custosas que statisticas conservadas com um bom systema—o systema Burroughs.

Calculos feitos com lapis ou pena são vagarosos. A Machina Burroughs imprime e somma no mesmo espaço de tempo necessario para escrever os algarismos no papel.

J. E. THOMPSON, Representante
Burroughs Adding Machine Company

Rua 1º de Março, 106 Tel. Norte, 6392
Rio de Janeiro

S. Paulo
Largo da Sé, Telephone Central
15 1º - 1710 -



Machinas de Contabilidade, Sommar e Calcular
Burroughs

Com prazar faremos uma demonstração no vosso proprio escriptorio, sem compromisso algum da vossa parte.

ACABA DE APPARECER:

ELYSIO DE CARVALHO



A Realidade Brasileira

ESTUDO SOBRE A PONTENCIALIDADE
ECONOMICA DO BRASIL E A FINALIDADE DA
POLITICA NACIONAL

VOL. 64 PAGES.. 2\$000

A' venda em todas as livrarias do Brasil

PEDIDOS AOS EDITORES:

S. A. Monitor Mercantil

1.º DE MARÇO, 96, 3.º — RIO DE JANEIRO

BANCO HYPOTHECARIO

DO BRASIL

50 -- AVENIDA RIO BRANCO -- 50

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio, 268

Telephone, Norte 2320

Depositos em contas correntes
á vista e á prazo

Operações bancarias geraes

HYPOTHECAS

LIVROS ALLEMÃES

ESPECIALMENTE

OBRAS DE SCIENCIA

DE TODOS OS RAMOS

ARTE, LITERATURA E LEITURA PARA MOCIDADE

GRANDE STOCK

EM

ROMANCES, REVISTAS, CARTÕES POSTAES, ETC., ETC.

NA

LIVRARIA "EDANEE"

A UNICA ALLEMÃ PARA LIVROS. ARTE E MUSICAS
RIO DE JANEIRO

112, RUA DA ALFANDEGA, 112

SANTOS

Rua Frei Gaspar, 37-39—Telephone Central 2074

S. PAULO

Rua Libero Badaró, 97 — Tel. Central. 321—Caixa Postal, 1897

CLICHÉS

PHOTOGRAVURA MODERNA

TEL. NORTE 462

RUA DA QUITANDA, 161.

LIVRARIA GARNIER

Rua do Ouvidor, 109

Caixa Postal, 618

Rio de Janeiro

PEÇAM CATALOGOS

COLLECÇÃO "AUREA"

(Paginas escolhidas dos maiores escriptores)

Machado de Assis, por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.....	10\$000
Os Poetas — 2 volumes enc.....	20\$000
Contos Brasileiros, Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.....	10\$000
Visconde de Taunay, por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.....	10\$000
José de Alencar, por Mario de Alencar.....	10\$000

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA

Le Bon — <i>As Opiniões e as Crenças</i> , enc.....	8\$000
" — <i>Psychologia das Multidões</i> , enc.....	8\$000
" — <i>Psychologia dos Novos Tempos</i> , enc.....	8\$000
" — <i>Psychologia Politica</i> , enc.....	8\$000
" — <i>A Revolução Franceza e a Psychologia das Revoluções</i> , enc.....	8\$000
Smiles — <i>Ajuda-te</i> , enc.....	8\$000
" — <i>O Character</i> , enc.....	8\$000
" — <i>O Dever</i> , enc.....	8\$000
" — <i>A Economia</i> , enc.....	8\$000
" — <i>O Poder da Vontade</i> , enc.....	8\$000
" — <i>Vida e Trabalho</i> , enc.....	8\$000

LITTERATURA NACIONAL E ESTRANGEIRA, DICCIONARIOS, VOCABULARIOS, GUIAS, ESPIRITISMO, ETC.

Economia e Efficiencia

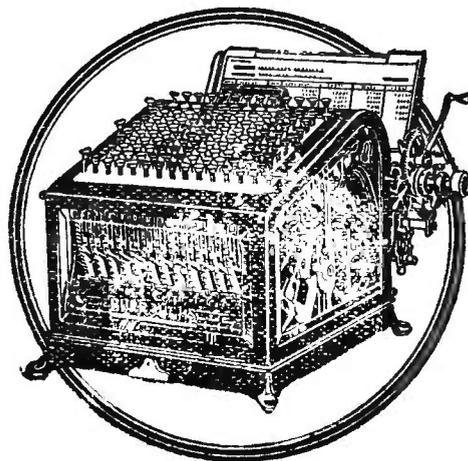
Estatisticas conservadas sem systema algum são mais custosas que statisticas conservadas com um bom systema—o systema Burroughs.

Calculos feitos com lapis ou pena são vagarosos. A Machina Burroughs imprime e somma no mesmo espaço de tempo necessario para escrever os algarismos no papel.

J. E. THOMPSON, Representante
Burroughs Adding Machine Company

Rua 1º de Março, 106 Tel. Norte, 6392
Rio de Janeiro

S. Paulo
Largo da Sé, Telephone Central
15 - 1º - 1710



Machinas de Contabilidade, Sommar e Calcular
Burroughs

Com prazaz faremos uma demonstração no vosso proprio escriptorio, sem compromisso algum da vossa parte.

AMERICA BRASILEIRA

RESENHA DA VIDA NACIONAL

Director : ELYSIO DE CARVALHO

Secretario da redacção : LUIS-ANNIBAL FALCÃO

SUMMARIO DESTE NUMERO

RUY BARBOSA	REDACÇÃO.
A REFORMA DO ENSINO.....	REDACÇÃO.
ORIGENS DA FAMILIA BRASILEIRA.....	ELYSIO DE CARVALHO.
A INFLUENCIA DA HESPANHA E DE PORTUGAL NA CIVILISAÇÃO	PHILÉAS LEBESQUE.
A CONFERENCIA DE SANTIAGO.....	REDACÇÃO.
DISCURSO INAUGURAL DO INSTITUTO VARNHAGEN.....	ROCHA POMBO.
O CENTENARIO DE RENAN.....	REDACÇÃO.
LETTRES DU PAYS DES AMAZONES.....	VALÉRE.
VARNHAGEN, O HOMEM E A OBRA.....	CELSO VIEIRA.
CANDEA DE ARGILA	ELYSIO DE CARVALHO.
NOTAS E COMMENTARIOS.	REDACÇÃO.
NOTULAS	REDACÇÃO.
A EXPOSIÇÃO DO CENTENARIO	REDACÇÃO.

REPERTORIO

Homens e cousas estrangeiras; Da America Hespanhola; Portugalia; Associações Scientificas e Litterarias; Autores e Livros; Notas Diplomaticas; Revistas e Jornaes; o Syllogeio; Avisos; Bibliographia e Bibliographos.

ILLUSTRAÇÕES DE DI CAVALCANTI

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA ANNUAL

Para o Brasil.	10\$000
Para o Exterior	12\$000

VENDA AVULSA

Numero do mez	1\$000
Numero atrasado.	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO' 96, 3.º

Tel. Norte 6011

RIO DE JANEIRO - BRASIL

Caixa Postal 1228

AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 15



RIO DE JANEIRO — MARÇO, DE 1923



ANNO II

RUY BARBOSA

Sob a emoção da queda do herói, nenhum juízo poderia ser justo, nenhum conceito imparcial. Basta-nos sentir o fulgor da grandeza que encheu cinquenta annos da vida brasileira e presentir a immortalidade de seu nome, através da historia do liberalismo nacional, em suas conquistas formidaveis, da abolição, da Republica, das liberdades civis, da consciencia politica, contra a prepotencia, contra o militarismo, contra o oligarchismo, contra a demagogia, contra todas as conspirações da força que ameaçaram o Brasil e de que evocou, com ingenuidade e romantismo, diziam muitos, estanque. Foi, num meio ainda sem cultura civica, sem disciplina e sem actividade politica, o despertador das energias, que evocou com ingenuidade e romantismo, diziam muitos, mas com fé, com amor, com a segurança invencivel dos apóstolos e dos semeadores. Foi o homem-acção, o homem-força, o homem-dynamo. Numa época de abastardamento politico, quando o poder estaria ao alcance das suas mãos, ao simples troco da transigencia de suas convicções liberaes, Ruy Barbosa nunca o galgou a esse preço traidor e vio o escarneo dos mediocres, dominando e rebaixando a Republica, a que dera estructura juridica, evitando o desregramento de uma tyrannia, resultante fatal da revolução militar de 89, se seu espirito não lhe fosse o sustentaculo admiravel. A reacção de Ruy Barbosa contra a dictadura de Floriano Peixoto, vibrando o primeiro golpe na constituição da Republica, pela posse violenta do poder que lhe não cabia, marcou a postura que lhe reservára o destino no regimen novo. Seria a voz de protesto constante contra a usurpação da força, o aviltamento do direito, a retrogradação das liberdades, os governos de classe, as imposições do poder. A sua vida, traçada em linha recta entre a liberdade e o direito, consoante a velha imagem de Alcindo Guanabara, foi a historia das reivindicações liberaes no Brasil, neste ultimo meio seculo.

Reagio contra a escravidão; reagio contra a intromissão indebita da familia imperial nos negocios publicos; reagio contra os ultimos ministerios da monarchia que pretendiam abafar o liberalismo; reagio contra o golpe de estado de Deodoro; reagio contra a dictadura florianista; reagio contra os candidatos do Cattete, em 1905 e em 1909; reagio contra o imperialismo das grandes potencias na Conferencia de Haya; reagio gloriosamente contra a imposição militarista da candidatura Hermes, fazendo-se eleger Presidente da Republica, pelo voto livre da nação, que foi traida pelos politicos interesseiros, amedrontados e desfibrados; reagio contra o governo resultante desse consorcio tragico, que sua acção não impedio, é certo, mas tornou de futuro impossivel, acordando a consciencia nacional e indicando-lhe o perigo formidavel do caudilhismo sob qualquer fórmula; reagio, por fim, contra o prussianismo allemão, que ameaçava o mundo e a civilização christã e, da tribuna de Buenos Aires, chamou a America ao seu posto de honra, protestando contra a neu-

tralidade entre o direito e a barbaria, que afinal redundava em pendor para esta.

Todas as campanhas liberaes tiveram na eloquencia grandiosa de Ruy Barbosa a bandeira mais exaltada, mais decidida e mais crente. A obra de Ruy Barbosa é uma obra de fé, é um exemplo. Nós o vimos — e de evocal-o ainda nos corre um fremito de entusiasmo — nós o vimos elevando-se entre as multidões extacticas, fallando do direito, prégando a justiça, clamando pela liberdade; nós o vimos, como um apóstolo, transfigurado, ensinando a lição liberal, oppondo ao poder a crença e contra os desmandos dos governos máos e traidores da causa publica, sua palavra foi, muitas vezes, o desabafo da Patria livre, mas conspurcada. O que mais empolgava era a fé deste Homem, a crença profunda, arraigada, sobrehumana, de que contra os erros e as maldades, o direito ha de triumphar, a liberdade ha de vencer. Foi um creador de fé, numa quadra de scepticismo e de opportunismo. Foi este o herói que cahio, enchendo o espirito brasileiro de indisivel angustia.

Ruy Barbosa, que teve admiradores fervorosos e hyperbolicos e detractores solertes e mesquinhos, guardando sempre a mais absoluta serenidade, não entrará para a gloria pelo que de louvor e de exaltação se tem escripto e se ha de escrever. Sua gloria virá da meditação serena dos posteros, alheios ás competições interesseiras do momento, e que sentirem no futuro a palpação de seu exemplo, o rastro de sua trajectoria, a fecundidade de sua lição. A resultante da obra desse advogado da liberdade não podemos nós presentir sequer, tão intensa, tão prolongada ha de ser pela historia do Brasil. Livrou-nos da confusão e da barbaria, porque foi a luz esclarecida do direito e da liberdade, que não eram abstracções em seu espirito, mas forças indomaveis e prodigiosas.

Foi o genio politico da Republica, de que foi igualmente um libertador. Na sua obra essa feição, que o immortalizará, é tão grande, tão avultante, que as demais, ponderaveis ainda, não se lhe podem comparar. Nem a do jurista, que foi o maior do seu tempo, em todo o mundo; nem a do orador, grande que foi como Cicero, incomparavel entre todos os de sua lingua; nem do polemista, nem do escriptor, nem do artista. O heroismo foi a expressão maxima de sua figura, de dominador, de conductor de homens. Carlyle escreveu: "The Commander over Men; he to whose will our wills are to be subordinated, and loyally surrender themselves, and fin their welfare in doing so, may be reckoned the most important of Great Men. He is practically the summary for us of all the various figures of Heroism; Priest, Teacher, whosoever of earthly or so spiritual dignity we can fancy to reside in a man, embodies itself, to command over us, to furnish us with constant practical teaching, to tells us for the day an hour what we are to do."

A REFORMA DO ENSINO

Annuncia-se que o governo pretende, muito em breve, reformar o ensino do paiz, valendo-se de auctorização legislativa, praxe que se vem arraigando, mesmo nos assumptos de competencia privativa do Congresso, como o referente á instrucção publica. Uma reforma de ensino, para nós que estamos habituados ao seu apparecimento periodico, quasi uma por governo, não seria motivo para reparos, si não devessemos insistir na necessidade de resolver o problema da instrucção primaria, salvar o curso secundario e moralizar o superior. A nossa situação nesse assumpto é de todo deploravel. Vamos adoptando, pelo simples prazer theorico, os mais variados e extranhos processos, que, sem consultarem o meio, nem as condições nacionaes, nem as circumstancias especiaes de nossa vida social, politica e economica, fracasam irremediavelmente. O ensino, entre nós, é luxo e dahi a aversão ás coisas praticas, pela volupia do bacharelismo vasio e ignorante, que se manipula em todas as escolas, sejam ou não de direito. Não aprendemos o que precisamos para fazer o nosso paiz; não nos fazemos agronomos, engenheiros, praticos, mecanicos, enfim homens de acção e utilidade, mas nos formamos em direito, em mathematicas, em medicina... no fim, somos doutores.

O caso é antigo e não é logar aqui para examinal-o. Vem da nossa chamada aristocracia rural, dos nossos avós e de nossos pais, senhores de engenho, lavradores e criadores, que, ao invés de nos ter entregue as propriedades e feito seus successores, nos fizeram bachareis. Julgaram seu posto honrado de trabalho mesquinho e, sonhando grandezas, acreditaram ingenuamente que o titulo seria a gloria. Fizeram, apenas, uma geração pobre, que desertou do interior para a cidade e se fez inutilmente burocrata, com energias mofinas e um scepticismo amargo. O resultado foi essa crise persistente de nossa economia, o abandono do norte do paiz, onde mais intensa foi a bacharelisação, o excesso de fantasia, promanando da falta de senso das realidades, por força de uma ignorancia do meio e de uma educação falsa. O *snobismo*, a displicencia, a toada lyrica, e o palavreado confuso, foram outras tantas consequencias, que não cabe analysar aqui. Hoje ha indicios de reacção viva e energica; ha um sentimento mais nitido das coisas e o espirito se volve para as necessidades do paiz, comprehendendo que seu immenso potencial não se soerguerá sem uma força de trabalho e de energia vigorosos, que salvarão em definitivo o homem e a terra. Será o soerguimento da Patria nova.

É licito, pois, nessa hora fecunda de nacionalismo fervoroso e sereno, apellar para o governo, afim de que a projectada reforma de ensino não seja uma simples adaptação de theorias estrangeiras, manipulada na secretaria de estado, por dois ou tres professores amigos do ministro, mas uma affirmacção de nossa cultura, pelo desejo de instruir o paiz, não só nas faculdades, como nas escolas de campo e profissionaes, para formar homens uteis e não bachareis romanticos. Antes de tudo o problema de instrucção primaria. O que temos, salvo no Rio e S. Paulo, em Santa Catharina e alguns estados mais, é vergonhoso, não chegando para nos honrar os casos da excepção. Os 80 % de analphabetos constitue o maior embaraço á ascensao do paiz, por assim dizer entravado com o peso de tamanha ignorancia. Segundo o ultimo quadro estatistico, que temos em frente, o numero de escolas primarias no Brasil é de 16.540, frequentadas por 5.100.000 alumnos, de 7 a 12 annos. A percentagem de despesa com a instrucção primaria é de 11 % apenas. Agora,

é preciso verificar que escolas são essas, acima referidas. Nas capiates, ainda ha certa organização, mas no interior, não raro a escola é uma sala exigua e as carteiras são caixotes de kerozene, conforme já se tem apurado por vezes. Afóra a parte material, o lado pedagogico é, em geral, deficiente, confuso e pouco pratico. Para só falar no Districto Federal, onde ha uma das melhores instrucções primarias do paiz, os programmas cheios de materias, para serem ministrados em pouco tempo, na primeira infancia, são contraproducentes e enervantes, só vingando quando regidos por professoras habeis e carinhosas, capazes de uma acção pessoal directa e equilibrada. Do contrario, será a confusão e o tumulto didacticos. Mas, passando por sobre esses aspectos da questão, em cujas particularidades nos iriamos perder, o caso de ensino primario reside em saber si póde o governo federal avocar a si sua direcção, sem ferir a autonomia estadual e municipal. Não vamos discutir a hypothese constitucional, mas o certo é que, si o presidente quizer, não será o preconceito legal, o impecillo a esse beneficio. Ademais, como já foi suggerido, póde o governo, á guisa do que ha com a Saude Publica, entrar em accôrdo com os estados, para dirigir, com o merito de unidade, o ensino primario, não só das primeiras letras, mas tambem profissionall e agricola, em escolas, colonias, campos de experimentação, etc. O necessario é encarar de frente o problema, dos maiores que se nos apresentam, por que encerram o destino da nação e jogam com seu futuro e sua grandeza.

O ensino secundario, que deve ser o eixo da cultura de um individuo, base e fundamento de sua educação intellectual, tem sido o mais viciado entre nós. Temos a anarchia dos preparatorios e todos os regimes, quer o do exame de madureza, quer o da lei organica, quer o actual, falharam lamentavelmente. O melhor seria a seriação da lei Epitacio, desde que não fosse possivel antecipar o exame de madureza, porque, ao menos, o alumno cursava as materias progressivamente, obrigado a sabatinas e discursos, que experimentariam aos olhos do professor seu aproveitamento. Mas os "equiparados" complicaram e substituiram o regime, substituido pelo da lei organica, que anulava o curso obrigatorio dos preparatorios. Bastava o exame vestibular, especie de "borboleta" á porta das faculdades. Esse exame era um escandalo, pois o alumno podia ser aprovado por maioria de votos, isto é, se prestava exame de 9 disciplinas, bastava ser aprovado em 5. Quer dizer que poderia ser reprovado em portugûes, francês, arithmetica e geographia, ou sejam as materias fundamentaes. Temos, por fim, o exame de preparatorio parcellado, feito no Collegio Pedro II, ou em outros do paiz, perante bancas nomeadas pelo Conselho Superior de Ensino. É um absurdo tremendo. Os paes apressados formam a "caça ao exame" e o resultado é que, aos 12 e 13 annos começam os alumnos a prestar os exames definitivos. E, por via de regra, começam por portugûes. Como póde conhecer a lingua um menino ainda sem discernimento completo? Depois vêm arithmetica, geographia, francês, etc. Por uma estatistica interessante, a maioria dos aprovados, passaram com notas baixas — simplesmente — significando que sabem pouco e mal. É uma liquidacção dos preparatorios. Não falemos nos exames por decreto, a coisa mais deprimente e vergonhosa, de que ha memoria. O que precisamos é de fazer os nossos preparatorios em 8 annos, de seriação obrigatoria, acabando logo com essas formaturas de 19 e 20 annos; é organizar programmas intelligentes e minimos, de modo que

possam ser exgotados no tempo préfixado; substituir o acaso dos exames pelas medias annuaes, que melhor julgam da competencia e aproveitamento do estudante; estabelecer cursos de especialisação, annexo ao geral, facultativos, ou exigidos para certos cursos superiores: o de mathematicas para os que pretendessem entrar para a Escola Polytechnica, de sciencias naturaes, para a Faculdade de Medicina, etc.; não dar a esse curso o character ideologico, que tinha a seriação gymnasial da lei-Epitacio, mas um cunho pragmatico, de desenvolvimento e funcção mentaes. Reduzir o numero de materias, synthetisar os programmas e augmentar o tempo de curso, eis a necessidade maior, sem o que não conseguiremos uma razoavel formação de cultura, solida e boa, permanecendo nessa ignorancia dourada e rebrilhante de latejoulas.

Quanto ao ensino superior, só haveria um reparo — o excesso de theorica e falta de pratica. Deveriam a exemplo do que se fez na Europa e nos Estados-Unidos, differenciar o engenheiro do mathematico, o jurisperito do advogado, enfim o pratico do theorico. Nas escolas só se ensina a doutrina e, salvo nas de Medicina, nada se sabe de pratico. Mas, o ensino superior é funcção do estudante e aquelle que se orientou nos preparatorios saberá se dirigir, até mesmo contra os professores. É a cupola do edificio, que lhe dá o tom, mas este depende dos alicerces e das paredes mestras. Do contrario será construcção precaria.

Reforma! exclamemos como o grande Tobias Barreto, referindo-se aos professores, mas reforma a começar por nós mesmos. De facto é necessario reformar para renovar as congregações, cheias de medalhões inuteis, velhos, retrogradados, infecundos e nulos. É preciso o governo estabelecer uma compulsoria para os professores, evitando essa persistencia de velhos, já fóra do meio e sem prestigio nem competencia para formar gerações, vivendo em outro ambiente. É preciso accentuar a tendencia de entregar o ensino aos moços, já claramente esboçada. Mas, tambem os moços não envelheçam sob o capello doutoral e se tornem velhos como os que o são de direito. Não fecundarão as leis si não forem applicadas com o espirito do tempo, que move os homens e os conduz imperiosamente. O nosso magisterio, para cumprir sua alta missão, tem que ser renovado e adaptar-se ao ambiente moderno, á cuja luz deverá formar a mocidade do paiz.



ORIGENS DA FAMÍLIA BRASILEIRA

Ignorantes ou desavisados, alguns escriptores brasileiros ainda hoje nos exprobam, como um convicio humilhante, a pecha de que o Brasil foi colonizado por criminosos que se retiravam das prisões da metropole e se degredavam para aqui como castigo, e affirmam até que esses relapsos da sociedade normal vinham da America constituir o grosso das populações, e que muitos desses perdidos é que formavam, nos primitivos nucleos, a famosa nobreza da terra.

Antes de tudo, se fossem impuras as nossas origens, ahí estaria um facto digno de ser estudado pelos mestres do direito penitenciario, que prefere regenerar o delinquente, fazendo delle uma força productiva, a sacrificial-o nas galés sem proveito. Infelizmente o subsidio, que dos nossos primeiros tempos poderiam haurir os criminalistas da nova escola penal, não são assim tão vastos. Ha, com effeito, numerosos casos de regeneração pelo degredo no Brasil; mas esses, na maior parte, ou se explicam por outras circumstancias ou não têm o caracter de generalidade que se lhes querem dar. Aliás, não nos impressionaria a arguição como ultrage ou mau signo que presidisse ao nosso nascimento. Nem sempre é dos horoscopos que saem as legítimas sinas na historia. E' classico o exemplo de Roma, povoada de salteadores, e nem por isso se julgaram os romanos diminuidos no esplendor da sua aristocracia. Um patriciado feito de bandidos é tão digno nos dias da gloria como se se tivesse formado só das grandes figuras de uma raça. Qual é, na historia, o povo que tenha começado por um nucleo de santos? Todos principiaram pelo covil da féra ou pela agremiação de sclerados, e sclerados, então, quer dizer — heróes. Mas se não haveria nenhum desar para os brasileiros em terem de encontrar, como todos os povos, nas suas origens calcetas, nem por isso deixa de offender-nos tão flagrante affronta á realidade dos factos. E', portanto, menos porque desejamos lavar maculas imaginarias do que pelo intento de restabelecer a verdade, que vamos examinar, summariamente, embora, o assumpto da nossa these.

E' sabido que os primeiros colonizadores, que foram os varios donatarios a quem a corôa portuguesa confiou esperançosa essa tarefa, para aqui trouxeram condemnados a degredo. Convem lembrar desde já que os chefes das expedições eram todos da melhor nobreza e pessoas muito principaes, antigos embaixadores, viso-reis e capitães-môres. Não houve um senhor de capitania que não fosse figura de pról na metropole. Basta reflectir que o rei só fazia taes mercês como galardão a serviços de monta prestados á monarchia: não seria de certo nas baixas camadas que se haviam de encontrar typos, cuja fidelidade e cujo valor se recommendassem ao soberano, e no meio de uma côrte illustre, onde não faltariam pretendentes á honra e á fortuna de concessões tão vultuosas. Os homens a quem se doavam na America verdadeiros reinos não podiam ser nem foram senão das primeiras classes da população portuguesa. Os seus prepostos e auxiliares — o pessoal de commando para a milicia da terra, os encarregados da administração, os serventuarios da justiça, etc. — eram tambem pelos capitães-môres escolhidos entre a melhor gente. Se isto é absolutamente inegavel, é verdade tambem que varios desses primeiros directores do povoamento tiveram entre os colonos que contrataram muitos degredados. Tal facto, no entanto, é preciso que se explique. Naquelle epocha se puniam com a pena de degredo muitas "culpas" que ha largo tempo deixaram de figurar nos codigos e que, portanto, não deshonriam a ninguem. O maior epico da lin-

gua portuguesa foi por futil motivo degredado para a Africa. Um homem digno, fidalgo ou plebêo, convencido de herectico, de feiticeiro ou de pratica de bruxaria, por exemplo, tinha direito a exilio em vez de penas mais graves, que só se applicavam a gente desclassificada. E' por isso que se viam aqui, como degredados, aristocratas e gentishomens da especie de D. Francisco Manoel de Mello, o insigne poeta e admiravel prosador que é orgulho da raça, e de cujos amores com uma dona brasileira, pertencente a uma das mais nobres casas de Pernambuco, nasceu um filho varão, com descendencia, facto este que é aqui pela primeira vez divulgado e que opportunamente se documentará. Tal era o numero desses privilegiados que nas proprias cartas régias de concessão e nos foraes das capitancias punha o rei grande cuidado em conservar para os mesmos as prerogativas que lhes competiam e que o degredo não derogava. Quanto aos galés desterrados para a America, eram quasi todos de indole tão excepcionalmente docil que o maior numero delles sem esforço se regeneravam e se faziam homens honrados e prestadios.

E' necessario recordar, por outro lado, que nem todos os donatarios se resignaram a essa contingencia de trazer para as suas capitancias individuos de má nota ou de infima classe. O contrario, justamente, é que se observa: a maioria dos capitães só alistara pessoas dignas, capazes e de bom sangue. Martim Affonso de Souza veio acompanhado para São Vicente quasi só de fidalgos. Todos estes, dentro de pouco tempo, se apressaram a mandar vir os respectivos parentes, que se fixaram para sempre na terra. Ainda hoje se conhecem em S. Paulo, os Góes, os Buenos, os Prados, os Taques, os Almeidas, os Dias e tantas linhages que vêm daquelles tempos. Tourinho trouxe para Porto Seguro só homens nobres e morigerados. O mesmo fez Pero de Góes na sua infelizmente frustrada tentativa de povoar a Parahyba do Sul. Com Vaz Coutinho saltaram no Espirito Santo quasi exclusivamente individuos de grada estirpe. O caso mais característico, sob este aspecto, é o de Duarte Coelho. O donatario de Pernambuco era não só um homem notavel pelo sangue, pois descendia de reis, mas respeitado pelo caracter e pelo talento, e podemos dizer ter sido o embaixador de Portugal em França e o propecto viso-rei da India um verdadeiro instituidor de povos. Preparando-se para vir colonisar a sua capitania, começou por escolher, e com apurado escrupulo, a melhor gente do reino, reunindo de preferencia familias entre a parentela. Em Pernambuco fez questão sobretudo de manter irrepreensível a ordem moral entre os colonos. Tão severo se mostrou neste ponto que não consentia que entrasse no seu feudo quem não tivesse dado provas de bom comportamento. E' assim que teve de expulsar de Olinda e arredores muitos typos indignos de viver ali. Chegaram os expulsos, tão grande foi o seu numero, a procurar valhacouto na ilha de Itamaracá, onde constituíram quadrilha, mas ficaram impedidos de entrar no austero senhorio. Depois das capitancias, os colonos que entraram no pais não eram de peor especie. Com o primeiro Governador Geral veram muitas pessoas de sangue esclarecido e capitães illustres. As lévas de fidalgos foram-se fazendo cada vez mais numerosas com os governadores que succederam a Thomé de Souza. Durante o dominio espanhol, de 1580 a 1640, augmentou extraordinariamente a immigração portuguesa para o Brasil, composta dos melhores elementos, que procuravam na America um refugio seguro contra a prepotencia dos Felippes. E' de notar que da propria Espanha chegaram naquelle tempo familias gra-

das, e aqui se estabeleceram em perfeito convivio as duas raças. Estavam em São Vicente tão intimamente ligados lares espanhóes e portugueses, que mostraram velleidades de libertar, tanto de um como de outro jugo, a capitania, aclamando em 1641 rei a Amador Bueno. Em 1625, na famosa expedição de D. Fradique de Toledo, vieram fidalgos ás chusmas, muitos dos quaes, como os Rendons, os Quevedos, os Toledos e outros, ficaram no pais e fundaram grandes casas, que ainda hoje são os mais illustres solares da velha aristocracia paulista e bahiana. Por fim, cumpre-nos ainda citar o facto de terem vindo para o Brasil, nos primordios da sua historia, fidalgos florentinos, como os Cavaleantis, os Accioly, os Adornos e os Lins, e de outras nacionalidades, que se uniram á nobreza da terra e crearam gerações que se fizeram historicas pelo heroismo, pelo esforço e pela virtude.

Eis ahí como se iniciou o povoamento no Brasil com homens perdidos. Tão profuso foi o elemento aristocratico na nossa colonização primitiva que unicamente pela sua existencia e permanencia se poderá explicar o gráo de adeantamento e o estado de cultura de certos nucleos de população do pais, taes como Olinda, Bahia e S. Vicente, que já no primeiro seculo da conquista impressionaram a viajantes estrangeiros pelo luxo, pela opulencia, e, principalmente, pela distincção das maneiras e pela polidez dos costumes, alliadas ao instincto da belleza. Além disto, certos phenomenos que se manifestam na nossa evolução politica e social, e parecem obscuros ou excepcionaes, não se esclarecem senão pelo esplendor do nosso sangue: o mais importante delles é o sentimento oligarchico da nossa historia politica, tão persistente e vivo, que o regime republicano não o poude ainda destruir. Tambem é de observar, como uma das peculiaridades da raça, esse orgulho desmedido que sempre nos acompanhou através dos seculos, e de que é violenta expressão a conhecida guerra dos mascates, em 1710. Não faltam ainda outros exemplos perfeitamente característicos da nobreza do povo brasileiro, bastando assignalar que, no seculo XVIII, era devêras notavel a profusão de nobiliarchias e muito comunum a praxe de "apurar-se" o sangue. Por derradeiro, mostraremos quanto era prezada a fidalguia que aqui se formou, lembrando que cada anno eram enviadas para o Brasil orphãs nobres, educadas com esmero pela côrte, afim de que casassem com os principaes da colonia, e tal foi o caso de Isabel Doria, sobrinha do famigerado almirante André Doria, que foi doge de Genova, e de que procedem os deste appellido na Bahia, e citaremos o que occorreu com a primeira expedição organizada para acudir e refamante estigma de obra de degradados staurar a cidade do Salvador, chamada a *Jornada dos Vassallos*, em que toda flôr da nobreza iberica galhardamente e livremente se embarcou para defender a nossa grei.

Assim, pois, emprestar o falso e intamante estigma de obra de degradados á fornidavel, gloriosa e épica empreza que realisaram no Brasil com sangue, com sacrificio e com honra Martim Affonso de Souza, Duarte Coelho, Thomé de Souza, Mem de Sá e tantos outros estadistas insignes, guerreiros famosos e fidalgos de luzimento, é ao mesmo tempo affronta á historia e injuria á raça, que se transplantou para o continente americano sem perder os predicados de intelligencia e as virtudes moraes que a ornavam.

Elysis de CARVALHO

A INFLUENCIA DA HESPANHA E DE PORTUGAL NA CIVILISAÇÃO

Não ha na obra progressiva da civilização um só esforço que não proceda de outro; tudo se encadeia proporcionalmente á alma das raças, ás conjecturas historicas que produzem as grandes intelligencias, ao genio das individualidades. Ha horas febris de criação, ás quaes succedem as epochas de organização e de methodo, cujo germen fecundante procede das primeiras. A's vezes parece que uma palavra sahida dos labios de um homem ha de commover o mundo; uma nação levanta-se de improviso para propagal-a e milhares de adeptos se prestam a multiplical-a com fervor.

Muito se tem escripto sobre a profunda repercussão que teve na Europa a tomada de Constantinopla pelos turcos, sobre o exodo dos byzantinos para a Italia e sua benefica influencia na preparação civilisadora da humanidade. Se nos limitassemos aos commentadores deste facto historico, seriamos tentados a attribuir a este acontecimento excepcional as origens da Renascença. Entretanto, esquece-se com demasiada facilidade, a nosso vêr, que todo esse generoso movimento das idéas podia ter sido facilmente suffocado, como o foi o que o precedeu desde os principios do seculo XIII, se a base doutrinal não se tivesse apoiado na comprovação de factos novos e indiscutíveis: se o aspecto geral do planeta não se tivesse modificado parallelamente ao novo espirito europeu; se o estudo da natureza não tivesse dado os incontestáveis resultados das grandes descobertas maritimas. E ao vêr-se frente a frente com novas condições de existencia a Humanidade, apesar da hostilidade daquelles que a dirigiam, teve que aceitar o *espirito moderno*. E eis aqui um facto que talvez pareça paradoxal: não podemos deixar de reconhecer que as nações ibericas, tão dominadas até hoje pelo dogmatismo ecclesiastico e esterilizadas pela inquisição, foram as que trouxeram á cultura positiva a mais solida das bases.

Com effeito assim é, embóra o tenham feito inconscientemente, pelo menos os hespanhoes, pois é sabido que as descobertas portuguezas eram productos merecissimos de pacientes e methodicos esforços. Vasco da Gama procurou o caminho marítimo da India e o achou; Christovam Colombo, pelo contrario, desembarcou em uma terra cuja existencia nem sequer chegou a suspeitar. Além disso os planos de exploração dos portuguezes eram duplos, e isto foi reconhecido pelo proprio Colombo, que confessou tel-as conhecido antes da sua partida (1) e dirigiam-se a um tempo para Oeste e para o Sul, como o demonstrou sobejamente o descobrimento dos Açores a meio caminho das Antilhas, em 1429. Se Dom João II de Portugal não attendeu a Colombo, fel-o em pleno conhecimento

(1) Em sua *Vida del Amirante*, o seu filho, Fernando Colombo, disse: "Achando-se em Portthal começou a conjecturar que do mesmo modo que os portuguezes navegavam..." — E mais tarde o Almirante foi inspirado pelos indícios dos navegantes: Theophilo Braga: *Camões*. Vide igualmente a esse respeito a nota *As mentiras de Christovam Colombo*, publicada no numero 13 desta revista.

da causa e tambem para não entregar a um estrangeiro o commando das frotas luzitanas. Colombo, com effeito, era italiano, e o emprehendimento que iniciava Portugal tinha que arruinar a potencia maritima de Venezia, cidade italiana, embóra rival de outros pequenos Estados dessa peninsula. Todavia, fosse o quer que fosse, o certo é que o descobrimento da America, o triumpho portuguez e a primeira viagem ao redor do mundo realizada por Magalhães, operaram na actividade de todos os povos uma radical transformação. As especulações commerciaes, os intercambios tomaram em todas as ordens novas direcções e abriram-se novos caminhos e horizontes. A febre colonisadora substituiu o entusiasmo pelas Cruzadas. E este foi um derivativo; por isso Raynal poude dizer que indo combater no coração do Oriente o poderio musulmano, os Portuguezes salvaram a França da invasão dos turcos.

Graças a elles poude reinar um instante, como teria dito Erasmo, a Republica das Lettras, filha da grande Republica Christã dos seculos precedentes, embóra não devessem tardar em se produzir fataes reacções. O unitarismo catholico, posto ao serviço do imperialismo monarchico, suscitou a Reforma e toda

mões conservar certo optimismo em que a paixão medieval se deixou guiar pelo raciocinio classico. Alma cavalheiresca, patriota exaltado, não se resigna á duvida; sente-se orgulhoso da obra realizada por seus compatriotas e não crê que possa haver outra mais nobre nem maior. De nenhum modo renega o passado; mas estende os seus braços para o futuro. O prestigio dos modelos classicos não o impede de conservar cuidadosamente o culto das suas tradições. Tanto pelo sentimento que o inspira, e que realisa a maravilhosa união do heroismo e da ternura, como pelos quadros que copia fielmente da realidade, Camões é o primeiro dos poetas modernos. Elle proprio proclama-o:

Cessem do sabio Grego, e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Calle-se de Alexandro, e de Trajano,
A fama das victorias que tiveram;
Que eu canto o peito illustre luzitano
A que Marte e Neptuno obedeceram.
Cesse o que a n usa antiga canta:
Que outro valor mais alto se alevanta.

Esta concepção positiva da arte provinha, sem embargo, menos de uma attitude nova perante a vida do que de um estudo de alma atavico, sustentado pela educação christã e cavalheiresca. A mystica iniciação dos *Fieis em Amor* poude ser esquecida pela sua transcendencia metaphysica; o effeito moral subsistia, e a necessidade de aceitar rudes provas na realização de "qualquer façanha heroica de virtude" seguia dirigindo as energias para as aventuras redemptoras.

Assim, emquanto a natureza se redimia pela sciencia e pela observação, o amor ia sendo considerado como um sentimento sobrehumano e a belleza se convertia em uma manifestação da divindade. O que foram as Cruzadas para a architectura gothica, o descobrimento de continentes desconhecidos o foi para o renascimento do sentimento poetico, no qual até a pintura e a musica deviam achar fontes imprevistas. O villanico, que alternava nos templos com os cantos liturgicos, tinha sahido directamente do povo, e por toda a peninsula, os verdadeiros afeioados cantavam-no em portuguez. Heliodoro de Paiva e Damião de Góes levaram a tradição até aos pés da Palestina. Humboldt compára com muita razão o effeito produzido por tão subito engrandecimento do mundo com o assombro dos companheiros de Alexandre o Grande: "Tudo concorria para encher a alma de magnificas concepções e dar-lhe uma idéa mais alta das forças humanas." Começaram-se a classificar os factos, a comparar entre si os phenomenos, e este espirito contemplativo veiu alargar ainda mais o circulo da observação scientifica. Desde fins do seculo XV a tendencia sentimental e poetica que dormia no fundo de todos os corações, toma uma fôrma mais definida. O sabio autor do *Cosmos* toma d'ahi o seu ponto de partida para assignalar o caracter de realidade, filho de uma visão directa e pessoal, que fulge com o maior brilho na epopéa portugueza. "Aspira-se como um aroma de flores da India nas paginas desse poema escripto nos tropicos, na gruta de Macáo e nas ilhas Molucas. Sem

RUY BARBOSA

A "America Brasileira", acompanhando o movimento nacional de glorificação ao Insigne Brasileiro, cuja perda deplora todo o mundo civilizado em manifestações solennes e commovedoras, dedicará seu proximo numero a Ruy Barbosa, esforçando-se para dar aos leitores o melhor de sua contribuição, modesta embora, para facilitar a evocação da vida e da obra do Mestre.

a humanidade achava-se captada pelos jesuitas. Passado o esplendor daquelle seculo sem igual, a Iberia tornou a encontrar-se tão pobre como dantes, tão falha de energias, e entregue á inquisição no tempo de Felipe II. Poude então Cervantes caricaturar genialmente com o seu *Don Quixote* a heroica figura de sua raça. Satira grandiosa em que sangra em cada pagina algo do seu generoso e fatigado coração, que o immortal manco de Lepanto escreveu como um testamento da Cavallaria e do Pensamento livremente christão. Este fez-se monje em seguida. O seu grande adversario Lope de Vega não pertenceu ao Santo Officio? Já tinha desaparecido o antigo espirito das Cruzadas; o absorvente cuidado dos bens terrenas triumphára por completo ao debilitar-se os caracteres. Camões, mais feliz, poude morrer antes de presenciar a catástrophe da sua patria portugueza, occupada pelas tropas de Felipe II e rapidamente entregue ao castellanismo inquisitorial. De coração não menos entusiasta do que Cervantes, poude Ca-

pretender, como Frederico Schlegel, pôr a imaginação de Camões acima da do Ariosto, pôde-se afirmar sem temor que nos trechos descriptivos dos Luziadas já-mais se altera a verdade dos factos com o enthusiasmo do poeta, o encanto dos versos e os doces accentos da sua melancholia. Camões é inimitavel quando pinta as continuas transformações que se vêm na agua e no céu, as harmonias que existem nas fórmulas das nuvens, suas transformações successivas e os diversos aspectos que tomam as superficies dos mares."

No polo opposto do genio iberico vemos Cervantes, que não é menos verídico, pois apesar do verbo empolado e zombeteiro que brilha através todo o *Quijote*, pôde-se assegurar que as descrições que nelle abundam são sempre tomadas da realidade mesma, embora propositalmente exagerada.

E eis que tudo se ia renovando no seculo, pois como disse o maior dos pensadores portuguezes: "A Renascença pôde resumir-se em uma palavra só: a Acção (1). Palpitava uma curiosidade universal, uma febre desenfreada de criação agitava todas as almas. Rejuvenescida um momento pela excessiva opulencia dos objectos nunca vistos, que eram o assombro dos olhos a cada nova expedição que voltava dos tropicos, a architectura manuelina cria uma desconcertante fusão do gothico e da arte classica, ao através de uma ornamentação completamente india nos detalhes. Belém, Cintra e Batalha bastam para immortalisar este estylo tão original e completo que parece unir, diz Theophilo Braga, "em uma fórmula audazmente symbolica e livre o sentimento religioso e o espirito das aventuras maritimas. As ornamentações que o distinguem especialmente são a esphera amillar, as flores tropicaes, grinaldas, papagaios, passaros exóticos, cabos enroscados envolta das columnas jonicas e corinthias, entrelaçados no ar, na abobada e cahindo em laços de pedra. De vez em quando se vêm medalhões com figuras de meio corpo que olham para o horizonte, como o marinheiro a bordo de um navio. A ogiva e o meio ponto romano transformam-se para imitar o arco tendido do selvagem quando vae disparar a frecha; as janellas adornam-se com graciosas estalattes e cada motivo caracteriza-se pela perfeição inimitavel do trabalho." Na igreja dos Jeronymos, os papagaios suspendem-se nas cordas que unem as columnas ás abobadas como as corduagens no flanco de uma náó; é o galeão que volta do Oriente com os productos de uma natureza maravilhosa. Vidros, tapetes, candelabros, moveis, joias, tudo foi rejuvenescido com um enorme sopro de vida exótica. As mesmas influencias deram á pintura portugueza um cunho summamente original, nos artistas da escola do Grão Vasco, imitadores dos flamengos.

A sinceridade de uma escrupulosa visão proporciona illuminação a uma parte puramente nacional e vivida. Na tonalidade opalina, tão propria ao céu portuguez, e sobre um fundo de paizagens características da terra lusitana, pintaram com extraordinaria verdade uma infinidade de typos de homens e de mulheres, nos quaes não ha ideal abstracto de beleza que lhes desnature os contornos. De 1500 a 1530, isto é durante trinta annos, os portuguezes apenas parecem conhecer as escolas italianas, ás quaes deram as costas por amor ao torrão natal. Iam nascer Velasquez, Zurbaran, Murillo.

Assim, pelos Autos Sacramentaes, com os quaes o joalheiro Gil Vicente acabou de impôr o seu poderoso genio realista, "o sentimento portuguez, diz também Theophilo Braga, transformava os grandes episodios da Escripura Sa-

grada em quadrinhos de genero, íntimos e familiares. Cono todos os grandes cerebros da Renascença, Gil Vicente foi quasi universal. A um tempo poeta, musico, autor e actor dramático, decorador, joalheiro, philologo, não cessou de lutar constantemente pela liberdade de consciencia. E vencido nesta batalha descommunal voltou-se para o theatro. Mas, ainda allí, reagiu violentamente contra o gosto da Renascença o espirito portuguez, e foi necessario que as obras de Gil Vicente deixassem uma impressão mais profunda para que não continuasse prevalecendo a imitação dos modelos classicos contra os autos e moralidades tradicionais."

Não devemos esquecer, como atinadamente observa Buckhardt, que a Renascença produziu o effeito immediato de estabelecer uma separação radical entre as classes cultas e o povo. Por isso, ao mesmo tempo que os jesuitas se apoderavam do ensino superior, proscriviam a lyrica popular. A vida publica da Edade Média teve a sua origem nas cathedraes, e por isso mesmo, nellas a teve também o theatro; porém, desde 1534 prohibiram-se as representações nas igrejas. Verdade é que a comedia havia muito que tinha transportado seu scenario fóra do templo e que já tinham apparecido os buffões e os typos populares. Do mesmo modo o theatro aristocratico já tinha a sua tradição, que se praticava nas grandes solemnidades da Côte.

Gil Vicente soube dar fórmula litteraria com os seus Autos, com suas *Farças* populares e suas tragi-comedias, a essas tres manifestações espontaneas do theatro nacional, pondo ás vezes na bocca de seus personagens trechos da litteratura cavalheiresca. Todavia, não escrevia para o povo e só o fazia a pedido da rainha Leonor, sua protectora. Para ella compoz suas obras, e igualmente para ella cinzelava no ouro que as galeras traziam de paizes longinuos esses calices, esses relicarios e essas custodias que presentava depois aos mosteiros. Um grande triumpho litterario que obteve foi para elle uma revelação de si mesmo, e desde então começou a descrever, na pittoresca linguagem do povo, os seres com quem se tinha acotovellado na vida. Seu estylo é o mais gracioso que se possa ouvir e o joalheiro portuguez foi um dos primeiros a empregar no dialogo scintillante e vivo o estylo moderno. Escreveu também em castelhano; mas sómente para seguir o gosto da Côte. O theatro estava fundado. Não iam tardar a sahir os grandes dramaturgos da peninsula: Guillen de Castro, Tirso de Molina, Lope de Vega e, por fim, o maior de todos, Calderon de la Barca. E o incendio ia-se propagando pela França; Corneille com o seu classicismo, ia realisar o Cid e o *Mentiroso*; Molière, que tanto deve a Cervantes, possuía já o pedestal de onde se ia lançar, por um milagre de equilibrio francez, ás culminancias da Comedia. E' dizer que o genio iberico o illuminava com suas chammas, e deve-se proclamar á face do mundo que o seu seculo XVI foi para elle um seculo de ouro. "Jamais, disse Emilio Chasles, — a gloria de Hespanha e a audacia de suas emprezas chegaram a tanta altura. Jamais, foi sua litteratura mais forte e mais fecunda; jamais a arte ostentou suas riquezas com tanta liberdade e tanta inspiração."

A poesia lyrica não se deixava ficar atrás, e attribue-se igualmente aos quinhestistas da Peninsula o merito de ter adaptado as formas velhas ao sentimento moderno. Nisso também lhes serve para realisar o milagre do amor á natureza e a expressão do typo e dos caracteres. Com grande frequencia se mesclavam com os Autos canções lyricas populares, nas quaes as reminiscencias arabicas modificavam as cadencias trovadorescas. Algumas dellas, como as *Trovas* e as *Pastoraes*, tinham um cara-

cter de egloga. O portuguez Bernardim Ribeiro apodera-se dellas para ampliar os seus caracteres e infundir-lhes um forte interesse moral. Bouterwerk anota essa particularidade e conclúe dizendo que Portugal pôde ser considerado a verdadeira patria da poesia pastoral. "Da persistencia de uma tradição nacional, — accrescenta Theophilo Braga, — nasceu esse novo genero, e a forma litteraria que lhe deu Bernardim Ribeiro é anterior á imitação directa do italiano que fizeram os seus successores, discipulos de Sá de Miranda.

Esta imitação, levada até o classicismo o mais insubstancial, foi precisamente a que mais tarde havia de destruir em flor a espontanea eclosão do genio iberico, vivificado pelas descobertas geographicas, e cuja conquista mais evidente nos dominios da arte deixou para sempre o que poderíamos chamar a *visão naturalista* dos caracteres e das cousas. Este genio de uma raça forte como nenhuma, porém esterilizada pelo jesuitismo, não devia revelar-se até muito depois nas terras americanas, no ultimo quarto do seculo XVIII. Por toda parte reinava o espirito revolucionario e o regimen portuguez despertava injustas suspeitas. Era também a epocha das academias litterarias ou da *Arcadia*. Em 1779, Manuel da Silva e José Basilio da Gama fundavam no Rio de Janeiro a *Arcadia Ultramarina*, enquanto outros poetas, inspirados pelas idéas da Encyclopedia, preparavam a autonomia brasileira na provincia de Minas. Uns e outros apesar das fórmulas classicas, que ainda respeitavam, procuravam nas tradições colonias e deante da natureza que os rodeava os motivos de seus cantos. Um naufragio celebre inspirou a José de Santa Rita Durão o assumpto de sua pittoresca epopéa de *Caramurú*; a lucta dos portuguezes contra os indios do Paraguay sublevados pelos jesuitas, achase magnificamente cantada por Basilio da Gama, e Thomaz Antonio Gonzaga chega a descobrir no fundo de um amor vehementissimo a fonte occulta do lyrismo pessoal. Este movimento proto-romantico basta para demonstrar que o proprio romantismo não foi senão a expansão de um sentimento quasi inadvertido até a epocha das grandes descobertas, e que estas suscitaram ao revelar ao homem da Europa os esplendores da Natureza, convidando-o a viver dos factos, a estudar a realidade, sobre a qual unicamente podem apoiar-se as idéas fecundas.

Mas se a Natureza subjugou tão fortemente os quinhestistas, não foi sómente pela impressão que lhes causou: foi, principalmente, porque a revolução economica que provocaram as descobertas impoz uma modificação aos costumes. O mesmo tem occorrido em todos os tempos; os maravilhosos inventos da nossa epocha começam a modificar da mesma maneira todo o nosso modo de sentir e de pensar, com excepção dos caracteres especiaes de cada raça, que conservam sua indiosincrasia. Até hoje os povos que compõem a Peninsula Iberica têm sido impotentes para realisar a sua união definitiva e a sua integração no seio de um organismo social unico. Naquella terra, de que se separaram a Africa, a Asia, e a Europa, formaram-se diversos nucleos (Castella, Aragão, Navarra, Leão, Portugal), alguns dos quaes, em virtude de cruzamentos de raça, sem duvida alguma, subsistem como nações que, embora não independentes, não deixam de ser effectivas. E' sabido que a costa atlantica foi singularmente hospitaleira para os primeiros cruzamentos celto-liguros, como o prova o nome de Galizia. E o mesmo occorreu na parte oriental até o Ebro e até a propria Valencia. A influencia nortista foi logo reforçada nessas regiões pela invasão wisigoda (Catalania, hoje Catalunia) No meiodia, pelo contrario, desde a epocha dos

(1) Theophilo Braga — *Historia da Litteratura Portuguesa*.

Phenicios e dos Carthaginezes até os Arabes, o elemento semita, que dominou todo o coração da península, não deixou de exercer a sua influencia. Nos contrafortes dos Pyreneus permaneciam apoiados os Bascos.

No que se refere ao idioma, a Iberia actual divide-se em tres grupos principaes, que são, na realidade, tres nações: 1º Portugal; 2º Catalunia, Valência e as Baleares; 3º Castella, Andaluzia e o resto, exceptuando-se o paiz euskaro.

Pelo Aragão, de que a Catalunia era a porta, penetrou na península a cultura occidental; mas o Aragão foi annexado no seculo XV aos destinos de Castella e privado de expansão. A civilização celto-provençal despertou mais perduravelmente o genio celto-iberico em Galizia e Portugal. A isto é devido que dalli sahiram posteriormente as mais fecundas iniciativas. Isto não significa de modo nenhum que o sedimento semita devido á invasão arabe não fosse benefico; talvez a Hespanha, e especialmente a Castella, lhe devam a rara originalidade de seu character, seu gosto decorativo, sua paixão pelo heroismo, seu fanatismo autoritario e casuistico. Só ao ponto de vista architectonico a influencia foi grande, e os proprios elementos sarracenos trazidos das Cruzadas iam favorecer na Europa o advento do estylo gothico. Todo o folk-lore peninsular, as formas da paesia popular e da musica conservam o cunho sarraceno. O matiz satirico e sensual que tão facilmente toma a lyrica, a afeição pelas formas typicas, o traço exagerado e energico que quasi frisa a caricatura, parecem revelar uma influencia da mesma ordem. Isto se faz sentir até no Meio-dia francez, e talvez as colonias arabes do Limosin tenham dado origem á apparição de Bertrand de Born.

O fatalismo prophetic e cavalheiresco do semita, reagindo por numerosos cruzamentos de ordem physica ou simplesmente intellectual sobre a extraordinaria actividade do povo iberico, devia produzir esse temperamento dramatico tão especial que tão bem se manifesta no theatro hespanhol, todo elle acção e movimento scenico. O meio ambiente estava perfeitamente preparado para os contrastes passionaes que offerecia para crear a comedia de character, que fizeram analogamente o portuguez Antonio Ferreira e o hespanhol Alarcon.

Convem insistir mais demoradamente sobre os singulares meritos reservados a Portugal, que conserva não só a gloria no que respeita ás expedições maritimas, como tambem na arte dramatica, graças a Gil Vicente, o indiscutivel pae do theatro peninsular. Por atavismo, por educação, pelo influxo territorial, os portuguezes deviam amar as aventuras, tão innatas na alma celta. Portugal concebeu a civilização não só como extensão da fé christã, como tambem como um engrandecimento do mundo, como um sonho em acção. Elle traçou o plano de colonização que nestes dois ultimos seculos devia realsar a Inglaterra, e se fracassou na sua empreza foi devido ao seu esforço sobrepassar em demasia os recursos de que podia dispôr. A isto foi devido que a unitaria Castella quiz destruir para sempre a debil nacionalidade portugueza.

Se considerarmos cada raça ou variedade humana como uma expressão psychologica oriunda da historia e afiançada pelo clima, chegaremos á convicção de que o celta para crear para si mesmo perpetuamente a sua personalidade, jamais renegará a herejia de Pelagio, que

defende a theoria de ser cada homem capaz de chegar á perfeição pelo seu unico esforço. Assim, sonha sempre em possuir em si mesmo um redemptor. D'ahi procede o *sebastianismo* lusitano. E' um sonhador e um lyrico cheio de paixão. Indaga e procura sem descanso; pretende elevar o homem até a Deus pelo heroismo. E, com effeito, nos seus cantos populares, em que tanta parte occupa o maravilhoso, nunca apparecem os deuses. O iberico, pelo contrario, toma-o como principio de tudo. Necessita de um dogma que defenda. Apaixonado do movimento pelo movimento mesmo, ama, não obstante, com delirio a sua terra, a sua patria; e se conserva o sentido innato dos destinos superiores, tambem necessita de guia espirituaes; crê na Regra, na Lei. A influencia do sangue africano no que se refere ás tendencias fatalistas fez deste conquistador um jesuita quando perdeu suas extraordinarias energias.

Assim, o sentimento da Natureza, que deu origem ás grandes descobertas maritimas, não se pode realisar em seu começo melhor do que nessa parte da Iberia em que dormia o seu sonho atavico a alma celta, fortificada pelo elemento gothico. Só este livre engenho pode conceber que a fé não consiste somente no estricto cumprimento de uma lei ou de um rito, mas que antes de tudo tem que se converter em acção. Deste modo, o sentimento da utilidade commoda cede seu posto á necessidade do perigo. Vae renascer o sentimento da belleza. Assim a define Péladan: "O bello é uma visão interior, pela qual o mundo se reveste de qualidades supra-eminentes." Acrescentaremos que a belleza se manifesta na alma pelo sentimento da grandeza. Leva em si um elemento de fé que basta annexar ao estricto sentimento do util para que o mundo comprehenda immediatamente as suas transcendencias. Este elemento de fé começa pela inquietude individual que leva directamente á aventura. E a aventura manifesta por sua vez o amor ao mysterio e o desejo da conquista.

Pelas suas predisposições de raças, os celtas foram chamados repetidas vezes para devolver aos povos adormecidos no marasmo do dogmatismo autoritario o que poderiamos chamar a *expressividade* individualista e conquistadora. Por esta razão os portuguezes mais cultos, conscientes de suas origens celto-ligurianas, não têm cessado de appellar pela manutenção dos atavismos intellectuaes e psychologicos que possam perpeutar na alma do povo as mais salubres facultades com a exaltação do character nacional. Tal é a missão que se impoz Theophilo Braga, a cujas idéas profundas tantas vezes nos referimos nestes estudos. O mesmo fizeram os poetas da renascença catalã: Verdager, Balaguer, Guimerá.

Os portuguezes são filhos da Tavola Redonda, cujo espirito individualista promoveu o da Revolução Franceza, depois de que as grandes descobertas os induzissem a submergir-se no positivismo e na observação da Natureza.

Por tudo isso é tão grande a parte que a Iberia tomou na civilização universal, que não se lhe póde regatear os respeitos e os elogios que merece; tanto mais quanto, pelo seu esforço colossal nos permittiu, a nós francezes, desenvolver o nosso esforço proprio. Nosso grande seculo classico bebeu directamente no thesouro iberico que lançou a semente do Romantismo; e o *Hernani* de Victor Hugo, para não ir mais longe, é tão hespanhol quanto o *Cid* de Corneille.

A CONFERENCIA DE SANTIAGO

A 5.ª Conferencia Pan-Americana, que se reúne em Santiago do Chile, está chamada a resolver, pela primeira vez, assumpto de alta monta, que não simples conclusões theoricas e vagas demonstrações de cordialidade continental. Contra o parecer do Brazil, o programma da Conferencia incluye a these duodecima, sobre o desarmamento americano, em bases de equidade. O processo de nossa proposta para a Preliminar de Valparaiso, que tanta ceulema injusta provocou em certa imprensa tendenciosa da America do Sul, vêm mostrar que as nações deste continente, sobretudo as tres de maior significação, comparecem com um espirito de muita independencia e fortes reservas, no attinente ao assumpto, de sorte que seu exito ha de ser um tanto duvidoso, a menos que se contorne o problema com algumas pomposas fórmulas diplomaticas, sem importancia pratica. Não é possivel previsões, tal o estado de espirito momentaneo, em que se evitam as attitudes definidas e se resolvem com protellações difficuldades immediatas. A *entente* sobre os armamentos, que se incluye no programma da Conferencia, tem que lutar com os fortes obstaculos dos multiplos criterios e das relatividades de pontos de vista, com que uns querem se superpôr aos outros. Parece, e queira Deus estejamos enganados, — que falta confiança e — quem sabe? — boa-fé em certos estadistas do continente, procurando afastar as questões pelas simples troca de amabilidades vacias e inuteis. O Brazil comparece a Santiago sem compromissos e inteiramente livre. Embora tivesse querido evitar que a these 12.ª, fosse um pedrouço no programma da Conferencia, procurou minorar as difficuldades com a reunião da Preliminar de Valparaiso, cujo processo revelou bem as intenções das tres maiores potencias sul-americanas. Parece que a these figura mais para effeito decorativo, do que com sincera intenção pacifista, pois não se comprehende como, de modo contrario, se rejeitou a nossa proposta para um entendimento preliminar em Valparaiso, onde as tres maiores potencias militares amainariam as difficuldades e unificariam as suas attitudes, na mesma directiva, para maior tranquillidade e segurança da America. Mas, o que era sincero e leal, pareceu prepotencia e imperialismo, dahi a situação presente, em que as intenções são tão reservadas, a ponto de dar a impressão de que pouco, ou nada, se poderá conseguir. Para o desarmamento vingal é necessario a maior lealdade e franqueza entre os paizes, de sorte a se criar um ambiente benefico de confiança mutua, que torne possivel essa garantia do direito contra os gestos excessivos das grandes exercitos e das esquadras numerosas. Haverá esse espirito em Santiago? E' o que os factos nos demonstrarão nestes dias.

INSTITUTO VARNHAGEN

DISCURSO INAUGURAL DOS SEUS TRABALHOS

Si eu pretendesse fazer-vos agora uma cabal demonstração de quanto pode uma idéa opportuna influir na vida de uma época, penso que não teria mais trabalho do que indicar-vos a iniciativa cujo exito se celebra com esta solemnidade.

Foi bastante que alguns nobres espiritos do nosso meio concebesssem o pensamento de conjugar, em nucleo de esforço cooperativo e de communhão de aspirações, quantos no Brazil se interessam pelas coisas do passado: foi isso bastante para que, não só nesta capital como nos Estados da Republica, tivesse esse pensamento mais do que espontanea e geral adhesão, pois na verdade foi logo recebido em toda parte com acclamações.

Ainda tenho bem vivas na minha memoria a grata surpresa e alegria com que subscrevi o projecto inicial, já subscripto por mais de cincoenta nomes dos mais illustres da nossa intellectualidade: significando isto, portanto, que eu proprio (que não sou dos que menos amam a nossa historia) fui dos ultimos a adherir, mas que me puz logo entre os primeiros a emular com os mais fervorosos no entusiasmo com que adheri.

Nada mais seria necessario para provar que a idéa de fundar-se o *Instituto Varnhagen* veio a seu tempo, e corresponde a uma necessidade do momento.

Que esta necessidade andava sendo com effeito sentida não ha a minima duvida, pois é evidente de si mesmo.

Não seria possivel desconhecer-se que se opera em todos os nossos centros de cultura uma vasta renovação do estudo da nossa historia. Si ainda se exigisse, no entanto, irrecusavel symptoma disso, bastaria de certo inculcar a enorme somma de trabalhos de historia e de geographia com que em todos os Estados se commemorou o nosso primeiro centenario de nação. Segundo um calculo que tive ensejo de ler ha dias, orçam por muito mais de uma centena as publicações de tal natureza que se fizeram em 1922.

Este renascimento dos estudos historicos, a meu ver, explica-se como um despertar do nosso velho sentimento de tradição, que foi sempre entre nós mais forte e poderoso do que talvez em parte alguma da America, e que eu chamaria instincto dominante da raça; mas que andou meio esmaecido durante os dois primeiros decennios da Republica.

Para que se sinta bem a força desse sentimento e as manifestações que delle se encontram des dos mais antigos tempos da colonia, invocaria eu o testemunho de quantos têm lidado no arduo mas gratissimo officio de apanhar as memorias do nosso passado; pois, des do primeiro seculo, o que mais nos assombra é a profusão de material que se veio accumulando acêrca de tudo o que entende com o conhecimento da terra e da gente.

Tem-se a impressão de que os adventicios aqui entravam maravilhados da natureza sob os seus varios aspectos, e o primeiro impulso que tinham era a ancia de passar a outras almas a sensação das maravilhas.

Só depois do primeiro seculo é que vem a phase heroica, em que os actores começam a sentir a grandeza do seu papel. Até ahí a vida lhes corria entre admiração e espanto.

Por isso mesmo é que se poderia dizer que antes de haver propriamente historia houve historiadores, ou melhor, houve chronistas antes de haver chronica. Não tendo factos a narrar, os chro-

nistas descreviam a terra, como si abrissem o scenario para o drama futuro.

Des do principio, não se conhece uma só pequena leva de colonos, uma turma de exploradores que passasse por aqui sem deixar os seus registros, como balisas para os que viessem depois. Des do principio, não; des do primeiro dia, porque o nosso primeiro chronista apparece com a terra.

Pero de Caminha é o nosso primeiro historiador. A nossa historia começa ali, com a visão do monte Pascoal, e com a solemnidade da primeira missa.

E dahi em diante não ha mais nem um dia que ficasse fóra dos annos iniciados em Porto Seguro, pois os que entram aqui dir-se-ia que vivem afflictos por dizer que andam vivendo um mundo realmente novo.

E' assim que cincoenta annos depois do descobrimento, já tinhamos tradições. Quando veio o 1º Governador Geral, já se falava dos inicios da colonia com a veneração que se tem pelos que antes de nós já souberam como não se fazem sem sacrificios destas obras no mundo.

A' celebre carta de Caminha (para pôr de lado os documentos de ordem secundaria) segue-se chronologicamente o *Diario* de Pero Lopes, sem o qual não teriamos meios de saber de modo preciso como é que se lançaram no paiz os fundamentos da colonização official. Basta saber-se que o proprio Varnhagen, depois que conheceu esse *Diario*, teve de modificar a parte da sua *Historia Geral* relativa a Martin Affonso.

Antes de chegarmos á organização politica e administrativa por meados do seculo XVI, não seria legitimo deixar em silencio o grande numero de relações dispersas que se encontram em todas as capitancias.

Nem era isso de extranhar quando se sabe que des daquelles tempos um dos maiores cuidados das camaras locais consistia em recolher e fixar pela escripta todos os successos dignos de memoria; e isto sem esquecer o zelo com que archivaram todos os papeis publicos. E' por isso que não ha hoje um só archivo municipal entre os mais antigos, onde não se encontre farta messe de informações, sobretudo referentes aos tres seculos de colonia.

Póde-se dizer que só depois da independencia (ou talvez da vinda da côrte) é que as municipalidades foram relaxando essa função, e a maior parte dellas limitando-se, quando muito, a conservar na respectiva secretaria a correspondencia official.

Com os lineamentos da ordem politica em 1549, não podia naturalmente arrefecer esta solicitude, característica da raça, em guardar cada geração como patrimonio seu o que de mais excellente haviam deixado as gerações desaparecidas.

E agora parece antes que a tendencia se accentua, e se multiplica o trabalho com a entrada dos missionarios. Não foram só os Padres da Companhia, mas os catechistas de todas as Ordens, que contribuíram para a forinação do incalculavel acervo de noticias, tradições, memorias, que nos permitem hoje conhecer o passado melhor ás vezes do que successos que estão muito mais perto de nós. Como se sabe, não se restringiam os padres a escrever, nas suas annuas, nas suas relações, ou nas suas notas de viagem pastoral, o que era de proveito exclusivo da communhão: entrelaçados com os factos e as coisas de relevancia para as respectivas Ordens, vinham os

factos da administração, as coisas da vida civil, os successos de interesse geral.

Além da massa informe de documentos de tal natureza que se guardavam em todas as capitancias, des do seculo XVI começaram a fazer-se trabalhos de condensação admiraveis, em que já se nos dão, em narrativas ordenadas e integraes, e abrangendo longos periodos, aquelles materiaes avulsos, que vão assim entrando na trama historica.

Entre esses trabalhos, sabem todos que avulta uma obra ainda hoje de valor extraordinario, devendo considerarse a mais notavel de todo o periodo colonial: o *Tratado descriptivo* de Gabriel Soares. E' a noticia mais profusa e mais completa da terra e da gente que até hoje se escreveu. Além de Soares, outros chronistas apparecem ainda no primeiro seculo, taes como: antes mesmo do autor do *Tratado*, Magalhães Gandavo, com a *Historia da provincia de S. Cruz*; e depois Gomes Cardim, com a sua preciosa *Narrativa Epistolar*; e talvez um ou outro de menos importancia.

Cabe aqui uma observação. Ha quem julgue descabido, e até illegitimo incluir entre as produções da nossa cultura original, muitas obras cujos autores nada tinham ainda de americanos. Discordo dessa opinião. Nem sei mesmo si nos julgamos no dever de excluir as relações de viagem de estrangeiros que pela terra passaram vendo-a apenas de relance. O portuguez advena como é que se ha de eliminar si é tão nosso como nós proprios?

Tanto mais tratando-se de testemunhos historicos.

Mas ainda que nas chronicas se procurasse o nosso espirito, nem assim, a meu ver, deveriamos excluir coisa alguma. Como diz um autor dos nossos dias, "é preciso attender a que passando para o novo clima, a viver vida nova, em contacto com outra raça, familiarizando rapidamente com os esplendores desta natureza, dentro de um lustro o adventicio, si não era já um typo inteiramente novo, tambem não era mais o mesmo homem que viera. Os seus horizontes moraes já se haviam dilatado; o seu modo de ser já se resentia das contingencias a que se tinha exposto; e no seu espirito estavam fundas as impressões, vivas e fortes, de um meio, que nelle fizera mais do que, em longos annos, o meio de onde se desplantára. O que sahia dessa alma então já não era nosso?"

Nas origens de todas as litteraturas reconhece-se o mesmo phenomeno. Tudo é vago, amorpho, incaracteristico a principio. Só com o tempo é que se vai, num *habitat* novo, fixando a indole de uma cultura. Antes que ella se *naturalize* e tome feição propria, tudo é dubio, sem relevo, impreciso.

Seria de certo absurdo ir procurar o genio francez em documentos do periodo merovingio, mesmo em chronicas, romanzas, canções de épocas mais recentes; mas numa historia da litteratura franceza ha de necessariamente começar-se por lá, pela filiação de espirito nacional da França."

De sorte que, mesmo tratando-se de manifestações litterarias, tudo o que se sentiu aqui já é nosso, porque já tem a "marca da terra e do ceu." Quanto mais tratando-se de historia.

No seculo XVII, que é o nosso grande seculo, temos ainda maior numero de chronistas.

Só das guerras holandesas contam-se infinitas de relações, a maior parte das quaes do maior preço.

A figura proeminente deste periodo, no entanto, é Fr. Viçente do Salvador; é este para nós de mais estima e valimento, porque escapa á increpação a que ha pouco me referi: este é filho da terra.

A sua *Historia* é a primeira tentativa de historia geral que se faz no paiz.

Não seria justo que neste ponto calássemos o nome do padre Simão de Vasconcellos, o grande entusiasta da natureza americana; nem, sobretudo, o do incomparavel Vieira; sim, porque este é pelo menos tão nosso como de Portugal.

No seculo XVIII, vêm: Rocha Pitta, que é o maior como historiador; Jaboatão, Pedro Taques, Fr. Gaspar da Madre de Deus, e outros muitos autores de memorias e monographias.

No seguinte periodo destacam-se os grandes historiadores, que se poderiam resumir em dois nomes — Roberto Southey e Varnhagen.

Tivemos primeiro os chronistas de tomo: monsenhor Pizarro, conego Luiz Gonçalves dos Santos, padre Ayres de Casal, Balthazar da Silva Lisboa; depois: Fernandes Pinheiro, Ignacio Accioli, Pereira da Silva e Moreira d'Azevedo; e isto sem contar o grande numero de operosos investigadores que se fizeram em quasi todas as provincias. Desses que acabamos de citar, os dois ultimos (Pereira da Silva e Moreira d'Azevedo) já sahiram do dominio da chronica, e fizeram propriamente historia, comquanto restricta a periodos da nossa vida.

Mas Southey e Varnhagen são as figuras culminantes de toda a nossa historiographia.

O historiador inglez, que é representativo na propria litteratura de seu paiz, é um historiador de raça. Pela consciencia com que apanha a synthese dos factos, pelo espirito de justiça com que julga os homens; e além disso, pela espontaneidade e brilho da narrativa, é incontestavelmente quem melhor até hoje escreveu a nossa historia.

Mas R. Southey tem grandes lacunas. Conhecendo o Brazil só pelos documentos dos archivos, dir-se-ia que teve de ceder á contingencia de só tratar dos factos para que dispunha de sufficientes informações. E por isso mesmo, talvez para não perder a abundancia de alguns mananciaes, viu-se forçado a longas digressões pelas colonias vizinhas, e a abranger successos que, embora apresentem alguma connexão com os da nossa, não são propriamente da nossa historia.

Varnhagen é integral. Ha de ser bem difficil e pouco provavel que se descubram nos tres seculos da colonia factos que não estejam no seu contexto.

Depois, é, pode-se dizer, o legitimo creador da nossa historia, tanto pelo culto que a essa rendeu em toda a sua vida, como pela inestimavel somma de serviços que prestou a quantos queiram no futuro completar-lhe a obra pela amplitude.

(Mas quanto ao nosso Patrono ides ouvir daqui a momento a palavra fulgurante do nosso digno orador official).

Depois de meados do ultimo seculo ha uma certa decadencia dos estudos historicos.

Não é propriamente decadencia de estudos. Contra isso protestaria pelo menos o nosso Instituto Historico, que se constituiu, des da sua fundação, um nucleo de homens que se dedicaram ao estudo das nossas coisas, e fortemente estimulados pelo egregio príncipe, que se fez como a alma daquella benemerita instituição durante meio seculo. E o que é de toda justiça reconhecer é que muito se fez, não só pela exploração de fontes documentarias de alto valor, como pelo esforço com que se elucidaram questões e pontos ainda obscuros dos nossos annaes. Um tempo houve (o tem-

po de Gonçalves Dias, Joaquim Norberto, Porto Alegre, Varnhagen, Machado de Oliveira, e outros e outros) em que o Instituto se tornou um verdadeiro cenaculo de fieis, onde se rendia culto ao passado.

Não era, pois, decadencia de estudos o que se dava de meados do seculo em diante: era, por assim dizer, declinio do sentimento da historia entre o nosso povo. Havia quem cultivasse a historia; mas o amor da historia já não estava flagrante no coração dos brasileiros.

Principalmente de 1870 em diatne, parece que nos desligavamos pouco a pouco das gerações precedentes, e esquecíamos as nossas tradições.

Era realmente extranho! Como explicar semelhante phenomeno?

Figura-se-me que a obsessão das reformas politicas e sociaes que se iam debatendo, e que dominaram de uma vez o espirito publico, havia neutralizado no coração popular todas as velhas fibras, deixando-lhe só impulsos de paixão pelo futuro... como si fosse possível, nesta rota de tempo, caminhar sem rumo.

E foi morrendo o instincto de tradição, o respeito pelos maiores, o proprio orgulho dos que souberam honrar-nos no papel que lhes coube. E dos fins do seculo até o primeiro decennio do actual pouco faltou para que se pudesse dizer que tudo isso morrera mesmo em nossa alma de povo. Hontem, pelaancia do futuro; agora, pela fascinação do presente. E pareceu morrer tão bem o sentimento da historia até os primeiros dez ou doze annos deste seculo que se tornou quasi de bom gosto ignorar as coisas mais communs do nosso passado. Não era desdouro para ninguem o deixar de dizer alguma coisa sobre, por exemplo, a revolução de 17, ou sobre o periodo regencial. O que desdourava era não saber em que dia e hora nascera Luiz XIV, ou quantas mulheres teria Henrique VIII de Inglaterra sacrificado... Chegára a perda de nossa consciencia historica ao ponto de ter, segundo se diz, um dos nossos grandes homens politicos, em passeio pela nossa gloriosa bahia, perguntado a um almirante — qual o ponto em que havia aqui fundado a esquadra de Cabral... Era doloroso!

Graças! que esse tempo vai passando. De 1910 ou 12 em diante sente-se que ha um espirito novo a agitar-se no seio do nosso povo. Mas isto é que é preciso frisar bem, porque, diz, melhor do que tudo, de que natureza é, e que importancia tem a renovação que se está operando: agora é o proprio povo que começa a interessar-se pelo nosso passado. Tinham-lhe dito (e disseram-nos dos mais eminentes homens das nossas lettras!) que o Brazil não tinha historia; ou si a tem, é historia destituida de interesse...

Era, pois, necessario que o nosso povo, por si mesmo, viesse a comprehender a sem-razão com que lhe diziam essas coisas. E quando viu o que têm sido, des do primeiro dia de terra até hoje, as tres raças que neste grande trecho do mundo estão representando o seu papel, foi naturalmente reconhecendo quanto andava desapercibido de tudo.

E então revive o sentimento que parecia morto.

E como o sentimento revive, consequentemente mais se estimulam quantos entre nós se applicam ao estudo da nossa historia.

Dahi a renovação de que falei, e sem a qual o proprio amor da patria não seria mais que pura convenção ou artificio.

E com que alegria sentimos isso melhor do que todos os outros symptomas e manifestações que nutrem a nossa fé nos destinos deste grande paiz!

Realmente, Srs., nem é possível siquer conceber idéa de patria isolada no tempo como se acha no espaço. Si pa-

tria não é menos que a existencia moral fundada na communhão social e politica, é bastante que esta noção se fixe na consciencia do homem para que elle se sinta preso ao passado como a vida da flôr á vitalidade da planta.

E' por falta de semelhante noção que ás vezes os povos perdem o seu oriente. Sentindo só o seu dia, não podem mais ter visão, nem alma para mais. Como o seu dia é sobretudo obra de outras gerações, e eles o desconhecem, dahl o falso conceito que se formam de si mesmos, presumindo que tudo fizeram no mundo.

Quero crer mesmo que é desse grande erro que decorrem todas as desordens na vida dos povos — tanto os despotismos e as tyrannias como as revoluções; pois que numa sociedade que não tem mais consciencia de si mesma, todos os dislates passam como soluções de outros dislates.

Mas, Srs., como esses que não têm o senso da Historia esquecem o passado tambem pôde dizer-se que negam o futuro.

E de que modo se fazem a negação do futuro?

E' simples de ver

Si ninguem se desapercebesse da sua vida subjectiva na Historia (principalmente entre os que têm grande papel no mundo) é mais do que provavel que todos viveriam com mais tento e mais amor, e mais fieis ás grandes leis moraes. Haviam de sentir que no futuro está um tribunal soberano, de cujas sentenças não ha o direito de apello nem agravo. Não esqueceriam, nem por um instante, a serenidade austera com que amanhã o historiador lhes fará a autopsia moral, lhes sondará todos os refulhos da alma, examinando-lhes todas as acções, medindo-lhes os proprios gestos.

Mas para sentir tudo isso, e ir pela vida tendo sempre os mais fortes e mais bellos motivos de viver, é preciso que o homem não se isole, como individuo moral, nem dos que se foram, nem dos que hão de vir.

E eis ahi como nas proprias almas onde não ha o sentimento da Justiça Divina, e nessas principalmente, é que se tem de erigir o culto da Historia como disciplina de consciencia. E' o culto da Historia que ha de gerar em taes almas esse poder coactivo que eu chamaria — o temor da posteridade, si é que nellas fallece o temor de Deus.

E' assim, Srs., que a História, além de ser a mais complexa, é a mais edificativa de todas as sciencias.

Para que disso nos convençamos, basta reflectir que o que caracteriza toda a vida moral do homem, e com tanto mais força quanto elle se desenvolve, é a aspiração de sobreviver. Esta ancia de perdurar na memoria do mundo se encontra em todas as almas, ainda nas mais rudes. O instincto da gloria está no fundo de todas as vidas. A propria ambição de fazer fortuna, como todas as ambições, não é sinão uma forma de aspirar a sobrevivencia. Ninguem se satisfaz de só viver o seu dia. A tendencia mais normal, e que se diria innata no homem, é viver com os que passaram, e ficar vivendo com os que vierem.

Por isso mesmo penso que podem já dizer que presentem e gosam um como luar de eternidade os que vivem da grande luz da Historia.

E assim entendida, sob este alto ponto de vista, a Historia é para nós muito mais do que foi para os antigos. O objecto della é o desenvolvimento do espirito humano, através das vicissitudes que os homens, as gerações, as sociedades vêm soffrendo. Tudo o que figura nos annaes humanos — factos da ordem politica e da ordem civil; costumes, usos, sciencias, artes, industrias — tudo isso é accessorio, é contingente, porque tudo não é mais do que forma,

apparencia, expressão de alguma coisa que não passa, que subsiste e é eterna na vida da família humana, e que se afirma cada vez mais nitida, mais intensa e mais inamissível.

Para entender a obra humana é preciso, pois, ter no espirito e na alma toda a luz dos que têm pensado e têm sentido. Um homem culto (desta cultura que allia todas as gerações) pôde dizer-se que é um resumo, um expoente de todos os cultos que o precederam, uma como expressão flagrante da alma imortal do mundo. Tem elle o dom maravilhoso de conviver com todos os grandes espiritos de ha tres ou quatro mil annos, e tão intimamente como si estes vivessem na hora actual. Quer isto dizer — não ha propriamente passado para o homem de espirito (isto é, para os que, pela Historia, vivem com todas as gerações), pois tudo de grande que passou está nelle, e tão vivo como si tudo estivesse presente. Elle se entende com Cicero como si este lhe estivesse ao lado, bem vivo, sentindo e falando. O tempo que decorreu entre Cicero e elle deixou de existir.

Mas então isto já não é mesmo um ensaio de eternidade no proprio tempo?

Quereis ter uma sensação perfeita de semelhante phenomeno, lêde principalmente certos autores; lêde Platão, por exemplo, na *Apologia de Socrates*; e diizei-me si não sentis flagrante viver diante de vós aquelle homem que vai morrer, o maior espirito de toda a historia profana!

E para onde foram os vinte e tantos seculos que ficaram entre Socrates e vós?

Srs. E' tempo de concluir, pois vai longe demais esta pobre arenga.

Estou persuadido de que o vasto movimento de reabilitação civica, que por todas as fórmulas se está fazendo no paiz, se relaciona muito de perto com a revivencia da nossa cultura historica.

Nada mais natural do que isso. Como é que se ha de sacudir a nossa alma de povo si não estiver ella voltada para a nossa historia? Como é que a

nossa mocidade poderá amar verdadeiramente uma patria que não conheça?

Não é só pelas armas que se engrandecem nações e se defendem patrias; é tambem, e principalmente, pelo valor moral, pelas grandes virtudes civicas, pelo esforço e pelo trabalho, pelo sentimento de justiça com todo o mundo, pela coragem com que se levam os grandes ideaes da intelligencia e da razão humana.

A nossa concordia interna, a nossa paz com os vizinhos, a nossa fraternidade com todos os povos do continente, a nossa propria honra no exterior, antes de tudo hão de estar em nosso coração.

Em summa, só seremos grandes e respeitadas sendo uma só coisa: sendo cada vez mais brasileiros.

E' isto o que o *Instituto Varnhagen* aspira, e ha de concorrer para que se torne dominante no espirito do nosso povo.

Rocha POMBO.

O CENTENARIO DE RENAN

A figura de Ernesto Renan, que encheu o seculo passado com o prestigio de uma obra formidavel, é evocada neste momento, aos cem annos de seu nascimento humilde, em Tréguier, que o mundo culto celebrou gloriosamente. Nenhum pensador foi mais combatido e mais negado, representou força mais intensa no seculo passado, do que o autor da "Vida de Jesus", tentando com uma super-affectação scientifica, refazer a historia do christianismo, deformada nesse cadinho precioso. Pretendeu tornar á intelligencia o instincto da verdade, cujo filão mysterioso estaria na natureza, da qual o symbolo humano era a historia. Dahi o scientificismo da historia, segundo o qual as obras humanas são regidas pelo determinismo causal, que impelle o universo, no seu perpetuo vir-a-ser, no qual "tudo se justifica e harmoniza", pelo "Espirito infinito que evolue no universo" e, em definitivo, é Deus. Renan tentou a identificação de Kant, de Comte e de Hegel, animando-os com sua fé inconstante, entre uma sciencia fatal e uma categoria do ideal, onde estava Deus, como "a somma de nossas necessidades super-sensíveis". A obra de Renan, cuja penetração foi formidavel, agitando os partidos, interessados em suas resultantes sociaes, passou da meditação para as polemicas, as disputas, as intolerancias. Aquelle extranho scepticismo, num destruidor de fé, embora de fé paradoxal, aquella serenidade fria de sabio, do "Corpus Inscriptionum Semiteiarum", aquelle lirismo dos "Souvenirs" e de "Henriette" e aquella grandza de relevalado, recitando a "Oração na Acropole", faziam de Roma uma das mais empolgante figura de seu tempo, fosse na barricada, fosse no convivio dos deuses... E' que a obra de Renan, consoante a observação do Sr. Paul Bourget, resulta do talento germanico, apurado em educação allemã, como elemento masculino, e da imaginação celta, principio feminino.

"Esta fecundada pelo genio allemão teria feito nascer o talento do autor da "Vida de Jesus". Mas, como sempre, foi do lado materno que veio a graça de criança". Porque, em Renan, a par da obra de investigação e analyse, que é preciosissima, o que perdurará ha de ser o artista, e sua proprio mestre, mas a arte o transfigurou eternizar, se viciou na ironia do na Acropole" A intelligencia, que prepara sempre commovidos, será a "Oração pagina immortal, que os homens repetirão, permittindo-lhe viver "dans la nature quelque chose au delà de la réalité". Foi um enamorado da belleza e nos seus olhos de celta o brilho do olhar claro de Pallas foi um deslumbramento. E elle ouviu a voz maravilhosa, que Anatole France, por predestinação, poude repetir aos homens, inaugurando a sua estatua, em Tréguier. E Pallas Athenéa disse: — Je suis la Sagesse. S'il est difficile aux hommes les meilleurs de me reconnaître des l'abord á cause de mes voiles et des nuées qui m'enveloppent, et parce que, semblable au ciel, je suis orageuse et sereine. Mais toi, mon doux Celte, tu m'as toujours cherchée, et chaque fois que tu m'as rencontrée, tu as mis ton esprit et tout ton coeur á me reconnaître. Tout ce que tu as écrit de moi, poete, est véritable. Le génie grec me fit descendre sur la terre, et je la quittai quand il expira. Les Barbares, qui envahirent le monde ordonné par mes lois, ignorai ent la mesure et l'harmonie. La beauté leur faisait peur et leur semblait un mal. En voyant que j'étais belle, ils ne crurent pas que j'étais la Sagesse. Ils me chasserent. Lorsque, dissipant une nuit de dix siècles, se leva l'aurore de la Renaissance, je suis redescendue sur la terre. J'ai visité les humanistes et les philosophes dans leur cellule, où ils gardaient précieusement quelques livres au fond d'un coffre, les peintres et les sculpteurs dans leurs ateliers, qui n'étaient que de pauvres boutiques d'artisans. Quelques-uns

se firent brûler vifs plutôt que de me désavouer. D'autres, à l'exemple d'Erasmus, échappaient par l'ironie à leurs stupides adversaires. L'un d'eux, qui était moine, riait parfois d'un rire si gros en contant des histoires de géants, que mes oreilles s'en seraient offensées, si je n'avais pas su que parfois la folie est sagesse. Peu à peu, mes fideles grandissent en force et en nombre. Les Français, les premiers, m'élevèrent des autels. Et tout un siècle de leur histoire m'est dédié.

Elle conclue: "Pendant que les Titans ennemis des dieux justes entassent les rochers et que les géants impies forgent leurs armes, je fonde la Ville sainte. A voir mes ouvriers creuser la terre et transporter les matériaux, parfois les sages eux-mêmes ont peine à discerner mes plans ingénieux. Dans les chantiers où l'on taillait, au lendemain de Salamine, les marbres de mes Propylées, il était difficile de découvrir, parmi les blocs épars, la pensée harmonieuse de Mnésiclès. C'était là pourtant qu'elle prenait sa forme et naissait à la lumière. L'avenir ne s'y trompe pas: on reconnaîtra mes œuvres à leur stabilité. Les edifices de l'ignorance et de l'erreur s'écroulent misérablement. Tu l'as dit: Rien ne résiste, rien ne dure, que ce qui a été mesuré et calculé par moi, car je suis la prévoyance, l'ordre et la mesure, car je suis la pensée de tous les hommes qui pensent, la science de tous les hommes qui savent, ta science et ta pensée, ô Renan!

Reçois de mes mains le rameau d'or que tes soins ont fait croître: vis dans la gloire, vis dans les plus nobles coeurs et dans les plus fortes âmes des hommes, vis en moi, ô de meilleur de mes amis. Tu as obtenu l'immortalité à laquelle tu aspirais. Tout ce que tu as conçu de beau et de bien demeure et rien n'en sera perdu. Lentement, mais toujours, l'humanité réalise les rêves des sages"

LETTRES DU PAYS DES AMAZONES

De l'esthétique du carnaval brésilien

I

L'aspiration à la joie, qui dans notre inguérissable mélancolie, surgit parfois inopinément, s'affirme avec une évidence singulière dans nos fêtes populaires, ou plutôt dans notre grande fête populaire qui est le carnaval. La coutume veut chez nous que les gens cultivés méprisent tout ce qui ne porte pas l'empreinte de l'esprit européen et naît spontanément du tempérament national.

Il est donc de rigueur, par un intolérable snobisme intellectuel, de se gausser de ces "grossiers divertissements", bons tout au plus, dit-on, à amuser les bonnes et les garçons coiffeurs et à détourner les inquiétudes politiques menaçantes d'un peuple ignare et incompréhensif. Je laisse pour une autre fois le soin d'examiner si notre masse plébéienne est réellement si dépourvue de goût, et s'il n'est pas plutôt certain qu'un sentiment instinctif de la beauté ne soit son partage. Et il me paraît qu'elle le manifeste pour le moins, dans bien des actes collectifs, une puissante, originale et très humaine fibre artistique. C'est ce qui me fait défendre le carnaval chez nous et le considérer comme un signe révélateur de notre tempérament. Les fêtes populaires sont le reflet du caractère national, (ce n'est pas moi qui ai découvert cela), et si les Grecs manifestaient leur sens profond de l'harmonie et de la beauté plastique dans leurs panathénées et leurs jeux, si les Romains affirmaient leur volonté impériale dans le triomphe, si les Espagnols, encore aujourd'hui, témoignent dans leurs courses de taureaux leur cruel amour des spectacles pathétiques et leur sentiment du tragique, dont le contrepoids, — si j'ose dire, — est la véhémence sensuelle de leurs danses, le Brésilien, le triste et morose Brésilien, exhale sa soif d'allégresse, son goût de la vie en mouvement dans ces trois jours de carnaval.

C'est une chose bien remarquable que le carnaval, qui est presque universel chez les peuples blancs, soit devenu tellement nôtre, ayant atteint chez nous un degré insoupçonné. C'est notre fête nationale, je veux dire la fête populaire la plus typique, la plus significative de nous-mêmes que nous ayons. Il n'est pas exagéré de dire qu'il vaut la peine de venir de loin pour y assister, comme l'on fait pour la semaine sainte à Séville, car pendant ces trois jours et quatre nuits elle présente un spectacle réellement unique.

On rirait de moi ici si je disais que l'art préside au carnaval brésilien, car on aime à considérer l'art comme une chose austère ou élevée et on se récuse à le retrouver dans la libre fantaisie et dans la joie débridée. Mais l'art ne connaît point de frontières, il peut aller partout, se mêler, à tout, et il est autant, quoique à des degrés divers, dans le bois sculpté du bambara, dans la danse des cambodgiennes ou dans un poème

de l'empereur aztèque Netzahuacoyotl — (m'en pardonnent les esthètes) — dans une page de Haendel, dans un carton d'Ingres ou une ode d'Horace. J'ai vu une fois, (je crois que c'était au Musée de Paris) un buffle gravé sur pierre par un homme de la préhistoire, et, chez un ami, des statuettes de cuivre ciselées par un Dahoméen: c'étaient, je vous l'assure, de pures œuvres d'art, douées d'un rythme étonnant et très beau. Et pour moi le rythme c'est l'art.

Or le rythme est partout dans notre carnaval; il naît spontanément, naturellement et règne en souverain maître. Notre carnaval n'est que rythme...

Nos danses nationales sont filles de celles des indiens autochtones et des nègres importés d'Afrique, mais le grand travail de fusion qui a tout dissous pour laisser place à une synthèse originale, les a transformées au point qu'elles sont maintenant bien nôtres et nôtres uniquement. Nous avons, — je sens que la aussi je ferais rire mes compatriotes, — nous avons notre maxixe; non pas celle que vous connaissez et qui a été fabriquée par des professeurs de danse plus élégants qu'avertis, ni même celle de nos salons, mas *lavraie*, la maxixe onduleuse, souple, ardente, lascive, d'une volupté sauvage et toute puissante, qui prend les corps, les mêle, les confond, les emporte dans un tournoiement despotique tour à tour lent et plus vif, dans une sorte d'extase délicieuse et douloureuse à la fois. Certes, je ne saurais dire qu'elle est convenable, mais l'art se moque de ces choses. Nous avons aussi les danses collectives des groupes de masques, qui forment des fresques bien curieuses, et les danses individuelles dont quelques-unes sont classiques, je veux dire ont une sorte de canon fixe, mais dont la plupart sont le fruit spontané de la fantaisie, de l'exaltation du moment, des improvisations où réellement s'affirme l'artiste directement naturel qu'est le Brésilien. On songe, en voyant se dérouler le mouvement d'une de ces danses, à l'infinie variété de lignes humaines que révèlent ses attitudes successives et qui, quoique sans contredit moins pures que celles fournies par les danses grecques, sont indiscutablement plus nombreuses et plus riches.

Mais c'est surtout dans nos chansons *carnavalesques* (comme on dit ici) que l'art éclate et triomphe. Je ne parle pas des paroles, où nous n'avons rien à envier à la sottise qui est l'apanage des chansons populaires de tous les pays, (à quelques rares exceptions près, parmi lesquelles nos chansons de paysans du nord, d'où se dégage une poésie prenante et mélancolique), mais des airs qui les composent et qui sont à tous points de

vue remarquables. Chaque année, quelques semaines avant le carnaval, on voit paraître soudain toute une floraison de ces airs, dont le peuple s'empare avec avidité, les apprend en peu de temps et en éparpille les notes amusantes aux quatre coins du pays. Le rythme en est étonnant et unique, et si suggestif, si particulier qu'il est incontestablement une des manifestations les plus propres à notre génie. On y retrouve, brisant la monotonie d'une vie très étale, comme est la nôtre, cette exaltation souveraine qui paraît avoir présidé à la naissance de nos paysages grandioses et l'éclat insoutenable et triomphal de notre soleil. Un mouvement intense les anime, semblable à celui qui paraît s'être arrêté à son paroxysme dans nos montagnes convulsées et chevauchantes. Les auteurs qui les composent, — cela peut paraître paradoxal mais est très réel, — sont nos seuls vrais artistes, bien à nous, rien qu'à nous; ils ont secoué l'entrave d'une fatalité contingente pour traduire, en quelques motifs toujours renouvelés, notre ambiance et notre nature, en épousant l'allure et le sens profond, libérés, de sa contrainte et vainqueurs de sa magie désormais dévoilée.

Et aux accords de cette musique vibrante et énermée, tout notre peuple, éveillé de sa torpeur maussade, sort en masse, avide de se dépenser en mouvements frénétiques. Tout chante et s'agit, tout obéit au rythme profond qu'a insufflé la Joie resuscitée. Les mille couleurs des déguisements pompeux, comiques ou effrayants, chatoyent dans une harmonie heurtée et universelle. Des bandes, encadrant des musiques incessantes, défilent infatigablement, en une perpétuelle trépidation, parmi les innombrables isolés que coupent les cordons et les monômes chantants. L'air s'imprègne de parfums violents, qui grissent et incendient les cervelles. Les serpents multicolores dessinent leur vol hardi. Les confettis sont des mondes bigarrés, tôt retombés dans la poussière chaude et âcre. Une étrange volupté tord les nerfs irrités. La fatigue fait s'accroître dans les corps courbatus d'indéniables sensations et des désirs inouïs. Tour à tour le soleil calcinant, puis la nuit lourde et surnaturelle, enveloppent cette folie universelle. Le mouvement n'a point de cesse. On va aux limites extrêmes des possibilités physiques, dans un vertige dyonisiaque. Et dans cette réalisation finale de ce que nous avons en nous d'excessif, tous, confondus, paraissent courir, dans une course de vivants éperdus, au gré d'un archet de démente infernale, entraînés dans une terrible et resplendissante danse de mort...

Bien vôtre.

VALÈRE



VARNHAGEN

O HOMEM E A OBRA

Em quasi todas as capitaes brasileiras — escrevemos recentemente para Lisboa, — veis á sombra do Passado um instituto historico e geographico, um archivo publico e erudito, com a sua revista, os seus annaes, a sua mobil teia de aranha chronologica, destecendo e recompondo os factos seculares. Nesse devoto exercicio mental de paciencia e de penumbra, em que se amontão por centenas os volumes, por milhares as monographias, dissemina-se o culto pre-litterario da Tradição. A flamma do Bello ainda não correu, senão por instantes, sobre a meticulosidade, a monochromia desses tomos, erguidos como torres quadrangulares na paizagem dos seculos animados pelo choque de tres racas. Entre documentos e dissertações, authenticase o Passado, mas o espirito que o fez immortal, hruxoleando na inconsciencia das turbas, resplendendo no sacrificio dos heróes, aguarda o *epos* de von Martius, a hisaoria-poema do Brasil, formosa como a propria terra brasileira.

Tal é o reino de Varnhagen, o arido e vasto reino, fundado laboriosamente pelo seu estudo e pela sua escripta em 40 annos de obstinada investigação. Ahi moureja, prosaicamente, uma descendencia innumeravel. Que os mocos lapidem a forma contemporanea, o verbo das novas gerações para os dias extinctos, e nessa forma reapareçam, perpassem á flor da actualidade grupos de imagens tradicionaes e evanescentes, as origens veladas como enigmias, attitudes que fixaram o nosso destino, successos de que se fez, densamente, a auri-verde trama do symbolo nacional. Seguido por uma legião miuda e azoicante, ora de criticos, ora de copistas, Varnhagen excava a materia priina da sua obra, sem cessar, na profundeza nativa das éras coloniaes, abysmos donde sahe o historiador tão identificado com a historia, que, a poder de antiguidade, personifica em si mesmo, por vezes, o sentimento e a linguagem dos antigos. Varnhagen transporta e rebusca, martella e rebate, amolga e refunde na sua obra o Passado, entre ascuas de fornalha e echos de bigorna. E' um forjador attento e possante, cujo berço, aliás, foi armado entre os duros trabalhos da forja paternal, como na sombra dos velhos mythos oscillaria o berço de um cyclope, junto a um bloco de ferro.

Assim devemos chamar-lhe, com effeito, o logar do nascimento na terra paulista — Ipanema, — onde o pae, soldado da Germania ao servico de Portugal, e soldado que se batera impavidamente sob o pendão azul e branco, em Vimieiro, contra as hostes napoleonicas, planeou o estabelecimento da nossa industria siderureica em 1810, por incumbencia do conde de Linhares, e logrou realisar-o em 1815, após o desastre do fanfarrão Hedberg.

No dilatado plaino que vae da serra de S. Francisco ao Tieté, quasi a bipartil-o, empola-se até á visinhança das nuvens, medindo tres leguas orographicas, dominada na sua altitude por tres morros, scindida nos seus flancos por tres veeiros de ferro magnetico e ferro especular, a montanha *Araçoyaba*, nome que se traduz vernaculamente: *esconderijo do dia*. Para a visão indigena, resvala ahi o sol, fazendo a noite; para a nossa visão, desse lendario arcano solar e selvagem levanta-se outra claridade. Ao pé da longa e ferrea montanha, contornada pelo rio Sorocaba ao norte, a leste e a oeste pelos arroios Ipanema e Sarapuy, como se a envolvesse o prestigio de tres nubes aquaticas, nasce o illustre Varnhagen. Certo, esse predicativo não sôa melhor na versão das rhapsodias homericas, ajustado aos heroes de Troya, dos quaes o nosso fez derivar, ethnicamente, o saggitario tupi.

De linhagem guerreira sabemos que era Francisco Adolpho de Varnhagen, nascido em

17 de Fevereiro de 1816, baptisado na capella da Real Fabrica de S. João de Ipanema em 19 de Março do mesmo anno, como filho do sargento mór do Real Corpo de Engenheiros Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen e da sua mulher Dona Maria Flavia de Sá Magalhães. O pae, allemão da cidade de Arolsen, principado de Waldeck, a mãe, senhora nativamente portugueza, (o que induzem das circumstancias os biographos, por não terem disso referencias), davam ao Brasil, dest'arte, um exemplar daquelle cruzamento ibero-gothico, sobre o qual viu Alexandre Herculano conjugadas e nacionalisadas, em seculos idos, as *virtudes asperas da Germania e as tradições da cultura e policia romanas*.

Emprehendidas por Varnhagen pae em fevereiro de 1815, só em outubro de 1817 findaram as obras consideraveis da fabrica de S. João do Ipanema — fornos altos, pilões, açudes, — e só um anno depois, em 1º de novembro, é que esse precursor da siderotechnia brasileira poudo ver condensada no metal, rigidamente, a sua perseverança. Liquefeito, do grande forno acceso borbotou nesse dia o ferro candente, referveu pelos sulcos abaixo, defluiu na sua igniscencia, rubro, até aos moldes de tres cruces enormes, com que o triumphador, depois de render graças á Divindade, quiz assignalar o seu triumpho nos logares circumvisinhos. Dellas a mais alta, fincada no alto do morro contiguo, superpoz-lhe a gloria do esforço vulcanico, assim christianisado, ao peso do minerio bruto. E essa cruz de ferro, levantando-se para os céos do Brasil na sua ferrea montanha, não é só a lembrança de uma industria, mas tambem o symbolo de uma historia — a industria e a historia dos Varnhagen, ambas forjadas na mesma rudeza, em blocos e lascas, pelo mesmo vigor de alma e de sangue.

Como dissocial-as uma da outra, se a identidade originaria é tão inilludivel, que a empreza technica do pae, encorporada á obra cyclica do filho, deu assumpto para vinte paginas evocantes, num texto dirigido á posteridade, constituindo a penultima secção da *Historia Geral do Brasil*, sob a epigraphe — *Minas de ferro. Primeiras fundições em ponto grande?* Historicamente, pois, avulta o pin-caro de ferro sobre a montanha de letras, desbastado o primeiro, construida a segunda pela força do homem, e acercando-nos da sua grandeza estamos no elemento ideal de Varnhagen, como na industria siderurgica do seu progenitor, cujas palavras dizem, assim, a opulencia e o encanto de Araçoyba: "Sobre a cima do principal cabeço ha uma lagoa que chamam aqui *Dourada*, na qual o povo diz apparecerem fantasmas, que guardam os thesouros nella escondidos. O mineral solto á superficie do morro é tanto e tão rico que creio só delle se poderia, por mais de cem annos, alimentar a maior fabrica do mundo, sem recorrer a trabalho algum mineiro".

A' pesquisa de Varnhagen, o historiador, não bastou, entretanto, como bastaria ao metallureista, o copioso minerio esparso na falda granitica da serra, ao alcance de todas as mãos industriosas. Com a sua lampada, só, atravessando a noite subterranea das galerias, o mineiro é bem a expressiva imagem allegorica desse investigador. Desde a genese das *Reflexões criticas sobre o escripto do seculo XVI impresso com o titulo de "Noticia do Brasil"*, estrêa que lhe valeu, datada de 1839, o inresso na Academia Real de Sciencias de Lisboa e no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, até á nota que a Revista desse Instituto, pouco antes da sua morte, occorrida em 1878, lhe publicou acerca de como não foi na — *Corôa vermelha* — na enseada de Santa Cruz que Cabral primeiro desembarcou e em que fez diaer a primeira

missa — Varnhagen despendeu quatro decennios, ou mais, em uma vida de sessenta e dous annos, longa para os ocios alheios, breve para os seus immensos trabalhos, esquadri-nhando fontes, perquirindo textos, resolvendo problemas historicos. A' maneira dos velhos dynastas, o pae da nossa Historiographia tem um cognome imperatorio, mas radicado no amago das éras, que se aprofundam em revelações inexgottaveis, á semelhança das camadas telluricas: Varnhagen, o excavador.

Consumindo as horas na minucia dessas excavações, a sua intelligencia desconheceu a poesia da Historia, não attingiu o cabeço da montanha, em que a *Lagoa Dourada*, toda ella de ouro fluido e borbulhante, ao sol meridiano, ou de ouro estagnado e fosco, ao entardecer, no velario crepuscular da lenda, recitava espectros e thesouros. Varnhagen é o homem da investigação opposto ao homem da imaginação, como poderiamos oppor um benedictino medieval, entre os paineis sagrados e sombrios do claustro, a um colorista veneziano do Renascimento, ebrio de luz no seu arco-iris. Explorador incansavel do poço lendario, em cujas trevas se esconde a Verdade aos que a desejam, elle persegue tambem um phantasma e procura um thesouro, mais difficeis de achar, no silencio das épocas mortas, que esse tropel de assombros e esse fulgor de riquezas vans da *Lagoa Dourada*. Não o fascina a torrente de ouro, a Castalia de ouro estuante, illusoria, serpeando acaso nos montes, descendo acaso das nuvens, sob o galope de uma Chimera intangivel. Como o pae, Varnhagen objectiva ferreamente a sua razão de ser: com elle principia a idade de ferro da historia do Brasil. Mas a ausencia do primeiro motiva o declinio de uma realisação, que, ainda hoje, mal vislumbramos nos raros fornos accesos, entre jazidas ferreas e depositos carboniferos; a gloria do segundo irradia cada vez mais, envolvendo o perfil do proprio ascendente, rematando o culto dos antepassados communs, dest'arte, com a effigie e o exemplo do seu progenitor (1).

A formação intellectual de Varnhagen é solidamente portugueza; a sua vocação nacional é intensamente brasileira. Habitando em Portugal, desde oito annos, elle cursou mathematicas no Real Collegio Militar; bateu-se ás ordens do Duque de Bragança, ex-D. Pedro I, e por D. Maria da Gloria, entre os restauradores liberaes, contra D. Miguel, a reacção absolutista, conquistando na linha de fogo o posto de 2º tenente de artilheria; perfee na Real Academia de Fortificação os seus estudos. Já o seduzia nesse tempo a litteratura historiographica, renovada e colorida, pouco depois das batalhas de Almoester e da Asseiceira, pela geração romantica do *Panorama*, grande revista lusitana. Que era como instrumento de cultura o *Panorama*? No conceito pejorativo de Theophilo Braga, a reproducção do *Magasin Pittoresque*, do *Museé des Familles*, de analogas publicações francezas, em geral com as mesmas gravuras, até com os mesmos artigos. Mau grado a sua deficiencia de originalidade, ou os seus artificios de linguagem, asperamente criticados, o *Panorama* foi uma das mais bellas formas daquelle mo-

(1) ... "se nos alargamos demasiado — escreve o autor da *Historia Geral do Brasil*, á pag. 1.173 da 2ª ed. Laemmert; — se a penna não poudo conter-se a seguir os impulsos do coração; se dissemos mais do Ipanema e do seu benemerito engenheiro do que desejavam saber os leitores, desculpa merece quem crê em consciencia que cometteria uma grande injustiça e quasi uma impiedade, se tivesse tratado de ser menos extenso neste assumpto, que diz respeito ao seu progenitor, e até ao logar do seu nascimento".

vimento ou, antes, daquelle resurgimento do espirito portuguez, sobre o qual disse Edgar Quinet em *La France et la Sainte Alliance en Portugal*: "Neste paiz, que, havia dous seculos, deixara de pensar, uma vida inesperada vibrava em obras inspiradas pelo amor e pela tradição da terra" Desde a época dos *Lusíadas*, para Almeida Garrett, não se conheceu em Portugal tanta emoção, tanta esperança, tanta impetuosidade, um sentimento indigena tão profundo nas almas e nas letras. Fulge a primeira série do *Panorama* com Herculano, influenciado na arte pela mentalidade hugoana da *Nôtre Dame de Paris*, na moral pela vehemencia catholica das *Paroles d'un croyant*, de Lammenais; culmina a terceira serie, já em 1853, na lucilante novella historica de Rebello da Silva. O genero em que Walter Scott foi poder soberano e deu magesticamente leis, com a revivescencia litteraria de costumes e caracteres, apaixonava os moços. Entendia o proprio Varnhagen que "a forma do romance era o melhor meio de adaptar ao gosto de todos a historia do paiz", e escreveu com afinco, divulgou no *Panorama*, em 1840, a sua novella "*Chronica do descobrimento do Brasil*". Venturosamente, para as nossas letras e para o seu renome, a litteratura apenas reteve de passagem o historiador. Além dessa primeira e vetusta novella, sahiram da mesma lavra, com intermitencias longas, o *Amador Bueno*, de 1847, drama epico-americano em 4 actos e 3 mutações; Sumé, lenda mytho-religiosa americana ("Recolhida em outras eras, por Um indio Moranducara; agora traduzida e dada á luz com algumas notas por Um Paulista de Sorocaba"); e o *Caramuru*, romance historico-brasileiro, escripto em verso. Das tentativas romanescas, dramaticas e poeticas de Varnhagen os unicos elementos apreciaveis teriam sido a correcção grammatical e a verosimilhança historica. Certo, a Vida não lhe tinha communicado essa mysteriosa força ideoplastica, revelada na criação da belleza. Grave, secco e probo, era um decifrador de textos, não um lapidario de phrases. Pedro Lessa, juiz e mestre, sentenceou luminosamente acerca do seu drama: Não é uma obra de arte; é uma obra de bom senso". E acerca do seu poemeto: "Quanto ao *Caramuru*, em versos, não é possível sequer attenuar a imperdoavel falta, dizendo que foi um peccadilho da mocidade. Não; trata-se de um crime horrendo, perpetrado aos quarenta e tres annos de idade, e para o qual todas as penas divinas e humanas seriam levissimas" Archivemos a sentença de Pedro Lessa, as palavras de ouro ponderadas na balança judiciaria. Nada lucraria Varnhagen, se intentassemos a revisão do seu processo litterario, perante o Supremo Tribunal das Musas.

No ambiente do *Panorama*, comtudo, embebeu-se a curiosidade, viçou a paixão historica de Varnhagen. Frequentando as aulas de mathematicas, em Lisboa, o official da campanha restauradora concebia já um plano de historia da civilização brasileira, mais tarde avigorado pela fundação, no Rio, do Instituto Historico e Geographico. O preterito começava a ser, para elle, um definitivo modo verbal. E aos vinte e quatro annos, saudoso do paiz de origem, decidiu Varnhagen rever o Brasil.

Aqui estava em 1840, aqui obteve em 1841 o reconhecimento imperial da qualidade de cidadão brasileiro (decreto de 24 de julho), e assim o direito da terra-mãe ás plantas e aos homens, que lhe brotem acaso de extranha semente, o indeclinavel *jus soli* da patria, formada por alluvião emigratoria, foi esplendidamente reivindicado pelo seu filho com energia teuto-lusa. Magnifico exemplo aos brasileiros natos de qualquer progenie! Filho de soldado allemão, e elle mesmo soldado portuguez, Francisco Adolpho de Varnhagen prefere o logar do nascimento ás demais considerações de estirpe, de interesse, de oportunidade, renuncia ao porte de uma espada, sob uma bandeira veneravel, transpõe o oceano para disputar a honra de ser brasileiro. E por esse titulo, dedicando á tradição do paiz, onde nascera, o labor de toda a sua

existencia, dá finalmente ao Brasil, modelada no estylo de ferro e de granito das culminancias naturaes, uma obra gigantesca.

Breve foi o contacto de Varnhagen com a terra natal. Seguindo a carreira diplomatica, exerceu de 1842 a 1867, na Europa e na America do Sul, as funcções de addido, secretario, ministro residente, ministro plenipotenciario e enviado extraordinario (2).

Trinta e seis annos de uma carreira placida, lentamente graduada, constituem, pois, a diplomacia de Varnhagen. Mas, na placidez official das legações, convem exceptuar o decennio sul-americano. Inserem-se, com effeito, nesse periodo os seus trabalhos mais arduos como diplomata, alguns delles redobradamente penosos, esterilizados por delongas, contratempos, circumstancias desfavoraveis, entre as quaes póde menos a vontade humana que o instincto do voo sem espaço livre. Fatham, então, algumas das suas missões especificas, tendo por objecto a fronteira entre o Brasil e a Venezuela, o accôrdo complementar entre os dous paizes sobre navegação fluvial, depois do tratado de 5 de maio de 1859, e a celebração de um acto equivalente com a Republica de Nova Granada, hoje da Colombia. Outros casos de fronteira e de navegação do Amazonas — casos mais felizmente resolvidos —, pesaram ainda sobre o diplomata, acreditado perante o Governo de Lima. Precursor de Rio Branco, embora os deuses raianos lhe fossem pouco benignos, elle aprofundava as nossas questões de limites, e do seu punho, nessa especialidade, a Bibliotheca Nacional do Rio conserva memorias ineditas.

A residencia sul-americana, fóco da actividade internacional de Varnhagen, define-lhe a carreira diplomatica em dous momentos, duas attitudes caracteristicas. Dizemos intencionalmente — *caracteristicas* —, porque sobresahe dessas attitudes singulares a logica integral desse caracter.

Entre o plenipotenciario brasileiro visconde do Rio Branco e o paraguayo Francisco Solano Lopes fóra concluido em Assumpção o ajuste de 12 de fevereiro de 1858, abrindo a todas as bandeiras o rio Paraguay, com franquias essenciaes. Reconciliavam-se os dous Estados, havia cinco annos desavindos, porque em agosto de 53 o primeiro Lopez, Carlos Antonio Lopez, mandara entregar os passaportes ao ministro brasileiro Felipe José Pereira Leal, bruscamente despedido, officialmente injuriado pelo dictador, e o mesmo desposta annullara, depois disso, o convenio de amizade, navegação e commercio, que o seu representante Berges subscivera com o do Governo Imperial, no Rio, em 6 de abril de 1853. Assim restaurada a cordialidade ephmera por um septennio, ao qual succederia o tormentoso lustro da guerra, Varnhagen foi nomeado ministro do Brasil no Paraguayo.

O governo do primeiro Lopez, attenuando, embora, o isolamento nacional, a austeridade jesuitica e a loucura sanguisedenta de Francia, não quebrara os moldes tyrannicos, productos daquelle secular passivismo, em que a theocracia das *reduções*, devotamente, comprimira a alma de um povo americano, immobilizado para a Vida, segundo a regra da Ordem: *perinde ac cadaver*. Ao contrario, dos antigos moldes renasciam, com a inexo-

(2) Despachado em 1842 como addido á Legação em Lisboa, ahi permaneceu durante cinco annos, dahi foi removido em 1847 para Madrid, onde serviu até 1858, com accesso de addido a secretario, depois a encarregado de negocios. Ministro residente no Paraguay, em 1859, e acreditado na mesma categoria, dous annos após, em Venezuela, Nova Granada, Equador, passou a Ministro Plenipotenciario, em 1864, com exercicio no Perú, Equador, e Chile, exercicio, afinal, circumscripto á primeira nação desse grupo, quando instituímos novas legações, além dos Andes. Em 1868 era Ministro Plenipotenciario e Enviado Extraordinario do Brasil na Austria; em 29 de Junho de 1878 exprava no seu palacio de Vienna.

ravel cadencia das leis sociaes, varias formas de um poder monstruoso, expoente de uma collectividade fanatica e submissa. Não obstante as imposições do protocollo, Varnhagen mal soffria o horror desse spectaculo, sentindo quasi envolvel-o a irradiação das velhas tyrannias asiaticas no mundo novo. Repugnava-lhe á consciencia inilludivel semelhante visão das sociedades humanas embrutecidas, orientalisadas, apathicas, immersas no captivo e no opprobrio, adorando como idolos temerosos os seus flagelladores. Varnhagen esqueceu o protocollo, o rythmo dos actos officiaes, e um dia, sem licença do nosso Governo, sob o imperativo da propria lei moral, deixou Assumpção, para não mais volver a um logar maculado pelo despotismo.

Nobre foi a sua attitude, igualmente, no conflicto hispano-americano do Pacifico. Em 14 de abril de 1864, anno da nomeação de Varnhagen como nosso representante no Perú, Equador e Chile, forças navaes da Hespanha assenhorearam-se das Ilhas Chinha, pretextando uma reivindicación intempestiva, desautorizada, aliás, pelo Gabinete de Madrid. Venceu nas aguas de Calláo a resistencia dos bravos peruanos. Mas o *casus belli* propagara-se ao Chile, onde as sympathias populares, aclamando no Perú a legitima causa americana, certas medidas de politica internacional e até de policia maritima haviam dado ensejo a reclamações do Governo de S. M. Catholica. Taes reclamações, inicialmente conduzidas pela diplomacia em termos suasorios, estalam, de chofre, como intimativas, desfechadas pelo almirante hespanhol Pareja na bahia de Valparaizo, a bordo da fragata *Ciudad de Madrid*, em setembro de 1865, entre os festejos annuaes da independencia chilena. Surprehendido, mas não intimidado, reage com altivez o governo do Chile, appellando para a justiça de Deus e a opinião do mundo culto. O corpo diplomatico interpõe contra semelhante *ultimatum*, inadmissivel sem previas negociações, tres notas collectivas, que não impediriam, comtudo, o bloqueio dos portos da republica e o bombardeamento de Valparaizo, mais tarde, pelos canhões do almirante Mendez Nuñez. Chegando a Valparaizo o ministro Varnhagen, pouco depois do *ultimatum*, deu-lhe conhecimento dessas notas o ministro Nelson, dos Estados Unidos. Ora o governo brasileiro, antes disso, offerecera á Hespanha e ao Perú a sua mediação, vinculando-se a uma impassivel neutralidade. Qualquer outro diplomata profissional e matreiro, nessa emergencia, responderia, talvez, com evasivas, á falta de instrucções para o novo caso. Não obstante, mais poude em Varnhagen a justiça que a prudencia, mais o sentimento de humanidade que o de oportunidade. A sua resposta ao ministro Nelson, escripta em 5 de outubro de 1865, demonstra a firmeza de uma convicção juridica, sem ultrapassar a medida razoavel do estylo diplomatico. Varnhagen começa por dizer que, se em Valparaizo estivesse, teria a maior satisfação, associando o seu nome ao dos collegas nas referidas notas. Lisamente, verbera a conducta injustificavel do commandante da esquadra de S. M. Catholica. Applaudindo a iniciativa do corpo diplomatico, sem reservas, como "nobre empenho em favor da paz e em defesa dos direitos da civilização moderna", traduz a esperança de que esses bons officios levem ainda o Governo hespanhol a reconhecer quanto lhe será nefasta semelhante guerra, não já no Pacifico, mas no proprio littoral da Europa e nos mares das Antilhas.

Essa resposta, em que a videncia do historiador, serenamente, descortina o sossobro final da Hespanha na politica americana, foi logo desaprovada pelo Governo Imperial. Mas o americanismo dos nossos dias, ou melhor, a injustiça de hoje, revogando a injustiça de hontem, lhe approva e exalta o gesto irreprimivel. A' maneira de fortes e claros instantaneos, o episodio paraguayo e o chileno retratam-lhe a moral, fundamentam a analyse psychologica de Oliveira Lima, que, historiador e diplomata como elle, assim o define: "... tinha qualidades negativas em diplomacia: era um impulsivo com rompantes

de colérico e que se deixava instigar por considerações de equidade e de pundonor. Para elle a diplomacia não era a arte suprema de engulir desfeitas e disfarçar desaires. Achava-a compatível com a franqueza e a honestidade. Repugnava-lhe mentir, mesmo por conta de outros, e o que era justo não via muito bem porque devesse occultal-o". (3).

Verídico e justiceiro, mesmo impulsivo nas afirmações da justiça e da verdade, eis o homem, a revelação culminante do homem, que tentamos comprehender e bosquejar. Com os protestos e replicas acerca da Guerra do Paraguay, a residencia em Lima até 1868, época da mudança de Varnhagen para Vienna, encerra o largo parenthesis sul-americano, em que o diplomacia preponderou na sua vida mental, comquanto não lograsse absorvel-a. Fôra desse parenthesis, antes e depois, o diplomata mergulha na sombra dos archivos, desaparece, e a unica realidade pensante é o escriptor.

Mas notemos ainda o homem, de relance, Varnhagen era alto, bello, forte, sobremodo orgulhoso, cultivando a arte decorativa da propria individualidade. A sua figura é um caso excepcional de solemnidade academica e de ornamentação heraldica. Elle foi Ministro Plenipotenciario, grande do Imperio, Conselheiro de Estado, barão e visconde de Porto Seguro, Gran-cruz da Imperial Ordem russa de Santo Estanislão e da Ordem austriaca da Côroa de Ferro, Commendador da Real Ordem de Isabel, a Catholica, da de Carlos III, ambas de Hespanha, e da Imperial Ordem da Rosa do Brasil, como também Cavalleiro da Ordem de Christo. Foi membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Academia Real de Munich, da Academia Real de Historia de Madrid, da Sociedade de Geographia de Paris, do Instituto Historico de Buenos Aires. Já no seu outomno, em 1864, alliou-se a D. Carmen Ovalle, dama chilena, e teve assim o outomno coberto de rosas nuçias.

Honras, titulos, condecorações, o prestigio das letras e o socego do lar, tudo alcançou Francisco Adolpho de Varnhagen. Para ser feliz, evidentemente, nada faltava a esse autor. E apesar de tudo não o foi: na sua obra, de onde em onde, transparece a amargura fatal dos grandes espiritos, ora combatidos pela inveja dos nullos e dos maus, ora desalentados pela injustiça da sorte ou pelo descaso do publico. Em 1871, no prefacio á *Historia das lutas com os Hollandezes*, confessa Varnhagen, melancolicamente, sentir o animo quebrantado, aos cincoenta e cinco annos, sem valor para novas emprezas, que lhe tragam decepções, em lugar de estímulos. Não exhala maior tristeza um versiculo do Ecclesiastes. O quebrantamento de animo, porém, não obsteu a que Varnhagen, sempre bellicoso, investisse ainda no mesmo periodo contra os *engarrafados*, seus desaffectedos, que menos erravam —, dizia elle —, por menos produzirem.

Escriptor, possuia Varnhagen, classicamente, o bom senso dos velhos chronistas portuguezes, um solido criterio de julgamento do bem e do mal na trama cambiante da realidade, mercê de valores e formulas tradicionais, para o encomio ou para o estigma (4). A lusitanidade sanguinea do seu caso, robustecida pela formação ideologica e sentimental no meio portuguez, da infancia á adolescencia, conjuga-se o desdobraimento singular de predicados outros, derivantes do germanismo, através da herança paterna: o aferro ao trabalho; a pertinacia e o esmero da investigação; a teimosia inabalavel dos conceitos, arraigados em documentos, provas, minucias; o

culto da autoridade social na independencia da actividade scientifica; a disciplina voluntaria de uma força mental no seu quadro, na sua these, no seu plano; o desprezo de vãos contraditores; o desmedido orgulho de saber... Mas tudo isso vemos nacionalisado, *abrasileirado*, ao serviço da historia patria, região incommensuravel, por onde o historiador-bandeirante não cessa de caminhar e construir.

Omnimodamente brasileiro, plumitivo a quem bastam as cores do Brasil na plumagem, Varnhagen é um typo de curiosidade systematica e um padrão de fecundidade inexaurível. A sua curiosidade abrangia os factos historicos não só para os descrever, mas também para os comprovar. Estudante de paleographia em Lisboa, conta Oliveira Lima que, por vezes, sondando a papelagem do Brasil colonial, tinha a illusão de alguma descoberta maravilhosa. Pouco lhe durava, no emtanto, essa illusão, despenhada historicamente da Torre do Tombo. Em quasi todos os papeis, logo descobria elle o signal de outro lapis, o vestigio de outro investigador, que se lhe adeantara, madrugando na exploração. Oliveira Lima procurou identificar o rastro indelevel. Quem o antecederá no exame desses manuscritos, dessas memorias, desses velhos papeis brasileiros? Francisco Adolpho de Varnhagen.

Latinista e polyglotta, senhor de linguas vivas e mortas, compondo em allemão, hespanhol, francez, italiano, Varnhagen apropriou-se do idioma selvagem — o tupi ou guarani — por melhor conhecer as nossas fontes prehistoricas, e até lhe considerava o estudo mais desejavel, mais proveitoso que o do grego ás letras nacionaes. Inscrições, jazigos, indumentaria, usos e armas, sacrificios e superstições, rudimentos de arte inógena, vislumbres da metamorphose christã, remotos e enneoados começos do Brasil, tudo lhe era objecto de pesquisa methodica entre os aborigenes. Com a geographia e a ethnographia, debuxada a natureza, definido o cruzamento das raças que nos elaboraram o ser, mas principalmente com a mesma curiosidade insaciavel, esmiuçadora, Varnhagen chega ao liminar do novo mundo civilisado — á historia da civilização brasileira.

O seu espirito é mais narrativo que inductivo; a sua comprehensão é mais particular que cyclica; emfim, a sua logica é mais a dos factos que a das idéas. Quasi tudo se encadeia nesse autor para a evidencia, élo por élo; quasi nada se transporta ao ideal, de vôo em vôo. Terras e céos, vultos e lances, o theatro da historia, que é a natureza, e o drama das forças humanas reagindo entre forças cosmicas, a formação de uma patria na dôr e na gloria dos primeiros dias com a defesa do solo, a permanencia de interesses e affeições communs, a unidade sonora da lingua e a identidade espirital da fé, não lhe arrancam á penna uma scentelha divina. Enumerando os privilegios outorgados aos donatarios por D. João II, descrevendo a bahia do Rio de Janeiro, como se procedesse a um inventario de morros ou ilhas, referindo as batalhas do monte Guararapes como se fossem vulgares incidentes domesticos, é elle o mesmo Varnhagen, iterativo nas suas clausulas, desesperador no seu prosaismo, sem um relampago de alma electricante.

A preocupação minuciosa da veracidade chegou a improprial-o para a consideração transcendente da causalidade no processo historiographico, de que tanto se ufanava. Nesse escriptor de origem allemã, em cujo trabalho afloram qualidades immanentes á raça, é surprehendedora a ausencia de espirito philosophico. Dir-se-á que nunca existiu para elle o assombroso movimento de philosophia da historia na Allemanha, precedido por Leibnitz, Schlozer, Müller, ampliado no ultimo quartel do seculo XVIII por Lessing e Herder, Kant e Schiller, vindo através das escolas idealistas de Fichte, de Schelling, de Hegel, até á *Volkerpsychologie* de Herbart e dos seus discipulos. A primeira edição da *Historia Geral do Brasil* representando vinte annos ou mais, laboriosamente consagrados

ao estudo, appareceu em 1857. a segunda, que ainda lhe consumiu dezenove annos de trabalho, em 1877. Ora muito antes desse periodo, entre 1830 e 1842, haviam surgido regularmente os seis volumes do *Curso da Philosophia Positiva* de Augusto Comte, larga systematisação da ordem scientifica e do genio philosophico, terminando na physica social ou sociologia. Esplendentes formas do genero, haviam circulado antes de 1857 algumas das obras primas de Niebuhr, denominado em França o Cuvier da historia; Schlosser, paciente e profundo evocador de toda a marcha do espirito humano; Theodoro Mommsen, a erudição perlustrando os seculos romanos sob a flamma da intuição, desde a viticultura priméva do Lacio ao improvisado da monarchia cesarea; Michelet, o verbo que tudo reaccende e tudo resuscita no encantamento das suas formulas, no entusiasmo das suas paginas, tocando a cinza mortuaria de outras éras; Guizot, o poder de analyse, evoluindo até á pujança creadora; Macaulay, a intelligencia que se fez rythmo, a complexidade que se fez harmonia. Nenhum desses valores, aos quaes adicionaremos, entre 1857 e 1861, a *Historia Geral da Civilização na Inglaterra*, de Buckle, parece ter influido no espirito de Varnhagen.

E' mesmo duvidoso que elle concebesse a historia politica, duplamente, como sciencia e como arte: sciencia, quando observa e agrupa, induzindo relações necessarias, os caracteres e os factos, que, através do espaço e do tempo, constituem a vida de um povo; arte, quando illumina os episodios, as figuras e os movimentos sociaes com a perfeita magia do estylo. Determinação methodica, por um lado, revelação esthetica, por outro, assim comprehendem a historia os modernos. A exemplo da Renan: *l'histoire est un art autant qu'une science*. Como a entendia, porém, Varnhagen, quando era aclamada rainha entre as sciencias, nova *Scientia Scientiarum*, e a encyclopedia lhe comparava o actual dominio ao da theologia sobre a idade media? Aqui está o juizo enunciado no prologo da 2ª edição da *Historia Geral do Brasil*: "Cada dia nos vencemos mais de que a *historia é um ramo da critica*, não da eloquencia; e que, perante o tribunal della, o historiographo não é um advogado verboso e florido, mas antes um verdadeiro juiz, que, depois de averiguar bem os factos, ouvindo as testemunhas, com o devido criterio, deve, feito o seu allegado com o possivel laconismo, sentenciar na conformidade das leis equitativas da sociedade e da humana justiça." Depois dessa concepção judiciaria e formalista da historia, mal podemos integrar o nosso historiador, alheio a tendencias e escolas, na moral arcadica de Polybio.

Como se vê, a historia antiga e moderna, segundo Francisco Adolpho de Varnhagen, não é em substancia outra cousa senão uma variante daquelle julgamento dos mortos, a que procediam, outr'ora, os sacerdotes egypcios, no sub-solo das pyramides, entre rôlos de papyro e mumias douradas. Juiz, elle tem a idéa fixa da prova: incumbe ao historiador, antes do mais, recolher documentos, pesquisar factos, colligir indicios. Argamassada a prova, o juiz dará em seguida, com os seus fundamentos claros e breves, uma sentença inappellavel.

Se a duvida nos leva ao scepticismo, também nos encaminha á tolerancia, á brandura, á sympathy humana. Rigidamente formada, porém, a convicção judicial ou dogmatica do pensador não transige — sentença, não se abstem — galardão ou condemna. A sua infallibilidade mal supporta a relatividade das nossas poucas certezas. E como definimos, ás vezes, um caracter por uma phrase, em dado momento e dadas circumstancias, naquella concepção historica entrevemos o feito pessoal de Varnhagen — autoritario e judicativo, mescla de arrogancia e de aspereza. Era logica a rispidez com que elle apoucava o esforço ou o merito de outrem, carranqueando á maneira de Jupiter Tonante, sem os raios deste, ou combatendo sem agilidade e graça no terreiro das suas polemicas. Não era simulada a imponencia com que elle se referia,

(3) *Revista da Academia Brasileira de Letras*, anno I, n. 2, pags. 466-7.

(4) E' o mesmo criterio do insigne Damião de Góes, advertindo no prologo da *Chronica del Rei Dom Emanuel*, "... o mais substancial que no escrever das Chronicas se requiere... he com verdade dar a cada hum o louvor, ou reprehensam que merece".

olympicamente, ao pedagogismo da sua escola historica, ao seu laconismo condensador de fontes diluvianas, ao purismo da sua linguagem, baptisada nas aguas do Tejo pelo cardeal Saraiva. Della chegou a escrever o seguinte: "... procuramos sempre que saisse puritana e de boa lei; e neste sentido temos mais de uma vez ouvido, com certo desvanecimento, da propria bocca de alguns escriptores nossos, politicos e litteratos, que a nossa obra havia grande parte a firmal-os no manejo da lingua vernacula." Por isso mesmo, talvez, rareiam na litteratura e na politica do Brasil os finos escriptores.

Adorador de Buffon e dos seus conceitos, rendilhados como os seus punhos, acaso desdenharia Varnhagen, sinceramente, o que elle chamava com inenvidade — *as galas do estylo?* Nesse affectado, sobranceiro desinteresse, não haveria mais impotencia que menosprezo? Não lhe sentimos, ainda hoje, o secreto azedume, quando elle proprio reconhece trazer no jacto dos periodos incolores ou diffusos a escoria de tantos archivos, o color de tantos alfarrabios?

Dilucidemos a questão da forma escripta. Queiram ou não os escrevedores, a morphogenia intellectual obedece a leis de proporção, desenvolvimento, eurythmia, como a propria morphogenia natural. Já no mundo inorganico a tendencia é para a symetria fundamental das bellas formas, o que Ernst Haeckel denominou. — *Kunstformen der Natur*, formas artisticas da natureza. Alcançado o equilibrio pelas forças vitais, no começo indecisas ou tumultuarias, logo convergem para o Bello as energias plasticas da flora e da fauna. Sob o maravilhoso influxo dessa natureza productora de arte, desde a formação dos crystaes á expressão das idéas, só perduram no mundo intellectual, na exuberancia dos seus generos, das suas especies, das suas variedades, as formas estheticas mais adaptaveis ás condições e ao destino do pensamento.

Que ellas não sejam anachronicas ou artificiosas, mas energicas, vivazes, circulantes, ora corporificando a experiencia, ora a imaginação, aqui a realidade, além o sonho, eis o problema, igual para o sabio e para o artista. Nenhuma obra prima de arte ou de sciencia lograriamos conceber sem o vigor, sem a flexibilidade, sem a perfeição da textura organica. E porque seja, a um tempo, sciencia e arte, a historia deve ser, logicamente, verdade e belleza. Não diversificava o preceito romano de Sallustio: "... é necessario escrever á altura dos acontecimentos"

Se a Varnhagen foi sempre inacessivel a forma, conquanto lhe sejam dons innegaveis a solidez, o decoro, a clareza, algumas vezes certa fluencia expositiva, patenteou-se-lhe, em compensação, a alma da historia — a verdade, principalmente a verdade dos factos, pois que lhe não sobrava psychologia para fixar a dos caracteres dominantes. Abre-se uma excepção á *Historia da Independencia*, onde os traços, as volições, os motivos pessoas apparecem melhor no desenho dos vultos representativos. Mas o documento é a idéa fixa de Varnhagen. Como a sua veracidade historica emergiu, quasi intacta, da minudenciosa revisão de Capistrano de Abreu, que em vinte e tres secções da "Historia Geral do Brasil" muito lhe haveria de anotar, pouco de corrigir, outros já o disseram. Como foi penosamente conquistada, num labor que é toda uma vida, já elle o dizia em 1877, recordando as suas peregrinações aos archivos do Brasil, de Portugal, de Hespanha, da Hollanda e da Italia; aos Estados Unidos, ás Antilhas e aos paizes limitrophes. (5)

(5) "Convencidos igualmente de que só a verdade é a alma da historia, que só ella pôde offerecer harmonia eterna entre os factos narrados, que o verdadeiro criterio da verdade historica não se pôde aquilatar senão pela concordancia nos incidentes, não nos poupámos a nenhuns esforços a fim de remontar ás fontes mais puras. Não julgando sufficiente o que rezam as velhas chronicas,

Assim trabalhava, nos alicerces da nossa historia, mestre Varnhagen. Em 1838, Ferdinand Denis recommenda aos brasileiros, insistentemente, a collecta dos documentos historicos, sem os quaes seriam inuteis quaesquer theorias sobre o passado. Nasceria o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, fundação tutelada, assistida por D. Pedro II. Carreando os materiaes largados a esmo, colhendo o preterito nas fontes mais occultas ou remotas, chegava ao terreno o constructor, a irradiar mocidade, alegria, confiança. Viagens e ocios da carreira diplomatica, faceis recursos e ausencia de preocupações mortificantes ou deprimentes, a benção alacre da saude, o conforto, o ambiente das cortes européas, a estima do soberano e o incentivo das recompensas honorificas, das laureas academicas, todas as circumstancias lhe eram venturosas ou amaveis. No seu terreno ideal, seguramente, Varnhagen levantava a sua obra.

Terreno quasi virgem, de onde em onde assignalado pelas noticias de Magalhães Gandavo e Gabriel Soares de Sousa, arautos do seculo XVI, pelos *Dialogos das Grandezas do Brasil*, pela confidencia epistolar dos jesuitas Nobrega e Anchieta, pelo chronicon e pelo sermonario de frades panegyristas, por nobiliarchias, memorias, ephemerides, algumas narrativas da guerra hollandeza e outros subsidios ou fragmentos dispersos. Como espontanea imagem do sentimento particularista, regional, ou mesmo algo que tentava já crystallisar nos annaes a tradição fluctuante dos rossos grupos sociaes, desenvolvera-se com frei Gaspar da Madre de Deus, Berredo e monsenhor Luiz Gonçalves dos Santos a historia das capitancias. Uma collecção de historias taes, no mesmo volume desabrochadas, era a *Historia do Brasil* de Frei Vicente do Salvador, codice folheado por Varnhagen na bibliotheca do palacio das Necessidades, attingindo os meados do seculo XVII — codice veneravel pela sua antiguidade, rissonho pelo seu estylo de anedocta, gracejo, facecia, desde a malicia com que perpassa a dedicatória ao licenciado Manoel Severim de Faria, chantage na Santa Sé de Evora; "...o que agora vemos é que querendo todos ser estimados e louvados dos escriptores, ha mui poucos que os louvem e estimem, e menos que lhes fação as despezas..." até ao sorriso final do livro quinto: "...darei fim a esta Historia, porque sou de sessenta e tres annos, e he já tempo de tratar só da minha vida, e não das alheias". O gongorismo de Sebastião da Rocha Pitta levava até 1724 a *Historia da America Portuguesa*, que não é propriamente uma historia, mas antes uma hyperbole, resoante por dez livros, quando haviam decorrido noventa e sete annos sobre a simplicidade conventual e anedoctica de Frei Vicente do Salvador. Nesse livro de emphase delirante a imaginação parece montar um daquelles corseis eolios do Brasil, de que nos fala desvairadamente o autor: "Deixem os poetas de pintar o cavallo Pegaso com azas; os antigos de fabular que as egoas da Luzitania concebem de Zefiro; porque as do Brasil tem partos tão ligeiros, que correm parellhas com os ventos."

Southey, instruido por uma viagem a Lisboa nos fins do seculo XVIII e pelas collecções de manuscriptos do tio, o Reverendo Herbert Hill, deu maior continuidade á his-

rebuscámos antigos documentos nos archivos, não só do Brasil, como de Portugal, da Hespanha, da Hollanda e da Italia; percorremos pessoalmente todo o nosso littoral; visitámos os Estados Unidos, varias Antilhas e todas as republicas limitrophes; — tudo, ha mais de trinta annos, graças especialmente ás facilidades que nos foram proporcionadas pelo proprio governo imperial, em serviço do estado; e antes, por accidentes, nem que providencias, da nossa vida, que nos haviam conduzido a cursar os estudos em Portugal, e a nos familiarisarmos ahi com a sua paleographia e os seus archivos e depositos de documentos manuscriptos, que continham a maior parte dos elementos que deviam servir para reconstruir a historia patria".

Historia Geral do Brasil, prologo da 2ª ed., pag. X.

toria brasileira, vindo até 1808, quando se trasladou a familia real para o Brasil. Ainda no limiar da obra — edição ingleza de tres densos volumes —, traduzida com elegancia por Oliveira e Castro, averba de magra e mal alinhavada a obra de Rocha Pitta, sem advertir que as suas historias, mesmo na Inglaterra, seriam tidas igualmente como romances e mediocres. Certo, foi mais justo e mais grato Varnhagen para os seus antecessores; sem esconder os defeitos de um e de outro, viu em Rocha Pitta, que elle considera textualmente illustre, o admirador da belleza, o imaginativo, o poeta, embora allucinado no paroxysmo das metaphoras, e reconheceu que eram *preciosissimos* os tres volumes deixados por Southey.

Não ignoramos as subtracções feitas ao valor de Southey como historiographo, os motivos que influenciaram nesse julgamento a critica nacional: primeiro, o cunho heterogeneo de uma obra destinada a exceder o titulo, compendiando memorias de Buenos Aires, Montevidéo, Paraguay, sistemas de jesuitas ou facanhas de aventureiros hespanhoes, na orbita colonial do seu paiz; segundo, a intolerancia de um protestantismo fechado ao raciocinio, tendo por effeito a incompreensão da psychologia, da estrutura fundamentalmente catholica do Brasil, cuja resistencia, vinculada ao ciume da terra e á idéa de lealdade portugueza, nos deu a victoria sobre os hollandezes, gente não só de outra raza, mas tambem de outra fé; terceiro, a escassez de informações, desde o ultimo quartel do seculo XVIII a 1810; enfim, os equívocos, deslises, incongruencias, que não é difficil pormenorizar... um seculo depois do seu immenso trabalho.

De qualquer modo, a mais dramatisada e colorida *Historia do Brasil*, desde as origens atlanticas á coroação portugueza — sonho imperial de D. João III em Lisboa, fadario de D. João VI no Rio — foi singularmente a do poeta inglez Robert Southey, companheiro dos poetas lacustres, aspergidos por Wordsworth á margem das aguas serenas de Grassmere, e socio fiel do hellenista Coleridge. O maior defeito de Southey, historiador de um povo ainda em formação, que necessita de uma historia pragmatica, simultaneamente objectiva e educativa, teria sido, porventura, a ausencia inevitavel do sentimento nacional. Para elle, quasi tudo se reduzia na historia do Brasil — e assim o propalou — á deshumanidade antipathica e ao soffrimento obscuro dos selvagens, á crueza e á ganancia dos colonos, á breve influencia de alguns caracteres nobres, mas confinados na religião e no idioma. Southey, Coleridge, todos os poetas da escola do Lago viviam entre as miragens da *Pansocracia*, embebidos lyricamente na Revolução franceza, invocando o Genero Humano e a Edade de Ouro.

Notemos que, até Varnhagen, e ainda um pouco depois do seu trabalho maximo, a idéa unificadora da historia do Brasil é uma idéa estrangeira. Após a historia de Southey, editada em 1810, Henderson publica em 1821 — *A Historia of the Brasil*; Ernst Munch, em 1829, uma *Geschichte von Brasilien*. Armitage, em 1836, continuando Southey, entre a chegada da familia de Bragança e a abdicção de D. Pedro I, *The History of Brasil*; Handelman, em 1860, outra *Geschichte von Brasilien*. A consciencia nacional dessa unidade historiographica, porque em Rocha Pitta só havia imaginação desenfreada, começa com Varnhagen.

A sua obra, comparavel á ferrea montanha natal de Araçoyaba, ostenta como ella tres pinaros illustres: a *Historia Geral do Brasil*, na 1ª edição de Vienna (1854-1857) e na 2ª do Rio, vinte annos depois, refundida e ampliada; a *Historia das Lutas com os Hollandezes*, edição original de Vienna, em 1871; a *Historia da Independencia*, publicação feita pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro em 1917. Verdadeiramente, as duas ultimas não só pertencem ao mesmo systema, recordando os elos de uma cadeia orographica, mas tambem se integram na mesma unidade, pois a *Historia das Lutas com os Hollandezes* apenas descuve as secções correlativas

da Historia Geral, a que faz uma sorte de epilogo, por seu turno, a *Historia da Independencia*, movimento que foi uma reivindicação do Brasil — reino, o dilecto Brasil de D. João VI, contra a idéa recolonizadora das Côres de Lisboa. Avassallada por esses trabalhos culminantes, derredor, num assomo de vegetação plethorica e turgescete, reponta a bibliographia, recresce a polygraphia secundaria de Varnhagen, tão esparsa, que a sua opulencia inextricavel desanima os colleccionadores. De tantos livros, opusculos e artigos a relação, incompleta ainda, occupa dez paginas do Dictionario de Sacramento Blake, perfaz cento e tres numeros, comprehendidos alguns ineditos, da lista organizada pelo Sr. Bellido. Se um catalogo por especies fosse tentado, veriamos instantaneamente a asombrosa polymorphia dos escriptos de Varnhagen sob dous aspectos — divulgação prefaciada ou annotada e producção original — posto que derivem quasi todos da *Historia Geral do Brasil* ou para ella se orientem. Os seus trabalhos seriam distribuidos, então, por dezeseis modalidades bibliographicas: *Viagens e descobrimentos*; *Historia Geographica*; *Chorographia*; *Ethnographia*; *Philologia*; *Paleographia*; *Architectura*; *Historia Litteraria*; *Poesia*; *Theatro*; *Diplomacia*; *Legislação*; *Questões de limites*; *Polemica*; *Biographia*; e *Arte Venatoria* (6).

A essas dezeseis modalidades bibliographicas é necessario additar, finalmente, uma *Varia* consideravel: memorias, elogios historicos, dissertações, relatorios, apontamentos e esclarecimentos aos *Colloquios* dos simples e drogas, de Garcia de Orta, advertencias, pesquisas acerca de inscrições lapidares ou de habitantes do Brasil condemnados pelo Santo Officio.

Relanceamos as origens, a formação, a carreira, os attributos moraes e mentaes, os processos technicos, a variedade e o volume da obra desse homem, appellidado já entre os consocios, no elogio funebre de Joaquim Manoel de Macedo, o *homem monumento*, como se elle proprio, vivendo e pensando, houvesse anteposto á indifferença dos homunculos, pedra a pedra, e linha por linha esculpido a propria synthese monumental. Scria azado o momento para fixarmos algumas idéas capitaes ao escriptor, que foi no conceito de todos os seus criticos, essencialmente, um escriptor de idéas; seria interessante o livro que nos compendiasse e esclarecesse as opiniões de Varnhagen, através das 1.200 paginas da *Historia Geral do Brasil*. Ordinariamente, sob a massa tres vezes secular dos factos, o pensador é offuscado pelo narrador. Extremados, porém, de successos, effigies, datas, os seus juizos revelariam nessa mentalidade tradicional, archetipo do senso commum, outra feição mais complexa, mais empolgante, não raro subtil, que tem escapado á fiura dos criticos.

Revendo o grandioso painel da nossa existencia colonial, pincelado em tintas severas por Francisco Adolpho de Varnhagen, podemos notar singulares e multicores desenhos intellectuaes, surprehendentes pela sua ousadia. Bastam alguns exemplos, tomados á 2ª edição da *Historia Geral* (6).

(6) Como especificação illustrativa, poderiamos talvez organizar as secções: 1ª, *Viagens e descobrimentos*, com o *Diario da navegação* de Pero Lopes de Souza, o *descobrimento do Brasil*, chronica do fim do 15º seculo, affeiçoada á maneira de novella, a *Narrativa epistolar* do Padre Fernão Cardim, a *Primetra epistola* del almirante d. Christobal Colon, *La verdadera Guanahant* de Colon, os estudos sobre *Americo Vesputio*, editados em Lima, Paris, Vienna, uma dissertação em italiano acerca de um manuscrito referente a Colombo; 2ª, *Historia Geographica*, representada pelo *Examen de quelques points de l'histoire géographique du Brésil*, etc.; 3ª, *Chorographia*, á qual pertencem as *Reflexões criticas* sobre o Tratado descriptivo do Brasil, de Gabriel Soares de Souza, a *Corographia cabo-verdeana*, a *Descripção do Estado do Maranhão*, etc., por Gabriel Herliarte; 4ª, *Ethnographia*, onde figuram *L'origine toura-fienne des Americains Tupis-caribes et des ancêtres Egyptiens*, a *Ethnographia indigena*, de algum modo *Sumé*, lenda mitho-religiosa

I. — *A relatividade economica e psychologica do heroismo*. — Certo a iniciativa heroica não depende tanto da indole conquistadora ou da curiosidade natural como dos interesses mercantis. Por outro lado as crueldades e piratarias são apanagio das conquistas. O aspecto fabuloso dos heroes antigos, que os panegyristas souberam explorar, dissimulando-lhes os crimes, vale o temeroso aspecto dos heroes modernos. "Se de todas as conquistas dos Gregos ou dos Romanos — esclarece Varnhagen — tivéssemos historias contadas pelos seus inimigos ou rivaes, talvez que não admirasse o mundo tantas proezas, nem tantos heroes" (7).

II. — *O illogismo continental da unidade americana*. — Verdadeiramente, a denominada quarta parte do mundo compõe-se de dous continentes distinctos, mais individuados na sua expressão territorial que a Europa, a Asia e a Africa. Reivindicando, absorvendo quasi o nome de America, findaram os Estados Unidos do Norte, depois de Varnhagen, por scindir o istmo do Panamá, romper o fragil vinculo de terra entre os dous continentes do hemispherio austral." E talvez dia virá — presume Varnhagen — em que algum geographo de autoridade... se resolva a propor que a Australia seja o exto continente, passando ao quinto ou quarto logar a nossa *Antartica*, já com este nome, ou com o de *Atlantica* ou algum outro". (8) Americanos extra-continetaes e provisórios, somos para elle os *atlantes* do futuro.

III. — *A divisão do territorio como operação fundamental das nacionalidades*. — Se a metropole não houvesse aquinhoado os do-

americana, recolhida em outras eras por um indio Moranducara; 5ª, *Philologia*, com o prologo á *Historia* da paixão de Christo e taboas de parentescos, em lingua Tupi, por Nicolas Yapugnay, uma introdução á *Arte* de la lingua guarani, ó mas bien tupi por el p. Antonio Ruiz de Montoya, e a Memoria sobre a necessidade do ensino e estudo das quinze linguas indigenas no Brasil; 6ª, *Paleographia*, ou a *Succinta indicação* de alguns manuscritos importantes, relativos ao Brasil e a Portugal, existentes no museo britannico de Londres e não comprehendidos no Catalogo Fignier; 7ª, *Architectura*, com a *Noticia historica e descriptiva* do mosteiro de Belém; 8ª, *Historia Litteraria*, com o *Florilegio* da poesia brasileira, o *Cançãoeirinho* de trovas antigas, colligidas de um Grande Cancioneiro da bibliotheca do Vaticano, o *memorial* das proezas da segunda Tavola redonda e a edição *Triumpho de Sagamor*, a *Litteratura* dos livros de cavallaria, *Trovas e cantares* de um codice do 14º seculo, *Novas paginas* de notas sobre a autoria do Cancioneiro do collegio dos nobres, *Thephilo Braga e os antigos Romanceiros de trovadores*, *Carta* acerca do autor das cartas chilenas, os *Epicos brasileiros*; 9ª, *Poesia*, com o romance em quadras de redondilha de seis syllabas, *Caramuru*; 10ª, *Theatro*, com o *Amador Bueno*, drama historico-americano em quatro actos e tres mutações; 11ª, *Diplomacia*, com as *Primetras negociações diplomaticas* relativas ao Brasil, 12ª *Legislação*, incluindo o *Memorial Organico* ás Assembléas geraes e provinciaes do Imperio, um Projecto de lei adicional á das terras publicas, o trafico dos africanos e a escravidão; 13ª, *Questões de limites*, com o folheto *Aun las cuestiones de limites del Ecuador*, *Estados limitrophes do Brasil*, memoria e copia dos periodos de officios, ambos na Bibliotheca Nacional do Rio, como tambem a relação dos documentos, que sobre os limites meridionaes do Brasil possui o Archivo Real de Simancas; 14ª, *Polemica*, desenvolvida em refutações mais ou menos acres a João Francisco Lisboa, Netscher, d'Avezac, Major, Antonio Henrique Leal, Abreu e Lima; 15ª, *Biographia*, com as dezeseite producções desse genero, estampadas na Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro; 16ª, *Arte Venatoria*, com o imprevisto *Manual do caçador* em toda a America tropical, acompanhado de um glossario dos termos usuaes da caça, por um brasileiro devoto de Santo Humberto.

(7) *Historia Geral do Brasil*, 3ª ed., volume I, pag. 103.

(8) *Op. cit.*, vol. I, pag. 95.

natarios com immensas extensões de cincoenta leguas sobre a costa, na apparencia uniformes, na realidade tão diversas, abrangendo milhares de leguas quadradas pelo sertão a dentro, se houvesse preferido o systema das pequenas colonias maritimas, prolongando toda a raia oceanica, resultaria dahi um povoamento facil, mais denso, porventura homogeneo, como succedeu nos Açores e na Madeira. O desejo da terra fecunda, repartida sem prodigalidade, multiplicaria os povoadores. Mais equitativa e harmoniosa teria sido a formação das provincias, e o nosso dominio rural não soffreria, ainda hoje, os males do latifundio, transmitidos pelo seculo XVI. "E' certo — diz Varnhagen com agudeza — que a mania de muita terra acompanhou sempre pelo tempo adiante os sesmeiros, e acompanha ainda os nossos fazendeiros, que se regalam de ter mattos e campos em tal extensão que levem dias a percorrer-se, bem que ás vezes só a decima parte esteja aproveitada..." (9)

IV. — *O paradoxo da escravidão*. Bem-fazendo ás raças inferiores, o captiveiro, não a liberdade, é para ellas o fundamento da cultura. Se a tutela e a segregação do indio, legislativa a primeira, jesuitica a segunda, houvessem desde logo cedido ao uso da força pelo colono, teriamos simplificado a mesticagem no Brasil, dispensando os carregamentos africanos dos navios negreiros com todo o seu horror. Não obstante, descontadas as ignominias do trafico e as miserias do eito, o proprio homem negro melhorou, ascendeu, valendo-se do contacto brasileiro, mediante o christianismo, para evolver na dupla esphera da intelligencia e da moralidade. Aqui está uma observação pittoresca de Varnhagen: "...a raça africana tem produzido mais homens prestimosos, e até notaveis, na America, do que no Continente donde é oriunda" (10).

V. — *O exclusivismo sacerdotal da Justiça*. No começo do seculo XVII Varnhagen denuncia os flagellos com que nos visita e nos attribula a divindade forense: ganancia de escrivães e leguleios, sophismas doutoraes, camaradagem de advogados e juizes... Elle sugere cursos independentes, incommunicaveis: um para advocacia, outro para magistratura. São duas profissões antinomicas, duas psychologias contrastantes, no seu entender. Não lhe fóra mesmo possivel figurar a advocacia como *officium publicum*, ministerio complementar e elucidativo da jurisdicção, parte integrante da ordem judiciaria. "Não deixa de ter inconvenientes — repara Varnhagen — a pratica de escolher os magistrados da mesma classe, e até da mesma academia ou universidade que os advogados; quando para a imparcialidade e justicia, não só podem ser mui nocivas as amizades e sympathias da juventude, como ao magistrado mui prejudicial o habito de haver exercido a advocacia, ou simplesmente de se haver preparado para exercer esta profissão. O advogado tem por principal dever do seu cargo defender a causa do cliente, isto é, deduzir razões e provarás em favor. O magistrado, pelo contrario, deve ser um homem impassivel, por cuja mente nunca passasse uma idéa de injustiça; — o menor pensamento de sofismar cousa alguma neste mundo" (11). Varnhagen detestava, com equal vehemencia, os rethoricos e os sophistas.

VI. — *O anti-pacifismo bio-social*. — Pelas suas idéas acerca da paz e da guerra, que o approximariam da escola marcial de von der Goltz, da escola biologica de Felix le Dantec, pouco terá Varnhagen, intellectualmente, do brasileiro pacifista e devaneador. Quando o animo de alguns desfallecera, na lentidão da guerra do Paraguay, elle decidiu offerecer-lhes a *Historia das lutas com os holandezes no Brasil*, o exemplo de outra guerra que, não por cinco, mas por vinte e quatro annos, renhidamente, haviamos sus-

(9) *Op. cit.*, vol. I, pag. 141.

(10) *Op. cit.*, vol. I, pag. 221.

(11) *Op. cit.*, vol. I, pag. 421.

tentado contra as armas de uma potencia europeia. Os hymnos da victoria de Humaitá ecoavam na alma brasileira, ao concluir Varnhagen o seu manuscripto. Quer do texto desse livro, quer da *Historia Geral* brotam concepções extranhas ao nosso internacionalismo. Varnhagen acredita que "uma guerra de tempos a tempos póde erguer um paiz do seu torpor", que a invasão estabeleceu mais fraternidade em toda a familia brasileira, que o soffrimento nos avigorou os elos nacionaes. Reconhece, a despeito das proprias lagrimas, os beneficios que trouxe a guerra hollandeza ao povoamento do Brasil, com os novos colonos — adventicios de terços e regimentos, superando o numero de mortos; á sua propaganda, com a diplomacia do Padre Antonio Vieira nas côrtes europeas; á sua cultura, mediante o contacto de uma nação mais activa e industriosa; á sua producção, emfim, com o transporte de varios artigos á Europa septentrional (12). E genericamente accentua, em palavras igneas, a funcção preventiva dos exercitos e das esquadras: "...temos para nós que, quando o inimigo nos ameaça, ha que prepararmos-nos para o receber á porta da casa, e não dentro della, depois de nos a haver saqueado, para nos matar com as nossas proprias armas, se não lhe pagamos os tributos que nos impõe" (13). Casando-se á idéa expiatoria, firmado na observancia da religião e no poder das boas leis, o anti-pacifismo de Varnhagen é sempre defensivo.

VII. — *A visão aeronautica do futuro.* — Historiando o invento do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, voador genial, mas infeliz, Varnhagen antevê o mundo revolucionado pela conquista da navegação aerea, inenos difficil como problema que o da navegação maritima. Prediz-lhe convictamente a solução pela força das machinas, depois de estudados o adejo e o remigio nos modelos naturaes, as leis dynamicas do vôo. Recommenda a forma do volatil mecanico, "achatada e horizontal, afim de poder seguir todas as direcções, soffrendo o seu bojo a menor resistencia do ar, e a menor impressão possivel dos ventos contrarios." Ai das nações que se alhearem desse problema! Com as linhas do seu vôo, terão ancoradouro as frotas de Icaro no espaço atmospherico, e a humanidade voante, na plenitude celeste do livre cambio, sem alfandegas, traficará pelos caminhos ethereos, em balões, cruzando sobre os polos, as mattas, as serras, os vastos areaes intransitaveis. Tal é a visão aerostatica e aerodynamica de Varnhagen sobre o futuro (14). E dizer que elle nos aconselhava a mudança da capital para o centro do Imperio, contra os bombardeios maritimos, como se alli não quedasse exposta á imminencia dos bombardeios aereos...

Só esses paragraphos nos revelam o que seria um perfeito indice e commentario das opiniões de Varnhagen. Em vez do fastidioso e mal humorado escriba, que habitualmente nos pintam, descobririamos nelle um pensador imprevisito e independente, ás vezes ultra-moderno, até futurista, obrigando-nos a pensar, com seriedade, mesmo para divergir ou contradizer.

Usam os biographos, nessas alturas, offerecer ao juizo da posteridade o libello de Varnhagen, ora enfeixando accusações, ora produzindo-lhe a defesa. Allega-se de uma parte, em geral, que elle deprimiu as figuras excelsas de Colombo, de Anchieta, de João Fernandes Vieira, de Tiradentes, aconselhou o captiveiro dos aborigenes, desconheceu a belleza da inconfidencia mineira e da revolução republicana de 17, ou melhor, para Eduardo Prado, toda a belleza e toda a grandeza da nossa historia. Responde-se de outra parte que exalçar o florentino Americo Vesputio não é denegrir o genovez Christovão Colombo; que o empirismo do historiador, silenciando naturalmente sobre o thaumaturgo, nunca tratou com irreverencia o apostolo do Brasil; que em João Fernandes Vieira, como transluz na

sua conducta depois da guerra e mesmo no seu testamento, havia muito do heroe carthaginez, inventariando á luz de um archote riquezas amontoadas; que em Tiradentes, immaculado nas dobras da alva e nos lances do supplicio, todo elle devoção, humildade, christianismo da especie consagrada pelos *Flos Sanctorum*, Varnhagen reconheceu a nobreza da tentativa, a serenidade e a gloria do martyrio; que, embora sustentasse, como von Martius, a degenerencia dos indigenas, e lhes não comprehendesse a incorporação luso-brasileira senão pela força, ou pelo cruzamento, quando mulheres fossem, admittiu possibilidades de cultura e progresso no selvagem, oppoz theoreticamente um regimen de trabalho obrigatorio, mas educativo e humano, secularizado, ao monopolio das reduções jesuiticas, verberou a philantropia cabocla, surda aos lamentos da raça negra; por ultimo, que a frieza e a censura do pae da nossa historia sobre os levantes regionaes só exprimiam nelle o temor invencivel do esphacelamento, o zelo da unidade patria.

Dentre as suas opiniões historicas, avulta a que foi externada sobre o descobrimento do Brasil — para elle casual, ou antes, providencial. Indeterminadas correntes pelagicas teriam propellido Cabral até a enseada de Vera Cruz, no desvio da costa africana, recommendado por Vasco da Gama. Com que emoção, porém, não teria Varnhagen buscado a intencionalidade provavel desse rumo, sob a luz de novos documentos, novos roteiros. novos dados, só agora tangiveis, entremostrando na viagem de Cabral uma dupla incumbencia: alargar o commercio das Indias, reconhecer terras situadas a oeste de Cabo Verde! Com que secreto orgulho não rectificaria elle o seu juizo, sentindo o impossivel dessa corrente aerea ou maritima constante, jámais verificada pelos technicos entre milhares de navegações ulteriores! Nada lhe seria tão grato como testemunhar na sciencia atlantica dos portuguezes o conhecimento pre-colomhino de terras austraes, velado por uma politica de sigillo, que se impunha ao minuscuro reino entre os seus antagonistas e que tanta cousa nos explica, desde a concessão de ilhas occidentaes por descobrir, já no seculo XV, até á porfia do Tratado de Tordesilhas, e á reserva com que o *principe perfeito* acolheu Christovão Colombo, desde o mappa de Becharia ao planispherio de Cantino, desde a indicação geographica de mestre Johannes a D. Manoel, o Venturoso, até á carta deste, escripta em 1505 ao rei de Hespanha, sobre a descoberta de uma terra que *novamente* viera á noticia da Europa. Certo, nenhuma das suas descobertas, inclusive a do tumulo de Pedro Alvares Cabral na capella do convento da Graça de Santarem perturbaria tão fundamentalmente Varnhagen quanto a leitura do *Esmeraldo de Situ Orbis*, em que Duarte Coelho Pereira, capitão e cosmographo louvado por Damião de Góes, declara ter vindo ao sul deste hemispherio, antes de Cabral, em 1498, como veiu depois com elle, em 1500. E havia feito essa viagem no terceiro anno do reinado manuelino, por determinação d'El-Rei, que lhe mandara descobrir a quarta parte da terra, a parte occidental, *passando além a grandeza do mar oceano, onde é achada e navegada uma tão grande terra firme — o Brasil!*

Nesse capitulo das opiniões varnhagenianas sobreleva ainda o *anti-indianismo*, que o proprio Varnhagen exaggerou, bravateando, em ferozes polemicas sobre o indio.

Dilatada pelo ignoto americano, a ambição do homem europeu desencadeia o drama da conquista, analogamente cruel, por toda a parte. Sobre a ruina imperial dos Aztecas e dos Incas, o caçador hespanhol, discipulo de Pizarro ou de Cortez, ensina o seu cão a devorar o homem bravo na selva. Exterminando o iroquez a ferro e fogo, methodicamente, o anglo-saxonio arvora uma legenda sinistra: "... *there is no good Indian, but a dead Indian*". Não ha indio hom senão depois de morto. Com o portuguez colonizador temos dous processos antagonicos: o da redempção pela catechese, o da sujeição pela força.

Entre os dous, Varnhagen preferiu o segundo, curvando-se talvez, sem o querer, ao imperativo da ascendencia germanica, mas todas as suas razões anti-indianistas deveriam subordinar-se á outra razão, esquecida ou menosprezada: o valor do elemento aborigene. Sem lhe negar a condição humana, susceptivel de progresso na musica e nas industrias, elle reduz o selvagem brasileiro, por um criterio simplista, ao mesmo typo desconfiado, ocioso, arrogante, voluvel, imprevidente, perfido, vingativo, comedor de terra e de barro, feito para a mentira e desfeito na libertinagem sodomica. Esse typo de nomade, apenas intimidavel, não corresponde aos predicados, á excellencia virtual de tantos outros, glorificados, através da nossa historia, pela coragem, doçura, lealdade e abnegação. Na propria hostilidade, que separava as *malocas*, já entreluzia a sua diversidade, comquanto fossem rebentos do mesmo tronco. Havia tribus indomaveis, como os brutos aymorés, sem o temor suggerido em casos identicos por santos como Nóbrega e Anchieta, mas havia tambem, e eram de certo innumeradas, tribus originariamente doces, amaveis, hospitaleiras, pervertidas ou exasperadas pela malicia congenita do branco. Allianças permanentes com os lusiadas, os francezes e os batavos já indicavam, nessas formas de coexistencia guerreira, a direcção que os levaria a outras formas de coexistencia pacifica.

Depois, o colono avido não procurava decifrar a indole do selvagem, attender nas suas relações ao communismo da tribu, implicando responsabilidade, trabalho e dominio collectivos, transigir nos seus actos com esse multi-secular nomadismo, inadaptavel, de chofre, á servidão agraria das *encomiendas* e dos engenhos. Mais tolerante, mais intelligente, mais arguto, o missionario jesuita soube triumphar no meio economico e psychologico: assim, cultivando a lingua do antochtone, floriou-lhe a alma primitiva com os sentimentos christãos; refazendo nos gestos e nas vozes o curso do pagé, exerceu a autoridade suggestionante e maxima da tribu; instituindo as reduções, manteve o nexo do trabalho e do celleiro communs; acolhendo a prole dos indios na escola e no oratorio, captou-lhes o affecto; disciplinando a propria carne, impoz-lhes a reverencia. Ainda que a lavoura dos collegios enriquecesse a Ordem, e a sua *conquista espiritual* não desse a noção da personalidade ao selvagem, desfigurado num automato, ninguem ousaria equiparar o desprendimento, a idealisação, a nobreza catholica do jesuita aos moveis interesseiros ou inhumanos dos caçadores de escravos.

Quando a theocracia jesuitica e paraguaya, tardio exemplar do communismo religioso, ameaçava o individualismo economico e a influencia politica do Estado, veiu-lhe a hora final, rapidamente, por uma fatalidade historica. Só o missionario, entretanto, viu no selvagem o que veria muito mais tarde Lubbock: uma creança com instinctos e paixões de homem. O grande espirito de Varnhagen chegou a formular, mas, infelizmente, não se conteve nessa formula, a verdadeira attitude moral do homem civilisado em face do homem primitivo" Facil era de ver — considera o historiador — que os Indios, crianças pelo entendimento, só poderiam ser conduzidos á civilisação, tendo sobre elles os chefes a mesma autoridade e *supremacia carinhosa* que sobre os filhos e pupilos concede a nossa legislação aos paes e tutores". Assim o estatuiria, aliás, a antiga legislação portugueza; assim dispõe o nosso Codice Civil, exactamente, que os selvicolas ficarão sujeitos ao regimen tutelar, cessando este, á medida que se adaptarem á civilisação do paiz. Mas tutela não é captiveiro; *supremacia carinhosa* não é a pratica de ferrar, vender, opprimir, encadear o semelhante, esburgado pela fome, retalhado pelo açoite, como se fazia na época das entradas, bandeiras e partidas de resgate.

Não contente ainda com attribuir á crueldade outro nome, chamar-lhe necessidade, Varnhagen alardeou a eficiencia magna do systema. Valeu-se da idéa expiatoria para legitimar o sacrificio dos tupis, recorreu

(12) *Op. cit.*, vol. II, pags. 679-81.

(13) *Op. cit.*, vol. I, pag. 465.

(14) *Op. cit.*, vol. II, pags. 341-5.

estrepitosamente aos posterios na sua demanda, mas nunca será d'elle o triumpho. A sensibilidade moderna exalta cada vez mais a tendencia humana da era colonial, desde as cartas do Padre José de Anchieta aos sermões do Padre Antonio Vieira. Se as vozes amigas do selvagem, nomeadamente Gonçalves Dias e José de Alencar, João Francisco Lisboa e José Domingues Gonçalves Magalhães, commoveram a alma nacional, sob o imperio, culminam hoje o pensamento e a acção indianistas, para gloria da actualidade, tanto na cruzada rondonica até aos confins brasileiros como na synthese do elemento aborigene, construida pelo saber de Rocha Pombo, mestre admiravel na historiographia contemporanea do Brasil. Evidentemente, a sympathia com que Varnhagen considerou o martyrio dos africanos, vindos para o Brasil na escuridão, na tortura, no lobrego inferno dos porões, vortices donde subia o clamor de uma raça escarnecida e flagellada, honra-lhe muito mais o nome, reflecte muito melhor o nosso evangelho e a nossa humanidade.

Litigamos, assim, contra o historiador, assim o julgamos nesse prelio, embora não desejasse Varnhagen o seu julgamento parcelado. 'Oxalá os leitores — clamava elle no prefacio da 1ª edição da *Historia Geral do Brasil* — façam a devida justiça aos nossos principios, não por esta ou aquella passagem da obra, mas pelo seu conjunto! Oxalá descubram nella, atravez da ostentação de uma tolerancia civilisadora, os sentimentos de patriotismo nobre e elevado que nos animaram: não d'outro lamentavel patriotismo cifrado apenas na absurda ostentação de vil e rancoroso odio a tudo quanto é estrangeiro! Oxalá o nosso trabalho concorrera a fomentar, ao menos entre as gerações do porvir, o espirito de generosidade que guiou nossa penna em muitas occasões não sem que ás vezes nos olhos borbulhassem piedosas lagrimas"

Deixemos a acção instaurada contra Varnhagen. E' um processo archivado pelo Tempo, que elevou o homem a super-homem, perpetuando-lhe a figura, entre os benemeritos da patria, na sua galeria esculptural. Para melhor o comprehender, fóra mais acertado reconstituir, como elle suggeria, a unidade do pensamento varnhageniano em face de tres seculos brasileiros.

Antes de tudo, Varnhagen é uma consciencia profundamente religiosa no drama universal. Vê o homem fragil, só, escravizado aos instinctos, ás paixões, ás dores, "miseravel habitante deste nosso pequeno planeta" Miseravel, sim, por um lado, mas perfectivel na sua argila, por outro... A ascensão humana, para o nosso historiador, tem apoio de columnas indestructiveis: uma dellas, a crença, outra, a moral. Dahi a idéa de Providencia em Varnhagen, o providencialismo da sua historia, sobrepairando como um estado de alma religiosa, em algumas concepções, ao estado positivo da mentalidade systematica, indagadora, que só esmerilha e coordena os factos.

Eterno composto de forças propicias e de forças maleficas, a natureza envolve o nosso destino. Que importa? O homem não desfallece. Uma energia especifica e providencial, mau grado a sua miseria, dá-lhe o poder de "aperfeiçoar o bom e destruir o mau", desde que elle se humanise na realidade, associando-se ao homem, submettendo-se a um governo. Dahi a idéa da Civilização em Varnhagen, civilização — expoente de força autoritaria, cohesa, eliminadora do mal e aperfeiçoadora do bem, uma sorte de concepção herculea da Vida, o homem sobrepujando a natureza hostil, como o heroe da lenda thebana, a quem falleceu apenas coragem para carregar o céu estrellado, soerguer o peso do Universo.

Não perdura, entretanto, a associação humana, sem horror ao nomadismo e ao cosmopolitismo. Deve crystallisar juridicamente, solidamente, num typo nacional — o Estado. Na immensidade brasileira, em que a lingua geral e os dialectos negros, como os *orichas* e os *maracás* dos ritos barbaros, são vencidos

pelo idioma e pelo christianismo dos lusos, mas ainda se cruzam tres raças antagonicas, ainda se chocam tres almas differentes, a monarchia parece a Varnhagen o desejado ponto de convergencia, ou melhor, o necessario factor de consolidação. Elle quer, triplicemente, a unidade moral pela fé christã, a unidade intellectual pela cultura mediterranea, a unidade politica, em summa, pelo Estado regio, forte nas suas armas, justo nas suas leis. Dahi a idéa monarchica da Patria em Varnhagen, a sua generosa formula de patriotismo, que ultrapassa a meta da solidariedade e é quasi uma sorte de altruismo, embora nacionalisado e circumscripto — "não tanto, conforme as suas palavras, o apego a um pedaço de terra ou bairrismo... como um sentimento elevado que nos impelle a sacrificar o bem estar e até a existencia pelos compatriotas ou pela gloria da patria".

Religião, cultura e patria, logares comuns e eternos da humanidade, são as idéas-forças de Varnhagen. Com essas idéas fundamentais e outras derivadas — a de providencialismo, a de progresso, a de expansão e unidade — o pensador elucida ou tenta elucidar as metamorphoses do typo nacional, que, transplantado para o *habitat* sul-americano, como vergonhea da Renascença europeia, e enxertado na pre-historia selvagem, deu em tres seculos ardentemente vividos, rudemente pelejados, o typo brasileiro.

Por uma sorte de justiça immanente e harmonia pre-estabelecida, através das maiores vicissitudes e variantes, elle considera providencial na ordem terrestre a nossa evolução, entre a descoberta e a independencia. Tormentos de indios e negros, episodios que ensanguentam o breve feudalismo das capitania, ameaças littoraneas da França Antartica e da França Equinoxial, o dominio hespanhol e a invasão hollandeza, o arremesso dos bandeirantes implacaveis sobre as reduções innocentes, pugnas de colonos e jesuitas, recontros de nativos e emboabas na visinhança das minas de ouro e diamante, o mallogro das reacções nativistas, o sacrificio de Tiradentes em meio dos poetas algemados, o martyrio de Theotonio Jorge e dos seus companheiros, tudo isso lhe faz entrever um designio mysterioso e celeste. Com effeito, sob a injustiça, a dor, o perigo, o despotismo, o sacrilegio, a ganancia, a propria morte, sob a violencia ou a tristeza das suas exterioridades, tudo isso, desencadeado por influxo divino, compõe necessariamente uma energia, que funde as raças oppostas, subjuga o elemento barbaro, tempera os animos e as espadas colonias, rechassa o intruso na muralha dos fortes, no cabeço dos montes, no convés das naus, robustece o individualismo economico, amplia o territorio, povoa os sertões, impede a fragmentação da collossal unidade geographica e politica.

Nesse theatro desordenado, subjectivando o mesmo processo e obedecendo á mesma força, opera a dinamica das personalidades representativas: homens que legislam e batalham, capitães-fundadores, a exemplo de Martin Afonso no remoto nucleo vicentino e Duarte Coelho na heraldica torre de Olinda; architectos da sociedade brasileira como o governador Thomé de Souza, modelo varonil da escola de D. João de Castro, portador de materiaes da vestuta capital bahiana, entre os indios acobreados e nus, que o ajudavam a construí-la, ou o governador Mem de Sá, juiz, estadista, guerreiro, multiplicado nas proezas de Fernão, o filho, de Estacio e Salvador, os sobrinhos, transportar com a sua victoria uma cidade, o Rio, para as culminancias tropicaes; edificadores do santuario brasileiro, emissarios de Jesus como os apóstolos Manoel da Nobrega e José de Anchieta, Leonardo Nunes e Aspilucta Navarro.

O cruzamento das raças precede e acompanha a catechese. Eros antecipa-se a Orpheu nos amores polygamicos e selvaticos de Caramarú, ao norte, e João Ramalho, ao Sul, proliferando em curibocas ou mamelucos para aldeias e villas. Amplexo por amplexo, na mesma fecundidade em que transborda o pollen das grandes nupcias vegetaes, dilata-se a

nova familia do homem europeu, que havia transposto, sob a cruz de Malta, pélagos entenebrecidos, povoados de monstros e lendas pelo terror das gerações medievas. Diferencia-se o velho homem — atlante, porque o Atlantico é a summa da vida lusitana, onda por onda, feito por feito, como da vida hellenica foi o Mediterraneo. Com o luso-brasileiro passa nas florestas invadidas, abaladas por migrações e alianças do primeiro seculo, num tropel de archeiros e centauros, o conquistador do Mar Tenebroso, o fundador do Imperio das Indias, o actor da epopéa camoneana, toda a acção bellicosa, nautica e mercantil dos almirantes e vice-reis, dos capitães e marujos, dos soldados e lavradores, dos artifices e aventureiros, em cuja vontade febril de poder e crear lampejava a alma da Renascença com as suas maculas e os seus prodigios, a um tempo idealista e mercenaria, credula e perversa, contracta e sensual, flammejante de neo-christianismo e neo-paganismo, como soube descrever-a Burckardt, em capitulos que abreviam mundos, como soube traduzil-a Gobineau, em dialogos que accendem relampagos na historia.

Geralmente, os historiadores da Civilização datam de 1580 o occaso portuguez, assignalado pelo dominio hespanhol. Teria sido essa a verdade para a Asia e a Europa, não para o Brasil. Colonia de Hespanha, mas intacto resguardando o espirito colonial dos lusos até 1640, ou combatendo pela sua predominancia, como que o Brasil enfeixa os ultimos raios solares da energia dissipada ou amortecida em outras paragens. E' mesmo no curso dos seis decennios hespanhóes e philippinos que a energia colonisadora faz a conquista da Parahyba e do Rio Grande do Norte, funda o porto de Fortaleza e o reducto de Camocim, aniquila a França Equinoxial, no Maranhão, com os bravos Jeronymo de Albuquerque e Alexandre de Moura, implanta o governo do Pará, inflecte com a esquadrilha de Pedro Teixeira para o labyrinto amazonico, chegando os exploradores, em canoas, até Payamino, e desse logar, por terra, até á cidade castelhana de Quito. E' ainda naquelle periodo que os bandeirantes iniciam a guerra contra as reduções hespanholas de Guayrá, de Tapé, do paiz dos Itatines, ampliam a nossa fronteira meridional até aos afluentes orientaes do Paraná e do Uruguay, como tambem alargam o nosso oeste bravo, por Matto Grosso e Goyaz, immensidades virgens e fulvas no seu deslumbramento. E' logo depois daquella phase, entre 1642 e 1649, que resurge contra a Hollanda o heroismo pernambucano, abandonado já pela monarchia hespanhola, quasi trahido pela restauração portugueza, convertendo João Fernandes Vieira á causa da metropole, culminando em synthese formidavel das tres raças com as figuras nativas dos brancos Vidal de Negreiros e Luiz Barbalho, do preto Henrique Dias, do indio Felipe Camarão.

E eis que o homem brasileiro sobe da expansão á riqueza, da heroicidade á intelligencia na obra de Varnhagen. Ahí vem a torrente de ouro das minas, despovoando Portugal e recobrando os socavões a montanhas esphaceladas pela cubiça dos garimpeiros; ahí vem para a luz de outros cyclos a eloquencia do Padre Antonio Vieira, genio oratorio emplumado no Brasil; a argucia politica do nosso primeiro estadista, Alexandre de Gusmão; o sublime desejo do voo em Bartholomeu de Gusmão, torturado por enigmas, que a mecanica de um brasileiro contemporaneo resolve, ligando o sonho da *Passarola* ao surto da *Demoiselle*; as musas bahianas do seculo XVII; os menestres, publicistas e academias da era pombalina; os sonetos floridos e as pastoraes ingenuas da escola mineira; a alvorada intellectual do Brasil-reino; emfim, a geração emancipadora, commandada por um principe-guerreiro, illuminada por um sabio-poeta.

Litteralmente, a conclusão politica do historiador é a seguinte: "... meditando bem sobre os factos relatados, não podemos deixar de acreditar que, sem a presença do herdeiro da corôa a independencia não houvera ainda



CANDÊA DE ARGILA



A prosapia de Gregorio de Mattos

Pela quarta ou quinta vez leio em varios autores que Gregorio de Mattos é mestiço. O ultimo que repetiu e divulgou a falsidade foi José Maria Bello. Na referencia feita ao grande satyrista brasileiro de seu estudo ácerca da nossa evolução literaria, agora reimpresso no *A' margem dos livros* (Anuario do Brasil, 1923, pag. 214), lá está o lastimoso equívoco, transmittido sem mais exame. Talvez se possa attribuir o desacerto á circumstancia de ter o poeta de *Marinícolas* nascido naquella terra a que D. Francisco Manoel de Mello chamou "inferno dos negros, purgatorio dos brancos e paraizo dos mulatos", mas que era elle branco, e de sangue estreme luzo, não ha duvidar. Com effeito, pertence elle a uma familia de nome limpo e honrado, a qual, se bem que não fosse de alta linhagem, estardeava fidalguia genuina. Seu pae era um escudeiro fidalgo emigrado de uma provincia portugueza para a Bahia, onde se fez proprietario, e a mãe, brasileira, era tambem de boa geração, senhora distincta e abastada. Todos os biographos são unanimes quanto á sua nobre estirpe, e o primeiro que lhe escreveu a vida, com a vantagem de ter sido quasi contemporaneo, assevera que foram seus pais "Pedro Gonçalves de Mattos, fidalgo da serie dos Escudeiros em Ponte de Lima, natural dos Arcos de Valdevez, e Maria da Guerra, matrona geralmente conhecida de respeito em toda a cidade, cujas prendas intellectuaes amassaram uma trindade capaz de resplandecer no coração da mesma Roma", e que "eram estes de tal maneira ricos que possuíam com outras fazendas um soberbo cannival na Patatyba fabricado com perto de cento e trinta escravos de serviço, que repartia a safra por dous engenhos, cujo rendimento supria largamente os gastos de um liberal tratamento e caridade com os pobres" Foi Gregorio de Mattos o mais moço dos tres varões nascidos deste matrimonio, sendo o segundogenito Eusebio de Mattos, emerito pregador, provector latinista e tambem bom poeta, e o ultimo Pe-

dro de Mattos de Vasconcellos, grande solphista, que abandonou os estudos em Coimbra para ser lavrador. A acreditar no licenciado Manoel Pereira Rebello (*Obrs. poet. de Gregorio de Mattos*, Rio de Janeiro, Typ. Nac., 1882, 5), dizia a mãe do satyrista que Deus lhe havia dado "três filhos como três sovelos sem cabo" Gregorio de Mattos desdenhava prosapias, e gloriava-se todavia particularmente de ter nascido branco, como testemunham estes versos, dedicados *A' gente da Bahia*

Não sei para que é nascer
Neste Brasil empestado
Um homem branco e honrado
Sem outra raça.

Terra tão grosseira e crassa
Que a ninguem se tem respeito
Salvo se mostra algum geito
De ser mulato.

Indignado, declara ainda na poesia *Milagres do Brasil*, escripta contra o padre Lourenço Ribeiro, mulato pernóstico que ousára motejar publicamente da sua musa,

Que um cão revestido em padre,
Por culpa da Santa Sé,
Seja tão ousado que
Contra um branco honrado ladre...

e terminava dizendo que

... ser mulato,
Ter sangue de carrapato,
Seu estoraque de Congo,
Cheirar-lhe a roupa a mondongo,
E' cifra de perfeição:
Milagres do Brasil são.

Assim, por estes versos expressivos, vê-se que Gregorio de Mattos ao mesmo tempo que era cioso de sua alva cepa, invectivava os mulatos, manifestando profunda aversão á gente de côr.

Uma falsa amante de Napoleão no Brasil

No tomo II de *Les contemporains étrangers* (Payot & C., Lausanne, 1914), o conhecido critico Maurice Muret dedica o setimo capitulo á analyse do romance de Sophus Michaelis 1812: *Der ewige Schlaf*, apparecido em Berlim no anno de 1912. Sophus Michaelis, um dos nomes mais fascinantes da literatura dinamarqueza contemporanea, é escriptor original, que, além de dotado de abundante e emotiva imaginação, possui vigoroso estylo colorista e profundo sentimento artistico. Intelligencia poderosa e clara, com infinitas bellezas e multiplos encantos, foi buscar o assumpto da obra, cujo titulo em francês é *L'éternel sommeil*, num dos episodios mais culminantes da epopéa napoleonica, que tal foi a campanha da Russia, "une Iliade qu'Homère n'inventerai pas". O romance vem a ser um admiravel poema em prosa, a idealisação daquelle momento terrivel do grande drama, uma allegoria do destino do grande imperador. "Parmi les innombrables ouvrages de poètes étrangers inspirés par l'épopée impériale, *L'éternel sommeil* mérite une place d'honneur, diz-nos Muret. Ce livre n'est pas plus comme les poèmes d'Adam Mickiewicz et d'Henri Heine — une oeuvre de circonstance. M. Sophus Michaelis n'a pas vu Napoléon I entrer á Dusseldorf tambour battant, mander le pasteur protestant, le prêtre catholique et le rabbin juif et leur donner á tous trois, au grand étonnement des badaus, une leçon de libéralisme et de tolérance. Le beau roman de M. Michaelis n'est pas dû non plus á la haine, haine vengeresse á l'égard d'un vainqueur trop longtemps victorieux. Dans la sympathie de ce danois pour Napoléon I, il n'entre aucun élément subjectif. Seules, la grandeur, la beauté intrinsèque du sujet l'ont séduit. Son Napoléon, plus épique que dramatique, répond bien au type du héros qu'il avait conçu. M. Michaelis n'a donné á son roman qu'un seul héros: Napoléon, deux tous au plus: Napoléon et la grande armée. Il les montre indissolublement liés dans l'espérance et le despoir, la victoire et la déroute". Composto de episodios destacados, mas constituindo um todo harmonioso, essa obra de consumada arte e de excelsa inspiração pode ter tida como uma das mais impressionantes que inspirou a lenda ou a historia imperial.

Michaelis acompanha o Cesar francês desde a sua partida de Saint-Cloud, em 22 de maio de 1812, até a retirada de Moscou, esta com o seu interminavel cortejo de horrores, presidido pela fome, pelo frio e pela morte, "une vraie retraite de cadavres", como escreveu Chateaubriand. Naturalmente, o episodio final é que empresta ao romance toda a força symbolica, porque é aquelle em que o tragico attinge ao apogeu, e Michaelis, com a sua forte capacidade de representação e com todas as voluptuosidades da sua intelligencia creadora, pinta-nos Napoleão, contra o qual se congregaram o céu e o inferno, resistindo obstinadamente á desventura, como um semideus ferido no seu orgulho. No momento em que o desastre se agrava, o romancista faz intervir no poema um incidente sobremaneira suggestivo e de intensa emoção artistica. Vencido pela natureza, Napoleão vagava pelos caminhos cobertos de neve, mudo e só, desorien-

talvez nesta epocha triumphado em todas as provincias, e menos ainda se teria levado a cabo esse movimento, organizando-se uma só nação unida e forte, pela união, desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul' (15).

Esse imperio e essa unidade, conservados por acto providencial, são as bases do credo de Varnhagen. Para lhe não obscurecer ou deformar o pensamento, é necessario, acima de tudo, crer identicamente na fortaleza, na predestinação, na suprema logica do Brasil unitario, compacto, infinito pelos seus attributos, mas indivisivel como a substancia.

Indagando á luz de outros methodos o nosso determinismo social, extrahindo ao encadeamento dos factos, por indução, outras generalidades mais positivas, alheias ao providencialismo de Varnhagen, o moderno espirito brasileiro parece tender cada vez mais a essa unidade organica, sem absorver caracteres ou annullar movimentos, que melhor signifiquem a espontaneidade, a plenitude, a

efficacia dos typos regionaes. Dest'arte, o pensamento de Varnhagen filho, occupando o nosso horisonte, sobranceia as altitudes lendarias de Ipanema, donde sahio, moldada em ferro, a corôa superposta pela industria metallurgica de Varnhagen pae ao reino americano de D. João VI. Allegoricamente, a *Historia Geral do Brasil* é tambem um diadema ferreo, talhado para a vetusta magestade colonial de tres seculos ungidos por Deus, aventureiros e batalhadores. Enquanto se abysmam num jazigo de Vienna as cinzas do historiador, legadas ao Brasil, e até hoje lá esquecidas, reaccende-se através das nossas almas o pensamento inextinguivel de Varnhagen, luminoso mensageiro, trazendo consigo a velha corôa ideal da Tradição, o velho e sacro thesouro das origens, para o levar ainda aos tempos vindouros, aos novos dias mais bellos da patria soberana, com o mesmo fervor e a mesma gloria.

Rio, 17 de fevereiro, 1923.

Celso VIEIRA

(15) *Historia da Independencia*, pags. 349 e 350.

tado e afflicto, agitado por mil angustias e presagios, entre aparições terríveis e imagens de uma gloria em declínio. Surge então, numa allegoria illuminada pela belleza e pela dôr, uma figura de mulher, alva e fria, linda e triste, ajoelhada deante de dois cadaveres, que são pae e mãe, victimados na véspera por um bando de camponeses russos. Derredor, o ar era de desolação, mas, quando avista, na fascinação do proprio destino, a infeliz, atropelada por iguaes tormentos, o soturno guerreiro desprende-se dos seus negros pensamentos e dos seus graves problemas para acolher enternecidamente a mysteriosa donzella. A scena é bella, e é resumida como se segue por Muret:

"O imperador sente o desejo de estar só. Prohibe que o sigam, e caminha, a pé, atraz do grande exercito. Onde vae elle com esse passo pesado sobre a neve dura? Pouco lhe importa. Quem sabe? E' possivel que encontre dentro de pouco tempo uma guarda avançada de cosacos. Seria a morte, mas tambem a libertação. Ah, porque não caiu na Moskowa, quando podia ainda acreditar na sua estrella? Pisando a planicie branca, o imperador vae seguindo sempre direito, durante horas, cheio de tristes pensares. De repente, um objecto brilhante, aos seus pés, chama-lhe a attenção. Abaixa-se; é uma borla doirada caída do seu nianito. E Napoleão comprehende que, ha horas, vem andando em circulo. Emquanto elle imaginava atravessar a steppe em linha recta, voltava ligeiramente, desenhando uma curva immensa até encontrar novamente as suas proprias pegadas. Seguia-se a si mesmo, astro errante preso na sua orbita. Do precipicio em que o imperador caiu uma mão de mulher vae arrancal-o. Deante delle está uma choupana, e, penetrando nella, uma moça, quasi louca de terror, o recebe. Falando-lhe, Napoleão sabe que é franceza: chama-se Amélie Bonchamps; e os dois cadaveres estendidos sobre a meza, entre duas luzes, são de seu pae e de sua mãe. "Hontem, passaram aqui alguns camponeses, conta Amélie. Com um golpe de machado na cabeça, mataram minha mãe. A meu pae, mataram-no com a sua enxada, emquanto eu gritava de pavor na alcova. Não me mataram: meu pae e minha mãe preservaram-me da morte. Desde então, quando os cosacos entram aqui e vêm estes cadaveres, retiram-se. Meus paes protegeram-me da morte: hão de salvá-lo tambem..." Apezar do logar lugubre e do horror da narrativa, Napoleão, exaustivo, adormeceu. "Levante-se, escute-me", exclama Amélie Bonchamps; mas é em vão que ella chama o imperador, e acaricia a sua frente, como acariciaria a de uma creança. Napoleão, attonito, não ouve mais nada. E deixando cair a sua cabeça em fogo, torna a dormir no collo de Amélie Bonchamps. Inclinada sobre o imperador, Amélie vela docemente o seu repouso. Os cosacos podem vir. Encontrarão com quem falar. E quando o imperador desperta, arrancado ao eterno somno, Amélie Bonchamps dá-se a elle, num impeto de adoração e de piedade. Napoleão volta á vida, á esperanza. Ao amor de Amélie Bonchamps, deve uma energia retemperada, uma renovação de dignidade. Recobra a voz de chefe para falar com seus marechaes, agradece-los, exhortá-los, negar orgulhosamente a derrota. Sente préssa então de voltar á França, á Paris, de mostrar á Europa que o seu senhor não abdica. Transpõe a galope, sem parar, o espaço que o separa da fronteira russa..." E assim termina Sophus Michaelis o seu romance: "No mês de dezembro de 1894 morria em Porto Alegre, no Brasil, na pobreza e no olvido, uma mulher de origem franceza: Amélie Bonchamps. Morria mais do que centenaria, esquecida e miseravel. Num escapulario, que usava sempre pendurado no pescoço, achou-se um pedaço de papel em que se podia ler o seguinte: "Adeus, Amélia, para sempre talvez, quem sabe? Só me viste uma vez, durante minha quédá, emquanto o meu exercito dormia um eterno somno nos campos de gelo da Russia. E tiveste piedade da minha immensa angustia. No teu impeto de amor, verteste-me o esquecimento de todos os soffrimentos; para acalmar o meu desespero, sacrificaste a tua propria felicidade. Se eu con-

seguir salvar o meu throno, pensarei em ti, em ti que tiveste pena de Cesar vencido. Beijo-te a frente e digo-te adeus. — Napoleão"

O que muitos dos leitores ignoram é a fonte deste episodio final, tão poetico e tão emotivo, e bem assim quem creou no Brasil a lenda de Amélie Bonchamps amante de uma noite do imperador dos francezes. O caso, por mais de um aspecto, é assás curioso, e principalmente porque ao mesmo está ligada a inventiva de um dos nossos patricios, que foi homem de talento. Trata-se de Germano Hasslocher, parlamentar famoso, que a uma logica irreductivel alliava uma eloquencia arrebatadora, persuasiva e pragmatica, e perfeito jornalista, que possuia copiosa erudição e caustica analyse servidas por um estylo vibrante e pittoresco, e cuja figura é ainda hoje evocada com saudade por todos quantos o conheceram. Temperamento forte e grande coração, Germano Hasslocher, era, no emtanto, de genio alegre, que se comprazia em rir do grotesco da vida e brincar com o ridiculo das cousas, desde que não lhe despertavam a piedade. Motejador impenitente, satyrista terrivel, pamphletario destemido, com o dom natural da graça, a sua conversação era fertil em paradoxos, anedoctas, historias que provocavam sempre o riso ou a gargalhada. Director da *Folha Nova*, que se publicava em Porto Alegre, não viu nenhum mal, ao saber do fallecimento de uma senhora franceza, chamada Amélie Bonchamps e residente ha muitos annos na capital gaúcha, em ligar o nome obscuro dessa dama á immortalidade do genial curso. Manejando a lingua franceza sem difficuldades e conhecedor da historia de Napoleão, muito facil lhe foi arranjar a burla, que saiu quasi perfeita. Com effeito, no dia 14 de dezembro de 1894, a *Folha Nova* inseria a seguinte noticia, composta e divulgada sob o mair sigilo:

"AUTOGRAPHO DE NAPOLEÃO

Um autographo de Napoleão I, em Porto Alegre, parece uma invenção, no emtanto é uma verdade. Vi-mol-o em mãos de um dos mais assíduos collaboradores desta folha, a quem pertence hoje. Resumamos a historia. Falleceu, ha dias, em Porto Alegre, Mme. Bonchamps, na idade de 101 annos, pobre e obscura, amparada por uma familia caridosa que a trouxe comsigo do Rio de Janeiro, ha uns 15 annos mais ou menos. Chamava-se Amélia e sobre a sua existencia nunca dissera cousa alguma, si tinha ou não familia. Ao pescoço trazia uma especie de breve que ao morrer foi aberto pelos de casa, vendo com surpresa, os que profanaram o segredo de sua vida, que era uma carta de Napoleão I que tão mysteriosamente occultava entre pannos. A carta dizia assim:

"Adieu Amélie, qui sait si pour jamais. Tu m'as vu me une seule fois, au milieu de ma disgrâce, au moment où mon armée dort sous les glaces de la Russie l'éternel sommeil de la mort. Tu as eu pitié de mon malheur et tu m'as donné l'oubli dans un moment d'amour, sacrifiant ton bonheur pour apaiser ma désespérance. Si je parviens à sauver mon trône, je me souviendrai de toi que as eu pitié de César vaincu. Un baiser sur ton front et adieu."

NAPOLEON.

1812.

D'este documento se deprehende que Napoleão, fugitivo da Russia, seduziu uma joven que veio a morrer em Porto Alegre, aos 101 annos. Mme. Bonchamps ou antes Amélia Bonchamps, jámais revelou esta circumstancia de sua vida. Apenas referia ás pessoas da casa onde habi-

tava que vivia na Russia, durante a invasão de Napoleão, em casa de seus pais, que foram massacrados pelos russos, tendo ella sido salva milagrosamente. Como foi que o destino fez vir morrer neste canto da America, uma mulher que arrancou ao maior homem do mundo aquellas linhas? Aos curiosos offerecemos a constatação do facto, deixando em nosso escriptorio, a sua apreciação, o velho documento que resistiu a 84 annos. Na data em que foi escripto devia Mme. Bonchamps ter 17 annos"

A nota sensacional correu mundo. No Brasil, o consul de França em Porto Alegre reclamou ameaçadoramente a entrega do original da carta, que Germano recusou entregar, allegando, no emtanto, a sua authenticidade, emquanto, em Paris, Frédéric Masson, o historiador escrupuloso e sempre fiel no seu culto extremado pelo primeiro imperador, tratou logo de verificar a veracidade do episodio, convencido de que o documento attribuido ao restaurador do imperio latino era apocrypho. De facto em nota da edição definitiva da sua interessante obra *Napoléon et les femmes* (Ollendorff, Paris, s|4. pag. 280), escreveu: "Il s'est fait quelque bruit dane l'autre hémisphère au sujet d'une prétendue lettre de Napoléon trouvée dans un scapulaire que portait au cou madame Amélie Bonchamps morte à Porto Alegre (Brésil) à l'âge de cent un ans. Une note parue à ce sujet dans le journal *O Paiz* de Rio de Janeiro en date du 15 décembre 1894 me fut signalée par un de mes correspondants de la Nouvelle-Orléans. l'honorable M. Allan Eustis; mais cette lettre transcrite dans la *Folha Nova* et plus tard dans divers journaux italiens me paraît apocryphe. Elle aurait été écrite au milieu des désastres de la Retraite de Russie: Napoléon s'y déclarerait le *César vaincu* et s'attendrait sur sa propre chute. Cela n'est guère dans son caractère". Frédéric Masson, autor que melhor e mais pormenorizadamente estudou a vida intima de Bonaparte, não se enganára. Seja como fór, porém, a engenhosa mystificação de Germano Hasslocher, com todos os attributos da verosimilhança, teve a virtude de inspirar o formoso epilogo de um dos mais seductores romances da literatura européa contemporanea, aproveitado e composto com a verdade poetica, que se permite nas obras de ficção ou de arte, como alimento da vida, e a qual, ás vezes, é mais verdadeira que a propria exação historica. No dizer de Muret, o critico divulgador do *L'éternel sommeil*, os amores apocryphos de Napoleão e Amélie Bonchamps, não só nada tem de ultrajosos, como, ao contrario, embellezam de um aspecto humano a mais angusta phase da epopéa imperial. Ao cabo, Mme. Bonchamps estaria no mesmo caso que Mme. Pellapra, Mlle. George, Mme. Lise e tres ou quatro outras amantes passageiras de Napoleão Bonaparte, a quem Venus prodigalisou tantos favores deliciosamente exquisitos.

Do Rembrandt lusitano

Ha dias, quando, na ante sala do Gabinete Português de Leitura, olhava para um quadro representando a morte de Canões, de artista conhecido e sem luzimento, lembrei-me de Sequeira, o grande pintor lusitano, cuja arte floresceu no ultimo quartel do seculo XVIII e começo do seguinte, e da estranha aventura occorrida com duas das suas melhores telas, ignoradas ou perdidas no Brasil.

Domingos Antonio de Sequeira, que nasceu em 1768 e morreu em 1837, é o maior genio artistico de Portugal, que já havia dado Nuno Gonçalves ou Grão Vasco e possuie Columbano, para só citar os insignissimos. Tendo passado os periodos de maior actividade creadora no estrangeiro, em Roma e Paris principalmente, deixou uma obra notabilissima, que o colloca entre as figuras primaciaes da pintura moderna, com legitimo direito á admiração universal. Na primeira phase, ainda estudante em Roma, assignou varios traba-

lhos, taes como o *Milagre da multiplicação dos pães e dos peixes*, que valeu o primeiro premio da Academia Pontificia de S. Lucas, a *Degolação de S. João Baptista*, com que obteve a nomeação de academico de merito, e o que tem por titulo *Dae a Cesar o que é de Cesar*, todos excellentes e muito gabados. De 1802 a 1810, executou, entre outros quadros, a *Conversão de S. Bruno*, os eremitas *Santo Antão e S. Paulo*, *Martins de Freitas* e o retrato equestre de *D. João VI*, pintou alguns tectos da Ajuda e desenhou a famosa baixella offerida por Portugal ao duque de Wellington. Foi, porém, nos ultimos quatorze annos de sua vida que Sequeira se revelou verdadeiramente assombroso. Ora em Portugal, onde encontrou decepções e amarguras, ora em Paris, onde esteve exilado desde 1824 a 1826, ou em Roma, que tanto amava, e onde afinal falleceu, trabalhou febrilmente, com constancia, fascinado pela sua arte, deixando uma copiosa collecção de obras primas, que se encontram, na maior parte, dispersas e reconditas, na Itália, na Russia e no Brasil.

Em Paris, compoz a *Morte de Camões* e a *Fuga para o Egypto* e em Roma, o antigo pensionista dos Marialvas, que sempre teve generosa assistencia por parte do embaixador D. Alexandre de Souza Holstein, pintou: o *Baptismo do Salvador* e a *Cruzificação de Christo*, que pertenciam ao duque de Braciano; a *Fé*, adquirida pela gran duquesa Helena da Russia, a quem recusara dezeseis contos que lhe offerecera para ir trabalhar nos seus Estados; a *Santa Veronica*, feito para um convento de Roma, e o *Caminho da Cruz*, para uma igreja tambem de Roma; a *Sacra Familia*, a *Virgem, S. Raphael e Tobias*, *Santo Antonio pregando aos peixinhos* e o *Salvador*, que estavam em poder do cavalleiro Migueis, genro do artista; o *Calvario* ou *Descida da Cruz*, a *Adoração dos Magos*, a *Ascensão* e o *Juizo Final*, que se encontravam até pouco tempo na casa Palmella. Sequeira pintou ainda um dos tectos do palacio do marquês Hercolani, em Roma, e assignou innumerous desenhos, ou carvões, simplesmente prodigiosos como factura e concepção, e que, algumas vezes, valem os quadros.

Todos quantos conhecem as telas ou quadros de Sequeira são unanimes em qualificá-lo de artista de genio. Stendhal impressionou-se com a *Santa Familia*, e na sua critica sobre o *Salon de 1824*, onde Sequeira exposerá ao lado de Ingres, Delacroix, Signalon e outros artistas consagrados, assim se exprime: "J'ai remarqué une Sainte Famille de M. Sequeira: on dirait une copie du Corrège, tant les couleurs de ce tableau font plaisir à l'oeil; on sent que le peintre a songé à la nature, et non pas aux bas-reliefs antiques, en composant son tableau". Ao conde Raczyński, ministro da Prussia em Portugal em 1843, o *Calvario*, a *Adoração dos Magos*, a *Ascensão* e o *Juizo Final* inspiraram tamanho entusiasmo, que esse amator distincto e provector critico d'arte o comparou a Rembrandt e a Ticiano. Destas composições, as mais representativas da genialidade de Sequeira, dizem tambem maravilhas os criticos modernos, confirmando o conceito do autor do *Dictionnaire Historique-Artistique du Portugal*. Com effeito, Carlos Malheiro Dias na segunda serie das suas *Cartas de Lisboa* (Lisboa, 1915, 61), escreveu: "A comparal-o com alguém, é indispensavel remontar ao Rembrandt da *Mulher Adultera* e ao Rubens da *Kermesse* e do *Rapto das Sabinas*. De um, tem os phantasticos effeitos luminosos, a visão flagrante dos tempos biblicos do Velho e Novo Testamento, o intensissimo poder da dramatisação, o talento miraculoso de valorisar as sombras, enchendo-as de intenção e de mysterio; do outro, possui a paixão, o movimento e a violencia, o segredo de amontoar formigueiros humanos, de encher de figuras todas as superficies, com a abundancia de um rio de luz que transborda e tudo alaga. Não seria difficil, num estudo circumstanciado, a aproximação do pintor portuguez com os mestres das escolas flamenga e hollandeza, de quem elle conheceu apenas uma insignificante parte da obra, tendo tratado, como na *Fuga de Loth* e na *Suzana sahindo do banho*, alguns dos

seus themas predilectos, por uma fascinação irresistivel de discipulo. Mas é preciso ver estes dous quadros (*Adoração dos Reis Magos* e *Descida da Cruz*), para encontrar esse Sequeira dos prodigios, para se ter a revelação d'esse artista extraordinario e para se sentir toda a intensidade da perda que representou para Portugal e para a Arte a sua morte. Essa sua mesma inclinação para as apologias, tanto no sabor da sua época, é necessario talvez explical-a, não já como uma abdicção á moda, mas filial-a nessa attracção do seu genio phantasmagorico e theatral, pela obra apogetica do Rembrandt da *Concordia do Paiz* e do Rubens da *Apothéose de Guilherme o Taciturno* e do *Triumpho de Julio Cesar*". Acrescenta por fim, Malheiro Dias, com consciencia e autoridade, que a *Adoração dos Magos* e *Descida da Cruz*, pintados, o primeiro no verão de 1827 e o segundo no de 1828, no Castello Gondolfo, quando Sequeira contava já sessenta annos, constituem a maior obra que Portugal produziu em pintura, e o filiam á pleiade dos celebres mestres dos seculos XVIII e XIX. E' fóra de duvida que Sequeira é o primeiro pintor portuguez, e um dos mais extraordinarios que surgiu na Europa, depois do admiravel periodo da Renascença espanhola, italiana e flamenga.

Teve, porém, a obra de Sequeira destino mui singular: salvante a *Adoração dos Magos*, *Descida da Cruz*, *Resurreição* e *Juizo Final*, que figuram na collecção da familia Palmella, os demais quadros, que, como estes, representam a culminancia do seu genio, encontram-se fóra da patria, e muitos delles em sitios não conhecidos. Dizem que para o Brasil vieram duas dessas magnificas telas, que bastariam para a gloria de um artista, e que são: *Morte de Camões* e *Fuga para o Egypto*. São dois grandes quadros, pintados em Paris, entre 1824 e 1826. Sobre o primeiro, diz Raczyński, em *Les Arts en Portugal* (Paris, 1846, 284): "Sequeira se rendit à Paris vers la fin de 1823, et à l'exposition (Louvre) de 1824 on voyait une de ses compositions. C'était un tableau representant *Les derniers moments de Camões*. Ce tableau, quoique peint à la pâte, a été loué par Gérard, Granet, Vernet, et autres peintres français". A respeito da *Morte de Camões*, estampa o Visconde de Jurumenha no primeiro volume das *Obras de Luiz de Camões* (Lisboa, Imp. Nac. 1860, 424) algumas informações valiosas e transcreve a seguinte descripção que do mesmo fez para o *Courrier*, jornal francês, de 20 de setembro de 1824, Mr. Serrurs: "O espectáculo geral do quadro, perfeitamente de accôrdo com o espirito do objecto, é pouco proprio para attrahir as atenções. Observa-se uma camara francamente illuminada pela luz de uma candeia, a cuja claridade um habitante de Lisboa lê a Camões a fatal noticia da perda da batalha de Alcacer-quibir, na qual falleceu o Rei de Portugal D. Sebastião, com a flôr da sua cavallaria. O illustre velho sustem-se a custo, junta suas encarnadas mãos, e fita suas vistas moribundas para o céu. O tom do quadro é horroroso e obscuro, os accessorios são os que devem ser, isto é, proprios para darem a idéa de um completo desenvolvimento... A figura do velho poeta neste quadro é com effeito mais bella, considerando-se poeticamente. Em seus membros devorados pela velhice, através das suas barbas cmaranhadas, descobrem-se-lhe ainda vestigios d'essa organisação superior que o constituiram ao mesmo tempo um poeta consumado e um soldado aguerrido. Este quadro, despojado de todas as seducções da arte e dos prestigios da palheta, me arrebatou todavia a um grau pouco ordinario; o motivo disto é ser o objecto escripto com uma energica simplicidade; e finalmente porque esta tela encerra o que todos os pintores deveriam observar, assim em grande como em pequeno, e vem a ser o pathetico e o verosinil". Affirmou o nosso Manuel de Araujo Portoalegre ao visconde de Jurumenha que o quadro, pintado em madeira, rivalisava com as melhores obras de Gerard Dow, e que vira em Paris, em 1834, em casa do pintor napolitano Gianai, os cartões e estudos que serviram para o painel, dadaiva de Sequeira. Ora, segundo conta Jurumenha, o fa-

moso quadro foi offerido a D. Pedro I, imperador do Brasil, vindo, por fallecimento deste, a pertencer a sua filha a Infanta Dona Francisca, princeza de Joinville, que o teria levado para a França, mas é crença geral que a *Morte de Camões* se acha no Brasil extraviada, do mesmo modo que a *Fuga para o Egypto*. Além destes dois quadros, asseveramos Carlos Malheiros Dias, que devem tambem existir no nosso pais os retratos dos viscondes de Pedra Branca, tidos como esplendidos, as tellas encomendadas para uma das salas do paço real da Ajuda, inspiradas em episodios da vida de D. Affonso Henriques, e trazidas por D. João VI em 1807, e o grande quadro allegorico á partida do mesmo principe, que ha 38 annos estava na quinta de S. Christovam. Por fim, ainda a proposito de trabalhos de Sequeira, lembraremos que delle existe um excellento retrato de nosso pintor Manuel Dias, o *Romano*, seu companheiro de estudos na Academia de S. Lucas, cujo esboço, feito em carvão, figura, ao que me parece, no Museu das Janellas Verdes de Lisboa.

Fico attonito ao saber que no Brasil existem, occultos e desaparecidos, esses preciosos thesouros, e espanto-me ainda com o facto de até hoje não ter surgido uma iniciativa generosa para a obra meritoria, que seria tambem gloriosa, de procurar ou descobrir, em algum palacio ou convento, fechado á curiosidade publica, essas maravilhas do Rembrandt lusitano, salvando-os da ruina e opulenteando o patrimonio artistico da humanidade.

O historiador de Napoleão

Frédéric Masson, que acaba de fallecer, em Paris, no posto de secretario da Academia Franceza, foi principalmente o devotado historiador de Napoleão, o defensor das suas glorias, o guarda sempre vigilante da lenda imperial. Ao estudo exhaustivo da biographia do imperador e da familia Bonaparte, desde as origens até o esplendor, desde a queda fatal até o martyrio e morte da Aguia no rochedo de Santa Helena, consagrou elle a sua longa existencia, publicando uma serie de volumes em que tudo quanto se relacionava com o maior dos francezes foi devassado, analysado e commentado á luz da verdade historica, pouco ou quasi nada tendo deixado por examinar. Nessa vasta obra, escripta naturalmente com paixão, mas composta com probidade e consciencia, o que ha de mais impressionante é esse forte, fervoroso e fecundo sentimento de veneração pelo guerreiro que escreveu com a espada a mais admiravel das epopéas. Não ha outro exemplo de letrado que tivesse, durante cerca de meio seculo, se devotado com infatigavel tenacidade, piedosa solicitude e extrcmado amor á ardua mas consoladora tarefa de rastrear a vida de um homem que, podemos dizer, viveu intensamente, perigosamente, magnificamente, multiplas vidas. Com effeito, Napoleão I foi um genio mui singular, que, representando formidavel accumulção de forças activas, pesou sobre o destino do mundo e teve a humanidade acorrentada ao seu despotismo, e é essa existencia assombrosa, avassaladora, paradoxal, opulenta de prodigio e rica de fatalidade, que fascina, perturba e aterra, que Frédéric Masson reconstituiu em cincoenta e tantos tomos, que dão ainda inapagavel relevo á individualidade do escriptor. Não é sem proposito lembrar que o nome de Frédéric Masson está ligado á investigação de dois factos occorridos no Brasil. O primeiro caso, narrado pormenorizadamente em artigo que publicamos na *Revista da Semana*, e que aqui agora se reimprime, refere-se á uma falsa amante de Napoleão, ao qual, á vista do texto que o divulgara, elle recusou authenticidade. O outro é o projecto de fuga do imperador de seu captiveiro, com á cumplicidade dos revolucionarios pernambucanos de 1817, episodio que tambem documentamos no nosso livro *Brava Gente* (paginas 205 a 275), e sobremaneira o interessou, como se verá pela seguinte carta, datada de Paris de 11 de agosto de 1921: "Ja lirai avec

NOTAS & COMMENTARIOS

O Brasil na Conferencia de Santiago

O discurso do Sr. Ministro Félix Pacheco, no almoço offerecido á nossa Delegação á Quinta Conferencia Pan-Americana, traça o ponto de vista do Itamaraty nessa importante reunião americana, a que comparecemos animados das melhores intenções de collaborar numa obra util e proveitosa, no beneficio da America. O chanceller brasileiro acredita que "o trabalho das diversas delegações, entretanto, não vae ser difficil, porque apenas consistirá em seleccionar e colher esses fructos, mostrar, classificar da maneira mais conveniente e exhibir aos olhos do mundo essa opima produção, que brota espontaneamente, com toda a sua prodigiosa força nativa, nos diversos galhos em que se subdivide e se expande o novo e robusto exemplar da flora politica internacional, representado pelo nosso continente." Significa, portanto, que vamos a essa Conferencia cheios de fé, certos de que não se trata de uma inutil e pomposa conversa diplomatica, sem resultados praticos, mas de uma assembléa onde os themas objectivos devem ser preferidos, como accentuou o Itamaraty, de sorte a effectivar a resoluções anteriormente adoptadas. Quanto á these duodecima — *consideração da redução e limitação das despesas militares e navaes numa base justa e praticavel* — o ministro Felix Pacheco fez as seguintes declarações: primeiro, tendo o Brasil condicionado a acceitação dessa these, no programma da Conferencia, á realização da Preliminar de Valparaíso, que promoveu com tanta cordialidade e fraccassou, teria o direito de se abster de particular do debate; segundo, estando ausentes o Mexico, o Perú e a Bolivia, sendo que esses dois ultimos paizes lindeiros do Brasil, verificaria este a dificuldade de resolver o problema á revelia dessas republicas amigas, duas das quaes com interesses directamente ligados aos seus. A despeito disso, dando mais uma prova de seu espirito de confraternização, o Brasil envia a Santiago especialistas militares e navaes, confiante de que de seus entendimentos com os peritos dos demais paizes resultarão os mais fecundos

beneficios, e receberá com a maxima sympathia e sem a minima prevenção, todas as suggestões plausiveis, relativas á citada these. Portanto, embora pudesse fazer cabedal das ditas reservas, o Brasil vae a Santiago sem restricções, desejoso de cooperar numa obra estavel, cuja perfeição está, todavia, prejudicada, com a ausencia de tres paizes e tambem do Canada. O que parece se confirmar é a justeza do que, muito lucidamente, viu o Itamaraty, quando relutou em acceder na inclusão da these duodecima. Ella será o maior embaraço á Conferencia, como já tem sido, e irá prejudicar demasiadamente a attenção da assembléa, desviando-a de estudos mais uteis e praticos, tanto mais quanto a these está irremediavelmente compromettida, com a ausencia de alguns paizes, e sua efficacia dependeria somente de uma approvação unanime. Como quer que seja, o Brasil, seguindo sua tradicção inalteravel de fraternidade, comparece a Santiago, disposto a trabalhar com o resto da America, na obra nova deste continente, de que as Conferencias Pan-Americanas constituem uma das mais salutaes realizações.

O anniversario de Cerro Corá

A 1º do corrente, na costumada indifferença pelas coisas historicas, passou o 53º anniversario do termo da guerra do Paraguay, com a morte do tyranno Lopez ás mãos do soldado brasileiro Chico Diabo. Por mais que historiadores estrangeiros queiram deturpar a verdade historica; por mais que os paraguayos queiram nos apresentar como barbaros, nessa guerra, em que lhe salvamos a nacionalidade; por mais que alguns espiritos, especialmente os nossos positivistas, queiram fazer uma pagina negra de nossa historia a campanha de 1865-1870, o certo é que nella entramos forçados por uma situação que ameaçava todo o continente; nella defendemos tanto a integridade nacional como a americana e a do proprio Paraguay; nella estivemos com um inalteravel espirito de justiça e nobreza e della saímos com os mãos limpas e mais aureolados pela retidão do procedimento do que pelo fulgor das victorias magnificas de nossos heroes. Não fomos contra o povo paraguay, fomos contra o estabelecimento da perigosa tyrannia que se implantara no centro da America do Sul, com

perigo para todo esse hemispherio, contra a loucura de um megalomano, que incendiára um povo e o lançou numa campanha formidavel, onde seu heroismo não foi desmentido, mas sacrificado pela ambição do truculento supremo. Finda a guerra, com a morte de Lopez, não quizemos nada, não pedimos nada, não nos apossamos de nada. Cumpriamos um dever, com sacrificios inauditos, pois a nossa desordem financeira veiu da guerra do Paraguay, com o inevitavel desequilibrio de nossas finanças. O que é extraordinario é que hoje, ainda pretenda no paiz visinho exaltar como um super-homem a figura de Lopez, adulterando-se a historia com as mais graves injustiças contra nós, para se elevar a pedestal do tyranno, que ensombrou a historia americana. O patriotismo deve ser obra de justiça e sobre alicerces de falsidades não se construirá nada de definitivo. Os falsos deuses tombarão de seus nichos fragorosamente e ninguém os leva mais a serio. Não ha galvanização possivel e a historia não póde ser um arcabouço que nossas predilecções ornamentam a seu bel-prazer, para lhe modificar o tom. Ha verdades que se fixam na consciencia e não ha revezes ou campanhas que as apaguem. Mas rememoremos, um instante, o final da guerra. Depois da entrada do grande Caxias em Assumpção parecia finda a longa peleja, mas Lopez não se convencia da derrota e sua vaidade reuniu alguns mil homens nas montanhas de Ascurra, dispondo-se a iniciar guerrilhas e emboscadas. Retirando-se Caxias do commando supremo do nosso exercito, foi substituido pelo Conde d'Eu, que decidiu dar cabo do inimigo, pondo termo á campanha. O inicio das operações foi dado, com o encontro effectuado em Jejuy, onde o general Camara desbaratou totalmente o inimigo. O general Menna Barreto, transpondo o Rio Paraná, apodera-se de Sapucaia, ao mesmo tempo que Osorio occupa as cordilheiras de Valensuela. Realiza-se, então, o ataque á nova capital do dictador. — Perebebuy, — que depois de alguma resistencia cae em poder dos brasileiros, sendo aprisionado toda a sua guarnição sobrevivente. Dias depois o Conde d'Eu registrava a sua maior victoria, ganhava a batalha de Campo Grande, tomando toda a artilheria que o dictador ainda possuía e aprisionando tres mil soldados, que o acompanhavam nessa fuga atravez dos sertões. Lopez fugiu, embrenhando-se pelo sertão, onde varias expedições deram batida, até que o tyranno foi encontrado, pela do general Camara, em Cerro Corá, onde soffreu o ultimo revés. Mas, ainda assim, não foi aprisionado. Fugiu, mas o general Camara, seguindo-lhe a pista, foi encontrá-lo, nas margens do Aquidaban, onde, a 1º de Março de 1870, morreu nas mãos de Chico Diabo, soldado voluntario do Rio Grande do Sul. E assim findou a guerra, onde aureolamos nosso espirito com a gloria das armas e a justiça do procedimento. A camisa com que Lopez morreu está conservada no Museu do Ypiranga, em S. Paulo.

Homenagem a D. Julia Lopes de Almeida

Numa das suas ultimas sessões, a Academia Brasileira de Letras prestou uma significativa homenagem á brilhante escriptora D. Julia Lopes de Almeida, consignando em acta um voto de louvor pelo apparecimento de seus novos livros, *A Isca*, *Jardim florido* e *Oração á Santa Dorothea*, que offereceu á Academia por intermedio do Sr. Goulart de Andrade. Este academico ao passar os livros da insigne romancista ás mãos do Presidente da Academia, proferiu palavras entusiasticas sobre a sua illustre autora, cujos meritos exaltou. O Presidente Afranio Peixoto, fazendo consignar na acta o voto de louvor, referiu-se encomiasticamente á grande escriptora, que só não pertence áquella companhia, pela circumstancia fortuita de não haverem seus estatutos permittido a entrada das senhoras. E entre carinhosos applausos a D. Julia Lopes, que sem duvida representa uma das mais altas expressões do romance brasileiro, a Academia approvou unanime a homenagem proposta.

le plus vif intérêt les articles que vous me dites avoier publiés dans *l'Illustração Brasileira*, car moi aussi j'ai cherché ce qui avait été tenté a Pernambouc pour le salut de l'Empereur. Je dois dire que malgré les articles de mon ancien camarade M. de Barral, je n'ai pu arriver á un résultat. Je veux espérer que vous aurez été plus heureux. Assurément ainsi que j'ai essayé de le dire dans mes derniers livres, je crois qu'il y eut des tentatives aux Etats Unis et dans l'Argentine, et celle de Pernambouc m'a particulièrement attiré, et peut-être allez-vous me la dévoiler. Croyez-moi, Monsieur, á ma gratitude et á mes sentiments de particuliere attention. *Frédéric Masson*" Ao cabo de uma existencia productiva e cheia de nobreza, a que não faltou scintillação, Frédéric Masson morre em plena belleza moral, deixando uma obra destinada, consoante seu desejo, a sempre alimentar o culto sagrado á figura estupenda de Napoleão, tal como lampada que se nunca apaga ao pé do idolo.

Outro inedito de Castilho

Entre papeis de estimação, encontramos, justamente com dois outros autographos, estes versos de Antonio Feliciano de Casti-

lho, que, como tudo quanto dictou e assignou, ostentam a marca inconfundivel de seu grande espirito:

Tornaste-te, egregio moço, á terra fortunosa,
apostada em sagrar-te um solio diamantino;
mas nunca, entre o esplendor do mais feliz
[destino,
te deslembre que a patria é sempre mãe
[saudosa.

Nos murmurios do Tejo ouve esta melodia:
— "Inda te esperam cá mais gloria e mais
[amores! —
Vae pois, mas torna! Ah, torna! O sol no
extremo dia
quer-nos ver- onde abriu nossas primeiras
flores.

Temos razões para acreditar que esta poesia, datada de Lisboa, aos 2 de dezembro de 1870, é inedita, e que a saudação é dirigida a Furtado Coelho, quando o artista voltava ao Brasil, onde passou quasi toda a existencia.

Elysio de CARVALHO

Ronald de Carvalho

Como já é conhecido, este brilhante escriptor, cujo alto espirito tem dado tão intenso fulgor ás nossas lettras, foi convidado pelo governo do Mexico, por iniciativa do ministro da educação, Sr. José Vasconcellos, que foi o illustre embaixador de seu paiz nas festas do nosso centenário, para visitar essa República amiga, em Maio proximo, realizando uma série de conferencias. Esse convite a Ronald de Carvalho não é apenas uma honra para sua admiravel personalidade, mas um motivo de orgulho para nossas lettras, sobretudo as novas, em que o autor dos *Epigrammas tronicos e sentimentaes*, tem um realce inconfundivel. Não é preciso, nesta revista, a cujas paginas a penna de Ronald de Carvalho tem dado tanto fulgor e de que já foi director-litterario, que se diga de seus meritos exceptionaes, justificativa bastante para o convite que recebeu. No cumprimento da missão espirital que o leva ao Mexico, Ronald de Carvalho vai honrar a cultura brasileira, não se podendo imaginar quem melhor a pudesse representar, symbolizando essa renovação victoriosa, na qual seu esforço tem sido dos mais ponderaveis. Ronald de Carvalho pretende realizar uma serie de conferencias sobre o Brasil, dissertando provavelmente sobre a formação politica brasileira e da sua sociedade; sobre litteratura, artes plasticas, musica e tendencias modernas do nosso espirito. O convite do embaixador Torre y Diaz, que é um formoso documento de louvor ao nosso confrade, está concebido nestes termos: "El gobierno de Mexico, considerando que una de las formas más adecuadas y practicas de laborar por el adercamiento de dos pueblos, es hacer que estos se conozcan en todas las manifestaciones de su actividad, y se enteren al mismo tiempo de su historia y desenvolvimiento, todo este por conducto de sus hombres representativos, a iniciativa del Señor Dr. José Vasconcellos, secretario de Education Pública, ha acordado invitar usted, personalidad prominente entre la brillante juventud brasileña que descuellá por sus propios méritos y cuyos sentimientos de simpatía hacia Mexico mas de una vez se ha paternizado, para que, como huesped de la secretaria de Educación Pública, visite nuestra capital y realice en ella una serie de conferencias. El ministro, Señor. Vasconcellos, me pídese sea yo quien transmita a usted dicha invitación, que se hace por acuerdo del presidente de la República, Excmo. Señor. Alvaro Obregon y con gusto cumpla tal cometido, esperando que se servirá usted aceptar aquella, y que su visita a Mexico será de mutuo provecho para nuestras patrias y servirá para que se intensifique más, se cabe, la simpatía que existe los dos pueblos hermanos" Ronald de Carvalho aceitou o convite e deverá partir em Maio proximo. Sabemos que o *Instituto Tornhagen*, de que é um dos vice-presidentes, o incumbirá da missão de promover junto ás associações congéneres do Mexico o intercambio intellectual com o nosso paiz, facilitando o estudo reciproco e o contacto entre as mentalidades dos dois paizes.

O monumento a Eça de Queiroz

A homenagem do espirito brasileiro a Eça de Queiroz foi um acto de justiça e de agradecimento sincero. Nenhum escriptor moderno teve influencia maior sobre o Brasil do que o romancista admiravel dos *Maias*, cuja fulguração neste lado do Atlantico foi por certo mais intensa ainda do que em Portugal. Eça ficou sendo dos nossos, não só pela familiaridade de seus escriptos, de suas chronicas, de seus romances, de seus typos, até de suas expressões e modismos, de sua vida, de seus habitos. Sobretudo a geração anterior aos escriptores apparecidos de 1910 a esta parte, recebeu fortemente o influxo do romantismo, da ironia e da sentimentalidade de Eça de Queiroz. Houve quem se criasse nos seus romances, nas suas chronicas vivas e scintillantes, que constituem talvez a parte mais intelligente de sua criação. Aliás, no proprio romance, Eça de Queiroz faz a chronica dos typos, observados com a mais profunda humanidade, num ambiente de constante zombaria. Collaborando em jornaes desta capital, o insigne escriptor mais directamente se vinculou ao meio, que muito o interessava, sendo tambem amigo intimo de grandes brasileiros, sobretudo de Eduardo Prado e do Barão do Rio Branco, com os quaes conviveu por largo tempo em Londres. Portanto, a homenagem prestada ao grande estilista, naquella formoso monumento do Sr. Pinto do Couto, erigido na Avenida Ruy Barbosa, e da qual foi denotado propugnador

o illustre escriptor, Sr. Matheus de Albuquerque, se justifica como, um dever de todos nós que temos recebido de Eça de Queiroz uma influencia tão larga e tão benéfica. As palavras vibrantes do nosso admiravel prosador, o Sr. Coelho Netto, representam bem a sinceridade da nossa consagração e o fervor com que fizemos. Ademais, a obra de Eça de Queiroz não é sómente familiar aos intellectuaes, senão das que mais profundamente têm penetrado o nosso meio, onde Fradique Mendes, João da Eça, o primo Basilio, o magnifico Jacintho, o universal Pacheco, o venerando Conselheiro Accacio e tantos outros são lembrados a cada instante, que nos atravessam a frente.

A idéa foi lançada pelo Sr. Matheus de Albuquerque, num brilhante artigo publicado no *Paiz*, em 18 de Maio de 1912, que logo recebeu a mais franca acolhida em todos os meios intellectuaes do Brasil, não lhe faltando tambem viva opposição, que teve o merito, segundo o justo conceito do illustre proponente da homenagem, de "livral-a das unanimidades, nem sempre conscientes". Dias depois do artigo do Sr. Matheus de Albuquerque, o *Jornal do Commercio*, edição da tarde, tambem apoiava a iniciativa, depois aceita pelo *Paiz*, pela *Noticia* e pela *Gazeta de Noticias*, sendo que esta, em cujas columnas appareceram tantas chronicas fulgurantes de Eça de Queiroz, affirmava que esse monumento era um dever intimo de nós brasileiros. Logo a seguir, os Srs. Coelho Netto, Alberto de Oliveira, João Luso, Costa Rego, D. Julia Lopes de Almeida, Eugenio de Lemos, Theophilo de Albuquerque e Ciovis Bevilacqua, além de muitos outros, inclusive o grande Bilac, hypothecaram a mais decidida solidariedade e appalearam a idéa do brilhante Sr. Matheus de Albuquerque, vencedora pelo suffragio de elementos dos mais significativos na nossa mentalidade, como os que citamos e varios outros, que nos escapam neste momento. Uma comissão, composta dos Srs. Coelho Netto, Matheus de Albuquerque, João Luso e Vasco Ortigão, se constituiu para levar a cabo a iniciativa, que agora está corporificada no formoso monumento da Avenida Ruy Barbosa, que diz da nossa gratidão, mas tambem da nossa cultura, para nos prevalecer de uma phrase do seu illustre proponente, a quem cabem os maiores applausos pelo exito da campanha, magnificamente encerrada.

O monumento é obra do esculptor Pinto do Couto, sendo em marmore branco, com a figura da Verdade, apoiando a mão direita sobre um medalhão, onde apparece, em metal branco, o busto de Eça de Queiroz, naquella pose tão conhecida e divulgada, com o rosto apoiado sobre a mão direita. Do outro lado do monumento, ha uma columna partida e á direita, em letras de metal branco sobre o marmore, a inscripção *A Eça de Queiroz*. A inauguração do monumento foi feita com grande solemnidade, tendo descerrado as cortinas o Prefeito Alair Prata e o embaixador Duarte Leite. O Sr. Coelho Netto proferiu uma vibrante oração, em que historiou, em voo ligeiro, a evolução da lingua desde o seu desabrochamento do latim rustico, com influencia de outros idiomas, e dialectos falados na Peninsula, até o seu estado actual, caracterizando as épocas pelos movimentos, que nelas predominaram, imprimindo o seu cunho, ou expressão á lingua. "Assim ella nos sôa forte, rude, aspera, com entrechocos como de armas no periodo das guerras pelo territorio. No socego da paz quando os tabiados se armam para os autos ella reflecte a alma do povo e sôa como dicção das gentes simples, com reminiscencias do latim e do castelhano e vozes arabes de permeal, Ralam os dias aventureiros, fazem-se as náos aomar, vão-se a descobrimentos e conquistas, é o periodo do fastigio e a lingua reflectindo lembranças do passado ennobrece-se em dizeres e na fórma e assim como ás tradições christãs, ainda se apegam restos do paganismo, o salbo latino persiste na épica de Camões — é o ressamto, a lingua torna-se mystica, ascetica e vida e os mosteiros tornam-se a sêde do pensamento a lingua torna-se mystica, ascetica e ella que bradava á frente das mesnadas, que folgava nos tabiados dos autos, que se casava, nos mares, com os rumores das borrascas, prega nos pulpitos, ora nos altares... Hespanha, firmando o seu dominio reinfiltra no vernaculo o seu idioma e o portuguez torna-se um escravo de castelhano. A restauração liberta-o e elle refaz-se até resurgir de novo forte com os tres chefes do romantismo. Ainda assim não se liberta a lingua do que lhe ficara dos periodos anteriores — é rude, pesada, sem flexibilidade, como de ferro e pedra. E' a Eça, incontestavelmente, que

se deve o menelo gracioso que hoje tem a lingua portugueza facil, sonora, fluente, alijeirando-se nos periodos e cantando vivamente na estrophe. A elle, o artista, devemos a fluidez do idioma que hoje falamos e no qual vamos transformando os nossos sonhos" E o Sr. Coelho Netto, em palavras commovidas, enalteceu o autor de tantas obras que antes mesmo de se haver pensado em levantar o monumento que acaba de ser inaugurado, já haviam firmado o seu autor no coração de todos os brasileiros.

New York-Rio de Janeiro

O grande *raid* aereo, de Hudson á Guanabara, gloriosamente coberto pelos aviadores Walter Hinton e Pinto Martins, com ser mais um triumpho admiravel para a navegação aerea e um motivo de justo orgulho para o Brasil, pois delle participou um nosso patriota, veio mostrar, como aliás já demonstrára a bella travessia de Gago Coutinho e Saccadura Cabral, que estão resolvidas as dificuldades de navegação no ar, mas persiste o problema do apparelho. Em ambos esses *raids*, como aliás em outros, a exemplo da projectada viagem em torno do mundo, o elemento perturbador foi o avião, ainda demasiadamente fragil para os embates dos longos roteiros, ou insufficiente para os grandes vôos. Se o motor tem provado admiravelmente, apesar da *panne* do Fairley 16 no *raid* Lisboa-Rio, que quasi mallogrou, o audacioso tentame as condições de segurança e resistencia do aeroplano ainda deixam muito a desejar e retardam as possibilidades das viagens aereas de longo curso. O magnifico *raid* Nova York-Rio, dirigido por Walter Hinton, o primeiro aviador que, num só vôo, atravessou o Atlantico, teve de ser feito em dois apparelhos e só foi vencido pela constancia e estoicismo dos dois bravos commandantes do "Sampaio Corrêa II". A victoria ainda é da intelligencia sobre o ar, mas este se desforra da audacia dos vingadores de Icaro, zombando de seus frageis apparelhos, e, se não conseguem abater o homem, desmantelam suas azas. Este *raid*, cujo exito celebramos ruidosamente, nas multiplas, eloquentes e entusiasticas homenagens prestadas a Hinton e a Pinto Martins, foi de uma bravura inexcédível, exigindo um espirito de serenidade, constancia e tenacidade invenciveis, de sorte a ser concluido com gloria. A travessia entre Nova York e o Rio, pelas dificuldades de navegação nas costas do Mexico e nas Antilhas, é, para os marinheiros, um verdadeiro desafio da natureza, pois nessas zonas as tempestades e os cyclones repetidos e constantes são de uma impetuosidade temível. Agora, se considerarmos esses perigos para a navegação aerea, ainda incipiente e sem terem os aviões a garantia e segurança dos navios, podemos estimar toda a bravura, o sangue frio e a sagacidade dos dois grandes aviadores, que ora homenageamos. A ligação das Americas, como já se fizera da Europa com a America, em varios *raids*, dos quaes o primeiro foi vencido por Walter Hinton e o mais perfeito e scientifico foi o de Gago Coutinho e Saccadura Cabral, feito para commemorar o nosso centenário, não só é uma gloria imperecível para a aviação, mas tambem um motivo de exaltação para o Brasil, por ter collaborado nesse tentame ousado e magnifico, um seu filho, da terra que anteviu o dominio dos ares com Bartholomeu de Gusmão e o conquistou com Santos Dumont. Fazemos na epopeia da aviação mais uma inscripção gloriosa do nosso nome, com o feito concebido por Pinto Martins, e realizado com o auxilio e sob a direcção proficiente de Walter Hinton, um dos maiores aviadores do mundo. O Brasil comprehendeu bem esse significado no novo *raid* e as homenagens exceptionaes com que glorificou o aviador patriota, deram mais fulgor a sua predestinação de conquistador dos ares.

O problema da Amazonia e os capitães norte-americanos

Segundo noticia que nos trouxe a *United Press*, pendente de confirmação, capitalistas norte-americanos disporiam de cem milhões de dollars para explorar nossa borracha, na Amazonia, mediante certas condições, dentro as quaes: redução ou supressão dos impostos de exportação; saneamento da Amazonia; introdução de trabalhadores *yankres*; abertura de todos os rios dessa região aos navios estrangeiros. Antes de entrar na apreciação dessas condições, que não parecem muito accetaveis, é licito que se pergunte

desde logo, quaes são as garantias que nos trazem esses capitalistas. Porque por mais necessario que seja ao Brasil o capital estrangeiro, que na Amazonia sobretudo, teria um magnifico emprego, não podemos consentir na sua entrada sem garantias efficientes, de que não constituem embargo, não diremos á soberania nacional, o que seria muito forte, mas ao rythmo de nossa formação que pôde ser lenta, mas tem de ser seguro. Se o capital norte-americano tem um immenso valor não é menor o da região onde se pretende invertel-o, o que vale dizer que ha mutuas compensações. Portanto, da mesma fórma que se nos falam em condições, temos o direito de inquirir sobre as garantias a nos serem dadas, fazendo-se um accordoleale amigo, como é licito esperar do nobre povo da grande republica a que nos ligam tantos e tão intimos laços de inalteravel amizade. Sobre as ditas condições, duas ha perfeitamente justas, a do saneamento e a da vinda de trabalhadores *yankees*, desde que, quanto á segunda, seja ella regulamentada no molde de nossas praxes de immigração e resguardados os direitos preferenciaes dos trabalhadores brasileiros. Quanto á questão de impostos de exportação, ha a considerar que, embora essa supressão represente um beneficio para a nossa economia, pois nada os justifica em paiz que vive da exportação, não se o pôde, nem se deve, fazer de subito, o que desequilibraria as finanças dos Estados interessados que têm nessa renda sua maior fonte de receita. Só, aliás, os Estados poderiam entrar em accordo quanto ao assumpto, de mais muito possivel, mediante concessões compensadoras. A ultima condição é inaceitavel. Não podemos abrir nossos rios, sem restricções, porque equivaleria isso a banir delles a bandeira brasileira, vencida na concorrência, ao menos por um longo periodo. A nossa politica, no Imperio como na Republica, tem sido liberalissima na abertura de seus rios, mas isso não pôde ir até a imprudencia economica de entregar sem restricções os nossos rios á navegação, para uma determinada exploração, que eliminaria, *a priori*, os navios brasileiros dessas rotas fluviaes. Além desses, ha um outro problema não menos grave, o da aquisição das terras. De outras feitas, e sem ter nenhum caso concreto em vista, temos chamado a attenção do governo para o assumpto, pois não devemos consentir que continue a venda de largos terrenos a companhias estrangeiras, até nas zonas fronteiriças, contra o aviso expresso dos proprios órgãos militares. O presidente Epitacio Pessoa enviou nesse sentido uma mensagem ao Congresso pedindo que se legislasse sem mais tardança sobre o assumpto, o que todavia ainda não foi feito. No caso vertente, essas concessões de terras representam questão seria e, falando francamente, sem reservas, e não admitindo esse perigo *yankee* sobre a Amazonia, tantas vezes denunciado, acreditamos que o governo tem o dever de velar sobre a soberania nacional, evitando quaesquer vendas de terras que possam constituir um embaraço, senão politico, ao menos economico. A necessidade dos capitaes estrangeiros, por mais imperiosa que seja, e ninguém a reconhece melhor do que nós, não poderia justificar de modo algum qualquer tentativa de desnacionalização do territorio brasileiro, mesmo sem ser feita com intenções, mas por simples consequencias irremediaveis. A previsão des-

Feitos esses ligeiros reparos, sobre pontos sas resultantes não nos deve sair de frente, perfeitamente possiveis de accordo, alegramo-nos com a noticia da vinda de capitaes *yankees* para o soerguimento da Amazonia, onde estão as mais preciosas gomas do mundo. Podemos estar certos de que todos os capitaes que vierem ser applicados ao Brasil, para a borracha da Amazonia, terão a maior compensação. Estamos absolutamente convencidos de que o esforço e o capital estrangeiros não se perderão no extremo-norte, cuja penuria é apenas crise de nossa incuria, mas pôde ser remediada. Não se recuse aceitar a cooperação estrangeira, sendo leal e legitima, como estamos certos ser a americana, caso se confirme o citado telegramma.

Manoel Querino

Morreu, na Bahia, Manoel Querino. Ninguém, que tenha estudado as nossas artes, desconhece esse nome modesto de um trabalhador infatigavel, que, com o mais amoroso intento, foi um pesquisador da vida dos artistas bahiános, reconstituindo num livro utilissimo a biographia dos mestres da esculptura, da talha, da pintura e da musica, que tem florescido nessa terra gloriosa.

Foi um paciente reconstituidor de elementos apreciaveis para o estudo da arte na Bahia, sobretudo da religiosa, de que possui verdadeiros thesouros, infelizmente no olvido. Nas suas paginas singelas, Manoel Querino deixou preciosa cópia de informações de que os criticos futuros não prescindirão, quando se escrever a historia de nossas artes. A sua obra de beneditino, levantada dia a dia, pedra por pedra, como obreiro constante e tenaz, é digna de toda estima e merecia bem mais larga divulgação. Era Manoel Querino homem de côr, nascido em Santo Amaro, a florescente cidade dos engenhos e das usinas de assucar, de origens muito humildes e que se fez por um esforço persistente e constante. Desde cedo, dedicou-se a reconstruir os dados da historia da arte bahiana, através da biographia de seus artistas, que levantou com innumeradas difficuldades, authenticando obras e factos dispersos, em meio onde as coisas de arte são sempre postos em segundo plano. Era membro do Instituto Geographico e Historico da Bahia e socio benemerito do Lyceu de Artes do mesmo Estado. Seu livro "Artistas Bahianos" está quasi exgotado e seria bem o caso do governo da Bahia promover a sua reedição, com maior numero de illustrações para ser melhor e mais amplamente divulgada.

As obras de Glauco Velasquez

No seu ensaio "Um seculo de musica", recentemente publicado no *Estado de São Paulo*, o illustre critico musical Sr. Rodrigues Barbosa escreveu: "Nada tendo feito em prol de Glauco Velasquez — o grande artista que tombou no inicio de sua carreira gloriosa — esperemos que os que nos governam providenciem no sentido de serem impressas as preciosas composições que elle deixou. Ellas attestarão, a todo tempo, aqui e alhures, um compositor que honraria qualquer nacionalidade, e se chamava Glauco Velasquez." Esse appello, partido de penna tão autorizada, não pôde ficar perdido e merece do governo attenção carinhosa e sollicita. Não é preciso insistir nos meritos excepcionaes do grande compositor, que foi Glauco, para justificar o pedido feito ao governo e cuja execução é das mais simples. O *Instituto Nacional de Musica*, de que Glauco fôra alumno, pôde perfeitamente dirigir essa publicação, de sorte que a obra do poderoso artista possa ter uma grande divulgação, para maior gloria e renome do Brasil. É certo que não damos muita conta a essas coisas de arte, são de somenos para os governos; é certo que grande parte da obra de José Mauricio se perdeu comida pelas traças e apodrecida; é certo que dispensamos pouco tempo com assumptos tão pouco rendosos... Mas, é preciso reconsiderar esse descaso pelo espirito nacional e reagir contra essa falta de educação, em que afinal tudo se resume. Glauco Velasquez foi apresentado ao Congresso pelos nossos mais illustres compositores e musicistas, que pediam um auxilio de 25.000\$. (25.000\$ apenas...) para que Glauco Velasquez pudesse ir a Europa revelar seu alto espirito e trabalhar sem as immediatas preocupações materiaes. Apesar dos nomes que subscreveram essa mensagem, ficou a mesma perdida em qualquer pasta de expediente inutil... Seria agora o caso do governo mandar imprimir a obra de Glauco, resgatando um pouco a dívida pouco honrosa do seu descaso. Este é um triste depoimento de nossa cultura e precisamos, em terra onde as difficuldades de vida são tremendas para os artistas, por deficiencia de iniciativas particulares, remediar essa situação de desamparo, aos que deveriam ser estimulados e exaltados. Neste momento de renovação de nossos valores, é preciso reagir contra esse preconceito de ignorancia, que recusa utilidade ás coisas de espirito e se converte na generosidade mesma, para favorecer a mediocridade apadrinhada. O appello do Sr. Rodrigues Barbosa, e que fazemos nosso tambem, em favor da musica brasileira não pôde ficar perdido e seria um crime deixar que se percam ou extraviem, ou mesmo se retarde a divulgação, as obras de Glauco Velasquez, tão significativas na musica nacional, a que dera um brilho original e inconfundivel.

A bibliotheca do Congresso Americano

Este maravilhoso edificio, que eleva sua massa branca, no alto da colina do Capitolio, impressiona ao visitante dessa cidade maravilhosa, que é Washington. Nelle está a Bibliotheca do Congresso, que hoje é a biblio-

theca nacional norte-americana, posto guarde o seu nome primitivo e seja mantida pelo Congresso da grande Republica, sob cuja jurisdicção se encontra. É uma das maiores do mundo e, por certo a mais rica, tendo custado mais de sete milhões de dollars o seu imponentissimo edificio. Este occupa 3 acres e meio e emprehende 7.500.000 pés cubicos de espaço e mais de 8 acres de espaço assoalhado. A capacidade primitiva das estantes era de 2 milhões, mais hoje pode accommodar mais de 7 milhões de volumes. A média diaria da sua frequencia é de 2.500 pessoas. O edificio, de uma grande riqueza, é notavel pelas suas decorações, innumbidas aos mais notaveis artistas norte-americanos, pelas suas obras de estatuaria, relevos, etc. A bibliotheca foi fundada em 1800, tendo soffrido neste seculo e tanto de existencia varios accidentes, dos quaes os mais importantes foram os incendios de 1814, causado pelo bombardeio dos inglezes ao Capitolio, que a destruiu, e o de 1851, que tambem a destruiu em parte, salvando-se ainda 20 mil volumes. A classificação desta bibliotheca foi organizada por uma resultante da experiencia dos systemas existentes, inclusive o decimal e o expansivo sujeitos ao criterio especial da casa, de suas colleções e das possibilidades das mesmas. O adoptado não visa sómente seguir rigorosamente a ordem scientifica dos assumptos, mas uma sequencia dos varios grupos, considerando-os como agrupamentos de livros e não de assumptos, evitando-se assim termos desusados ou especializados. Escolheram-se symbolos para designar: 1) as classes, por uma maiuscula ou uma letra dupla; 2) as sub-classes, por estas, combinadas com um algarismo na sua sequencia ordinaria. As disposições para a inserção de futuros grupos são: primeiro, pelo uso de numeros até agora não utilizados; segundo, pelo emprego de decimaes. As principais classes são: Polygraphia, Philosphia, Religião, Historia, Sciencias auxiliares, Historia e Topographia, exceptuada a da America, America (geral) e Estados Unidos (geral); Estados Unidos (local) e America fóra dos Estados Unidos; Geographia, Antropologia; Sciencias sociaes; Sciencias politicas; Direito; Educação; Musica; Bellas Artes; Língua e litteratura; Ficção; Sciencias; Medicina; Agricultura, Technicologia; Sciencia militar; Sciencia naval; Bibliographia. Além disso, possui a bibliotheca uma riquissima colleção de manuscritos, cercada das maiores cautelas, guardados em caixas especialmente construidas para expor o material, com cores de aço, etc. Entre os manuscritos de grande valor citam-se colleção de Peter Force, sobre historia colonial; papeis de Washington, Jefferson, Monroe, Clevelan, Roosevelt, Taft e outros presidentes e estadistas norte-americanos, inclusive os papeis de Benjamin Franklin e de Alexandre Hamilton sobre o Congresso Continental e as actas dos commissarios leaes; os documentos diplomaticos dos estados confederados e os do correio confederado, e muitas outras preciosidades de valor inestimavel. A colleção de mappas tambem apresenta um grande valor, pois não só contem 161.711 mappas e 5.771 atlas, como nesta tem quasi todos os trabalhos de Ptolomeu, Ortelius, Mercator, Blaeu e outros, dos quaes o mais antigo é o primeiro atlas gravado em cobre e a traducção metrica em italiano por Berlingeri da geographia de Ptolomeu, publicada em Florença, em 1480. É tambem muito precioso o manuscrito do globo, com 72 mm. de diametro, feito por Vopel, em 1543, sendo que só existem mais dous outros exemplares. As outras secções especiaes, de musica, de gravuras, etc., são igualmente riquissimas, merecendo especial menção a bibliotheca juridica com 195.000 volumes e se conta como a maior do mundo no genero. Tal é esta grandiosa bibliotheca, que tambem tem um escriptorio de informações bibliographicas, respondendo a mais de 25 mil perguntas por anno, sobre questões de bibliographia e pesquisas concernentes ao assumpto. Publica varios trabalhos, catalogos, annuarios, regras de catalogação, classificação de livros, obras de consulta, etc. Além de ser uma das mais ricas bibliothecas do mundo, a Bibliotheca do Congresso norte-americano é uma das mais perfeitamente organizadas e possui um aparelhamento tecnico invejavel e inimitavel. É um justo orgulho dos "yankees", cujo grão de adiantamento no assumpto é simplesmente assombroso. No entretanto, é para lastimar que a nossa Bibliotheca Nacional, que possui tantas e tão ricas preciosidades não disponha das necessarias verbas para uma organização modelar ou ao menos sufficiente a pôr em abrigo seguro, contra a destruição, innumeradas colleções, nem sequer catalogadas. Infelizmente, no Brasil, ainda somos muito indifferentes ás cousas do espirito, sobretudo as que exigem um trabalho beneditino e não se resolvem pelo reclamo espalhafatoso e retumbante.

N O T U L A S

Um bilhete de Diniz Junior

Ao brilhante jornalista que é Diniz Junior, director d'A Patria, onde, além do artigo de fundo, sempre chelo de idéas sãs e segura orientação, mantém diariamente a secção *O meu bilhete*, em que os factos sociaes, politicos e litterarios da actualidade são commentados com superior intelligencia e desassombro, ora elogiando as nobres iniciativas e os propositos patrioticos, ora invectivando os nullos, os perversos e os energúmenos, devemos a gentileza das palavras que adeante se transcrevem, publicados no referido jornal do dia 23 do mez findo, não sendo esta a primeira vez que sae a publico em defeza desta revista:

"Elyσιο de Carvalho, na *America Brasileira*.

Director!

Sempre acho uma infinita graça nos individuos que o detestam por causa do empenho que V. põe no accentuar os valores da sua raça e no carinho com que encara os assumptos de Portugal.

Foi esse odio pequenino que levou os falsos nacionalistas a intrigar-o com o governo, envolvendo-o e ao grande Malheiro Lias no fallecido caso armamentista.

Os tecedores, não obstante a solução que se deu ao facto, continuam, porém, a vizal-o e á sua revista, que é uma das publicações mais bellas, mais viús e patrioticas, dentre quantas se fizeram no Brasil.

Não se incomode, entretanto, com esse trabalho de inconsciente derrotismo. Cada vez mais, se comprehende, em nossa terra, a necessidade de accrescer, completando-os, os meios de defesa nacional. E só um brasileiro suspeitoso ou tristemente visionario, pretenderá que nos convençamos da possibilidade de uma existencia tranquilla para o Brasil, com o abandono ou descuido desse grave e urgente problema.

(Aliás, os que o accusam prégavam, não ha muito, um pacifismo de empreitada, com a circumstancia de estarem promovendo uma viagem de Zeballos ao Rio de Janeiro...)

Só os cegos não vêm!

Ha mesmo — e sempre houve — uma tal ou qual harmonia entre a campanha lusophoba e essa outra de aproximação zeballista com Buenos Aires. (Repare que não alludo a rhetorica desses galfarros induza quem americano, pela qual sou dos que mais se batem).

Felizmente, o Brasil vive na plena consciencia dos seus destinos e é impossivel que á politica fraterna de avigoramento latino-quer que seja a acreditar em certas amizades.

Amigos entram pelo coração a dentro. E a verdadeira amizade não carece de reclamos e "camelots".

E' aquelle "refrain" da cantiga:

*Quem é bom já nasce feito
Quem quer se fazer não pôde.*

Deixe-os estar, homem! Toda gente os conhece, não ha quem os não aponte.

O caso delles é de "empregos", e qual-quer serve, inclusive os da fiscalização da batota.

Connosco a cousa fia mais fina. Nem V. quer "empregar-se", nem eu. Mas, o que não estamos é dispostos a pactuar com as sandices e impatriotismo dessa gentinha.

O velho Nietzsche fala do sexto sentido, que é o historico, sem o qual os povos se olvidam de si proprios.

Nós vamos por ahi. Estamos certos. Que importa o resto?

Et semper.

JOÃO, APENAS.

A "America Brasileira" no estrangeiro

A *America Brasileira* cada vez adquire expressão internacional. No nosso continente, o seu artigo programma foi discutido longamente pelo Sr. Estanisláo Zeballos na *Revista de Derecho y Historia*, de Buenos Aires, a nossa actuação é acompanhada muito cuidadosamente pelos órgãos mais importantes da Argentina, Uruguay, Paraguay, etc., que constantemente nos dispensam referencias. Em Portugal, a imprensa de Lisboa tem transcripto ou commentado mais de um trabalho nosso, fazendo-o sempre acompanhado de palavras carinhosas e lisonjeiras. A imprensa franceza tem mais de uma vez se referido á nossa publicação, e o *Matin*, no *Courrier des Lettres*, frequentemente cita os principaes artigos do nosso summario.

A *Vanguardia*, diario sidonista que se edita em Lisboa, no seu numero de 4 de janeiro findo, precede a transcripção de um dos artigos do nosso director. *Os falsos precursores de Cabral*, com estas palavras que muito nos honram: "Transcrevemos da notavel revista *America Brasileira*, que no Rio de Janeiro se publica e é o órgão do nacionalismo do Brasil, este brilhante artigo do seu illustre director Elyσιο de Carvalho, que a Portugal interessa. E' preciso dizer aos portuguezes que o ignoram e que infelizmente são a sua quasi totalidade, que esse nacionalismo superior e intelligente nada tem com o nativismo capanga de meia duzia de individuos sem valor nem cotação. Esse nacionalismo não ataca Portugal, julga-o apenas com imparcialidade e com a sympathia que lhe merece como origem da sua grande Patria. Elle não vê em Portugal um perigo e sabe que o inimigo do seu paiz está mais perto, alli mesmo na fronteira, dando-nos com isso, talvez, um exemplo. De resto, Elyσιο de Carvalho é, não só um dos maiores espiritos do Brasil contemporaneo, estheta, poeta, critico, historiador, politico, criminalista sempre admiravel, mas um sincero amigo de Portugal. Não basta que o governo lhe tenha dado, como ao seu illustre companheiro de acção Ronald de Carvalho, uma commenda. E' preciso que todos os portuguezes leiam os bellos livros que se chamam *Brava gente* e *Bastões da nacionalidade*, obras admiraveis de patriotismo e de belleza."

A *Revue de l'Amérique Latine*, de Paris, dirigida superiormente pelo professor Ernest Martinenche, Charles Lesca e Ventura Garcia Calderon, no numero de fevereiro findo, publica o seguinte:

"*America Brasileira*, qui se publie à Rio de Janeiro sous l'intelligente direction de M. Elyσιο de Carvalho consacre un important numero au centenaire du Brésil. Nous y trouvons un très intéressant article de notre collaborateur G. Le Gentil sur un précurseur de l'indianisme, Ferdinand Denis, écrivain oublié qui publia, en 1829, des *Scènes de la Nature sous les Tropiques* dont il dit: "Ce livre inégal, mais suggestif, qui tient de la critique et du roman, ou l'exemple se joint au précédent, derive en partie de sources portugaises. Ferdinand Denis s'en rapporte pour la description des lieux à la *Chorographia* d'Ayres do Casal, pour l'histoire à Rocha Pitta." Et il termine ainsi: Cependant l'indianisme du *Guarany* conserva plus d'une attache avec l'exotisme européen. Les jésuites, en identifiant Noé et Tamandaré, saint Thomas et Paí Zuma, avaient commencé la réhabilitation de l'homme sauvage. Il restait, après le XVIII siècle qui glorifiait l'état de nature, à transformer l'indien en héros sentimental. A l'appui de la thèse de Chateaubriand, qui semble en contradiction avec ce que nous savons des aborigènes de l'Amérique du Sud, dont beaucoup vivaient sous le régime de la polygamie, Ferdinand Denis pouvait invoquer le témoignage des premiers missionnaires. Il avait retenu, en lisant Yves d'Evreux la piquante anecdote du Tupinambá qui pardonne à la femme adultère. Il se rappelait cette chanson, déjà citée par Montaigne: "Couleuvre, arrête-toi, arrête-toi, cou-

leuvre, afin que ma sœur tire sur le patron de ta peinture, la façon et l'ouvrage d'un riche cordon, que je puisse donner à m'amie." Le moraliste ajoutait: "Or j'ai assez de commerce avec la poésie pour juger ceci, que non seulement il n'y a rien de barbare en cette imagination, mais qu'elle est tout à fait anacréontique." L'auteur des *Scènes de la nature*, qui avait parcouru les forêts du nouveau monde, en remplaçant la grâce par la majesté, formulait, dès 1824, un dogme du romantisme brésilien: "On sent de même que dans les idées primitives du sauvage, il y a un caractère de grandeur qui étonne au milieu de notre ordre social." Ferdinand Denis, imitateur du *Caramuru* et précurseur d'Alencar, avait l'étoffe d'un romancier. On ne lui contestera pas le double mérite d'avoir encouragé en France, après une interruption de deux siècles, la renaissance du goût brésilien et proclamé l'autonomie littéraire d'une nation dont les diplomates européens hésitaient vers la même date, à reconnaître l'indépendance politique. C'est à ce titre qu'il nous a paru légitime, en commémorant le centenaire, de prononcer avec respect le nom d'un écrivain obscur et oublié qui fut pour le Brésil un ami de la première heure. D'autres articles seraient à commenter dans ce numéro; bornons-nous à citer *Un Siècle de Pensée*, de Ronald de Carvalho, *La Musique au Brésil au XIX siècle*, de Renato Almeida, *Histoire de la Colonisation portugaise*, de Celso Vieira, *Le Libérateur et l'Empereur*, de Diego Carbonell, et enfin des articles signés Graça Aranha, Rocha Pombo, Elyσιο de Carvalho, etc.

No numero de 7 de janeiro, o jornal *L'Amérique Latine*, de Paris, dedicou o seu primeiro *echo* á nossa revista, dizendo:

"Dans un des derniers numéros de la revue *America Brasileira*, à laquelle collaborerent d'importantes personnalités intellectuelles brésiliennes, a paru un intéressant article sur la "Mission intellectuelle de la France au Centenaire de l'Indépendance brésilienne".

L'auteur y félicite notre pays d'avoir, dans le choix de cette mission, "trouvé le geste qui pouvait le plus honorer et flatter le Brésil, et d'avoir ainsi montré à quel point la France connaissait et appréciait la culture et l'intellectualisme brésiliens".

"Il n'est pas inopportun, y est-il dit, au moment où certains éléments paraissent vouloir suivre des journaux vendus à nos ennemis d'hier, de dire que les intellectuels brésiliens n'oublieront jamais ceux qui leur ont ouvert les portes lumineuses de la culture latine et leur ont donné, avec le culte de la beauté et l'amour d'un idéal supérieur, le sens de la mesure et de l'harmonie. Nous recevons maintenant de la France, par les mains de ces intellectuels, notre diplôme de nation cultivée."

Et l'article conclut, en disant: "La France, en nous faisant l'honneur d'une ambassade intellectuelle, nous a montré qu'à la différence des autres nations, elle ne nous considère pas comme Carthage, une simple agglomération de commerçants mais comme une nation dont l'esprit continuera, un jour l'œuvre immortelle du génie latin."

Dans le même numéro figurent d'ailleurs d'autres articles concernant la participation de la France à l'Exposition du Centenaire. La France est heureuse que ses intentions ont été si bien comprises et exprimées et il nous est agréable d'être en communion de pensée avec la grande revue brésilienne.

Gomes Leite

Foi uma magoa profunda a que causou a morte de Gomes Leite, cujo espirito se revelára entre os melhores da nova geração. uGhm smhrfdply fhmhmschmrf hmrf h Desde o apparecimento de "Cratéra", que Gomes Leite se impoz como um poeta de sensibilidade e profunda inquietação mental, mais precisas ainda na "Caravana dos Destinos", que tem uma forte repercussão nas nossas letras. Além disso era um chronista vigoroso

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO

OS ESFORÇOS DA NOVA ADMINISTRAÇÃO

Os organizadores da Exposição Internacional do Centenario, cuja obra é digna dos maiores encomios, pela presteza e rapidez com que foi levada a cabo, principiada, como se sabe, apenas um anno antes da data irrevogavel de sua abertura, não se revelaram igualmente merecedores dos mesmos louvores, no que se refere á administração da grande feira, cujo exito foi comprometido. Quando o actual governo, em Novembro ultimo, investigou da situação exacta do grande certame, presentiu claramente que, sem medidas radicais e energicas, teriamos sacrificado a notavel realização, em cujos frutos se depositavam tantas e tão fundadas confianças. Os serviços tumultuados e a desordem na orientação eram bem os symptomas deploraveis da Exposição, cuja concorrência diminuiu, chegando a alarmar alguns dos commissarios estrangeiros. Foi quando o Ministro do Interior, Dr. João Luiz Alves, procurando conhecer pessoalmente as possibilidades da Exposição e acercando-se de pessoas competentes no assumpto, cujas opiniões sempre ouviu com solicitude, resolveu, firmemente, dar uma nova orientação á parte administrativa da Exposição, cujo prazo, em boa hora, prorogou. A sua direcção entregue ao Dr. Antonio Oyntho dos Santos Pires, que fora o organizador da Exposição de 1908, ao Sr. Medeiros e Albuquerque, o brilhante jornalista, cuja intelligencia lucida tem sido tão fecunda á frente do departamento la representação estrangeira, e ao Dr. Flavio da Silveira, que deu uma nova vida ao recinto, promovendo festas e diversões, de sorte a melhorar consideravelmente a concorrência, que tem sido muito satisfactoria. Conseguiu, pois, o Dr. João Luiz Alves salvar do fracasso a nossa exposição, attestado vivo da actividade construtora do Brasil moderno, de suas immensas possibilidades eco-

nomicas e que tem dado aos estrangeiros que nos visitam uma exacta impressão de força e enche de justo orgulho os brasileiros, em face desse espelho da grandeza nacional.

Basta percorrer os mostruarios dos nossos Estados, dos quaes o Ceará foi o que mais concorreu, com 2.984 expositores, sendo que a industria das suas rendas e bordados se apresenta com productos realmente admiraveis, e que, de futuro, podem ter um lugar proeminente no mercado de artigos de moda, não só nacional, mas também estrangeiro. A seguir, Minas Geraes, o grande Estado cuja actividade crescente é um padrão honrosissimo para o Brasil moderno, expondo suas gemmas preciosas, seus minerios, outros productos naturaes e variados mostruarios de artigos industriaes, dentre os quaes se salientam os lacticinios. O terceiro lugar cabe á Bahia, cuja principal industria é a do tabaco, sendo que seus mostruarios de mineraes são muito opulentos, bem assim de productos naturaes, como cacáo, de que é o maior exportador brasileiro, café, fibras, cereaes, etc. O Paraná, que é o quarto expositor, pelo numero de concorrentes, tem admiraveis mostruarios, com mobilias, pianos e outros artigos industriaes, sendo também de grande revelo a exposição de matte, de que é o maior productor do paiz. São Paulo, se apenas comparece com 452 expositores, em compensação, mostruarios industriaes os mais completos e aperfeçoados, que demonstram o gráo de adiantamento das manufacturas nessa unidade brasileira, das mais progressistas e poderosas. O café, a riqueza formidavel do Estado e o esteio maximo da economia brasileira, tem mostruarios especiaes, com 300 amostras do precioso gráo, algumas velhas de mais de um seculo, contemporaneas, portanto, da independencia nacional. Não seria pos-

sivel proseguir nessa enumeração de cada Estado, representados todos com muito interesse, pois conseguiu-se despertar um grande entusiasmo em toda parte pela Exposição, afim de que podesse ser, como de facto o é, um expoente da potencialidade do paiz.

O que se torna, porém, necessario para assegurar o exito do certame era atrahir o publico, sendo que esse descaso foi que ia comprometendo o successo da Exposição, felizmente remediado pela actual Commissão Executiva, que não poupa esforços, no sentido de augmentar sempre e cada vez mais a concorrência, com festas, diversões, concertos, etc., para o que muito tem concorrido a acção directa do Minsitro do Interior, o qual teve a fortuna de encontrar no Dr. Flavio da Silveira um organizador moderno e profundo conhecedor das predilecções do publico. Basta dizer que, em Fevereiro ultimo, apesar de ser mez de 28 dias e de ser época de verão, em que ha o exodo da população para as cidades serranas e de aguas, apesar de tudo entraram no grande portão monumental perto de 200 mil visitantes, o que significa um grande exito, comparativamente com o numero de visitantes das outras grandes exposições internacionaes, em capitaes mais populosas e com uma população adventicia innumerada vezes maior do que a do Rio de Janeiro. Sente-se, pois, e de um modo categorico a renovação por que fez passar a Exposição, o Sr. Ministro João Luiz Alves, orientando, dirigindo e superintendendo os serviços, que soube entregar em mãos habéis e experimentadas. Póde-se, hoje, ter a certeza a mais inabalavel de que todos os sacrificios feitos porventura com a Exposição estão largamente compensados, pois da grande feira das nações advirão os mais fecundos e beneficos frutos.

e forte, sendo seu livro "Através dos Estados Unidos", uma magnífica collectanea de impressões de viagem, em que a vida tentacular do grande povo avulta aos nosos olhos no seu deslumbramento e na sua miseria. Redactor d'"A Noite", era Gomes Leite um jornalista moderno, vivo e penetrante, para escrever as pequenas notas e incivas e fazer as reportagens de successo e sensação. Foi esse moço cheio de entusiasmo e emoção, que a morte nos roubou, num desastre impressionante enchendo-nos a todos de uma grande dor.

"America Brasileira", que o contava entre seus collaboradores, deixa nestas palavras toda a sua saudade, toda a sua magoa.

A proposito de Roberto Gomes

Publicando a traducção do "Jardim Silencioso", de Roberto Gomes, *La Nacion*, de Buenos Aires, em seu numero de 18 de fevereiro ultimo, estampou a chronica abaixo, de B. de G., sobre o saudoso dramaturgo, em que ha uma referencia a conceitos nossos, em nota publicada no numero XIII desta revista, sobre o seu tragico desaparecimento. Não sabemos se emendar o nosso modo de proceder, que ao menos teve o merito de provocar essa fina e intelligente contradicção, de certo muito util para o estudo de physionomia do nosso mallogrado autor de *Berenice*. O artigo é o seguinte: "Em um commentario de certo chronista sobre o fallecimento de Roberto Gomes, em que á mingua de piedade se ensaiou a penna do humorista, attribuiu-se o desenla-

ce tragico do dramaturgo ao anachronismo de seu temperamento romantico em opposição irreductivel á nossa época utilitaria. Roberto Gomes, teria soffrido mais com a aspereza dos homens, o contacto aggressivo de seus semelhantes, do que com a crudelissima enfermidade que o depauperava e o martyrisava. Seu gesto de desespero, o tragico ponto final de uma bala com que o desventurado encerrou o cyclo das suas agonias, teria sido o protesto do romantico taciturno, do remoto descendente de Werther ante uma sociedade sem entranhas, anciosa de prazeres materialistas, a despedida dolorosa do artista de seus companheiros que o deixaram acabar-se no abandono e não o protegeram sequer das ironias que mais férem e das satiras que mais chorani. Roberto Gomes torturado por uma enfermidade inexoravel conservava-se todavia, afavel, carinhoso e bom. Ninguem mais do que elle teve autoridade para julgar severamente os malevolos, os aggressivos e os impiedosos. Era um artista de sensibilidade e de elevação que tinha horror á fealdade moral. Aquella sensibilidade, aguda e morbida comtudo, nada tinha de anachronica. Era, com effeito, e graças a circunstancias complexas, o artista de seu tempo: um exemplar tão perfeito de sua época, como Musset o foi do sentimentalismo oriundo da Revolução e da epopéa Napoleonica. Degenerado, no sentido clinico da palavra, representava o producto germico de uma humanidade em que o caracter eminentemente cerebral da civilização gerou um inevitavel desequilibrio. Longe, pois, de ser um anachronico, foi, integralmente, um homem do seu tempo, e — coisa

rara em nossos dias — nunca deixou de ser na vida como na morte, o homem de seu officio, o artista dramaturgo, o embellezador dos conflictos humanos, um "Bataille "minor", nascido em meio, todavia, hostil aos artistas de sua especie delicada que — ai delle! — perdeu sua "batalha" e repetio artificialmente usando de um instrumento mortifero de aço, a catastrophe de que o dramaturgo da "La Marche Niplicale" no coração: Bataille por uma syncope, Roberto Gomes por uma balla. Poder-se-ia notar, não sem razão, que a obra do desventurado autor do "O conto sem palavras" estava profundamente imbuida desse neo-romantismo analytico, desse quasi-feminismo que caracteriza a obra literaria dos autores francezes seus predilectos. Em uma hora animada por um naturalismo, que se obstina em restaurar o prestigio do regionalismo na arte, a obra tão vibratil e humana do autor de "O Jardim Silencioso" exclusivamente dedicada ao estudo das almas, quasi parece estrangeira. E não foi elle, nesse tumultuoso assalto á fortuna, ao pezar e á celebridade entre os homens grosseiros e as mulheres levianas, mais que um extranho, um exilado em sua terra? E não é, acaso, um fim de acto á maneira de Bataille, aquelle tiro de revólver que passa inadvertido entre o ruído das musicas, das vozes, do espoucar da "champagne" no "reveillon" do Anno Novo? Artista até ao fim, Roberto Gomes collaborou na fatalidade que dramatizara sua vida e que por duas vezes o lançara sobre a mesa de operações, despedindo-se do mundo, de seus gozos e de suas crueldades, com o valor taciturno do protagonista de "La Rafale". — B. de G."

REPERTÓRIO

HOMENS e COUSAS ESTRANGEIRAS

Directivas da política exterior norte-americana

Fallando, ha pouco tempo, em Boston perante enorme auditorio, o secretario de estado norte-americano, Sr. Hughes, declarou, como fórmula de política externa de seu paiz — "Amizade com todas as nações, alliança com nenhuma". Considerando a attitude "yankee" em relação á cooperação internacional, o Sr. Hughes disse: "Para nós, a cooperação internacional não significa que devamos nos irrometter nas controversias sobre questões, que não encobrem nossos interesses, vindos de rivalidades antigas e de disputas entre potencias europeas, cujos programas políticos não temos intenção de criticar e dos quaes não participamos. Não ha motivo para que desperdicemos nossa influencia benéfica, partilhando de controversias que taes e muito menos commettendo o erro de querer assumir o papel de dictadores. Entretanto, fomos generosos no auxilio pratico que podiamos dispensar. Gastamos centenas de milhões de dollars em soccorros e, o que é mais importante, um sem numero de empresas da Europa vieram a este paiz para obter cooperação e não se lhes negou. O que nos solicitaram foi o credito e em resposta, quatro mil milhões de dollars foram invertidos na Europa pelo nosso povo, depois do armistício". Fallando sobre o tribunal internacional de justiça, affirmou o illustre estadista que os Estados Unidos apoiam, como sempre apoiaram esse tribunal, para derimir as questões, juridicamente. Sobre a America Latina declarou: "Contemplo com especial agrado as relações com as republicas vizinhas deste hemispherio, apreciando a independencia de que gosam e desejando-lhes paz estable, integridade inalteravel e prosperidade continua." Ao concluir seu notavel discurso, o Sr. Hughes tratou da attitude de seu paiz em relação aos problemas do Oriente Proximo dizendo: "Ha pessoas que desejavam que ameaçassem com a guerra, ainda sem pensar em fazel-a. Nosso governo não faz ameaças, que não pensa em executar. Ao povo americano não cabe adoptar uma politica, em que tudo quanto se disse em seu nome não signifique o que exactamente foi dito, e quando ameaçamos e porque fazemos. Seja-me licito citar as palavras do Coronel Roosevelt — da mesma forma que não acredito na politica de fanfarronadas em assumptos nacionaes e internacionaes e muito menos em questões particulares, nem em nenhuma violação do antigo regão da fronteira, "não saques a pistola, se não fordes atirar" não acredito tão pouco em assumir jámais, seja onde for, uma attitude que não possamos manter".

O que é o fascismo?

Nossos leitores vão achar que consagramos muito espaço da nossa revista ao fascismo. Mas é que esse grande movimento, que se levantou diante do bolchevismo ameaçador, está talvez destinado a modificar a face actual do mundo e mais tarde regel-o dictatorial-

mente. Na verdade, até hoje só conhecemos o fascismo pelos seus actos e pelos acontecimentos que decorreram destes actos. O que é realmente o fascismo? E' o que procura explicar, em um artigo claro, substancial e synthetico, publicado na excellente revista "Monde Nouveau", de Paris, o Sr. Guisepppe Prezzolini: As origens do fascismo remontam aos annos de guerra, cuja atmospheria ardente fez nascer no espirito dos combatentes uma intransigente vontade de renovação nacional. A direcção politica da Italia pertencera então aos "advogados", isto é, aos doutores, aos homens de cultura e de theoría. A guerra, que é a maxima acção, substitue o respeito aos theoricos pela reivindicação do poder para os homens de acção. Os combatentes, que tinham salvo a patria com os braços, pensaram, quando voltaram da guerra, ter o direito de dirigir doravante os seus destinos. Dahi a criação do "Partido dos Combatentes" e que veio aliás fracassar miseravelmente tempos depois. A estes combatentes das cidades, vieram juntar-se os camponeses, exitados pela formula lançada em 1917: "a terra aos lavradores". Um dos resultados desse estado de espirito que irá crescendo cada anno foi uma democratização da Italia e o novo regimen eleitoral que deu o direito de suffragio a mais de 11 milhões de cidadãos, quando sómente 3 milhões tinham esse direito antes da guerra. As desillusões de toda especie, inclusive as que trouxe o tratado de Versalhes, fizeram fermentar esse espirito latente de reivindicação social, e depois do fracasso wilsoniano a maioria atirou-se, esperançosa, para o bolchevismo. Mas os chefes socialistas não souberam aproveitar-se dessa grande aspiração. Atacando a guerra, desgostaram aos antigos combatentes que a tinham feito; querendo reservar tudo para os proletarios, tiveram contra elles os intellectuaes e os funcionarios. Uma reacção começou a desenhar-se, que era formada na sua origem por tres categorias principaes de homens: 1º os combatentes, que crêm na victoria e no seu direito a renovar o palz (fé); 2º a classe média, intellectuaes e pequenos burguezes offendidos pelos ataques dos communistas (mão humor); 3º grandes proprietarios, industriaes ou agricolas, que entrevem no fascismo a força capaz de destruir o bolchevismo ameaçador (Interesse). Esta analyse explica as diferentes interpretações que se deu ao fascismo. Para os nacionalistas, o fascismo é um movimento permanente politico; os socialistas, como Serrati, pelo contrario, vêm nelle a mais recente offensiva dos reaccionarios. O fascismo, todavia, não nos parece ser um movimento reaccionario, em todo o caso não é burguez, pois a burguezia de hoje teme a acção violenta. E' mais geral, e não pertence a uma só classe social. Tem, diz o Sr. Prezzolini, um factor "physiologico" O partido fascista é o partido dos jovens, da nova geração. Todos os seus chefes são moços, e, reagindo contra os "doutores", são todos elles homens de sport e não de estudo. Como se vê, em todo o caso, o fascismo é uma grande corrente social, commesmo que esperamos do communismo (corções. Muitos fascistas allás esperam delle o contra o communismo que só trouxe desillusão na sua maior parte por uma reacção porativos, trabalho por contra do Estado, etc). Além disso o fascismo muda conforme as regiões: é agrario em Ferrara, cidadno em Milão, catholico moderado na Venezia, aproveitando-se sempre da corrente principal da região onde opera. O seu estado maior é formado quasi intelramente por antigos socialista, a começar pelo proprio Mussolini, que resume, pôde-se dizer, todo o fascismo. Conclue-se do interessante artigo do Sr. Prezzolini, que, a fallar propriamente, o fascismo não é um partido, pois não possui um programma definido nem tem uma profissão de fé determinada. E' uma grande aspiração nacional, nascida do descontentamento geral, e que procura pela acção, com homens novos, livres de preconceitos theoricos, reconstruir a nação itallana.

Delcassé e sua diplomacia

Com a morte de Theophile Delcassé, occorrida em Nice, desaparece uma das figuras mais empolgantes da politica europea, "avant guerra", da época em que os gabinetes, certos da guerra proxima, procuravam pelos accórdos e allianças dispor o terreno para a luta inevitavel. Delcassé foi um admiravel elemento dessa diplomacia e do seu esforço tenaz e constante, até o sacrificio, muito ame a França ter sahido do isolamento, em que se encontrava, em 1898, quando chamado ao governo, pela primeira vez, pelo gabinete Brisson, foi para o Quai d'Orsay. Mantendo-se nesse cargo até 1905, no que bateu o "record" da permanencia no Ministerio, da terceira republica, Delcassé teve de resolver graves e serias questões externas, o que sempre logrou exito, até que, em 1905, a questão de Marrocos o levou de vencida, pela exigencia do ex-kaizer. Decidiu com a Inglaterra o caso da occupação de Fachoda, pela expedição Marchand, e em 1899 conseguia dar uma fronteira oriental ás possessões francezas na Africa. A sua politica visava approximar a França da Inglaterra, da Russia e da Italia, pois, apesar da triplice alliança, sempre teve inabalavel confiança de que a Italia nunca atacaria a França, nem ralharia com a Austria. Procurou uma politica muito cordial com a Inglaterra, annullando os effectos de acção do Sr. Hannotaux, e conciliando os interesses anglo-francezes no Oriente, no Egypto e em Marrocos. Realizou o accórdo franco-hespanhol sobre Marrocos e negociou as visitas de Eduardo VII, Nicoláo II, Victor Emmanuel III e Affonso XIII a Paris e afinal, por essa diplomacia intelligente e conciliatoria, alarmou a Alemanha que, prevalecendo-se do pretexto dos accórdos sobre Marrocos lhe terem sido communicados extra-officialmente, criou a crise de 1905, declarando não reconhecê-los. O discurso do ex-kaizer em Tanger foi um desafio a Delcassé. O arrogante monarchia foi além: exigiu que o Ministro do Exterior da França se demittisse. Houve actos de mobilização. A França precisava comparecer a Algeciras, os radicaes combateram Delcassé e Delcassé deixou o Ministerio, num periodo de agitação, depois de relevantes serviços, só depois melhor comprehendidos. Não cessou sua actividade politica e na imprensa, no parlamento e no governo, pois foi de novo Ministro do Exterior, da Marinha e embaixador na Russia, onde muito fez pela alliança franco-russa, continuou a ser um grande francez, cuja acção intelligente e perspicaz preparou o successo diplomatico do seu paiz, indispensavel á victoria das armas, que a guerra trouxe. E' interessante lembrar que Delcassé, como aliás outros politicos eminentes de antes da guerra, ficou inteiramente esquecido de 1914 a esta parte, não tendo tido mais qualquer participação de relevo, no novo estado de cousas, para o qual tanto contribuiu. A morte, revivendo a memoria dos homens, é que poz de novo em foco a obra tenaz e previdente, quasi uma predestinação, que teve Delcassé na politica de França. Foi incontestavelmente um dos diplomatas mais notaveis de seu tempo.

Um punhado de noticias...

A comissão de leitura para o Premio Floreal (mais um premio) composta de Mme. Severine, dos Srs. I. H. Rosny Ainé, Lucien Descaves, Victor Margueritte, Georges Durhamel, Roland Dorgetes, Charles Vildrac e Paul-Boncour, escolheu os quatro manuscritos a serem editados pelas edições Floreal. Foram distinguidos os seguintes romances: "Les Jacques" por Fanny Car; "Le retour de l'enfant prodigue" por René Jeanne; "A la glorie de la terre", por Gabriel Maurière. Quand je m'éveilleral", por Georges A. Denis. — Algumas conferencias vão ser feitas, pelo Sr. Paul Valéry na Suíça; pelo Sr. André Breton em Barcelona e por Mme. Colette em Strasburgo.

— Uma novella inédita de Balzac intitulada "Les fantaisies de la Gina" acaba de ser descoberta e publicada pelo "Figaro".

— O Sr. Emile Henriot encontrou-se ultimamente com Anatole France que lhe fallou nos seus "Pequenos dialogos sobre o amor" que está escrevendo: "Não sei se vou poder publical-os breve, disse Anatole France, o que faço aliás não tem mais importancia".

— O Sr. Pierre Benoit, o famoso "autor" da *Atlantide* acaba de ser posto em disponibilidade do seu cargo de bibliothecario do Ministerio da Instrução Publica. Elle teve um predecessor celebre: Musset, que Ledru Rollin tinha exonerado, mas que foi pouco depois reinstallado.

— O Sr. Jonnart é candidato á Academia Franceza contra o Sr. Charles Maurras.

A correspondencia de Paul Verlaine

O tomo I da correspondencia de Verlaine acaba de ser publicada e vamos ter em breve os tomos II e III. Deve-se esta interessante publicação ao delicioso escriptor Ad. Van Bever, a quem o pensamento francez tanto deve. Estes livros virão preencher sérias lacunas nas biographias de Verlaine, que embora sérias nunca foram completas. Essas cartas destruíram muitas falsas lendas que correm a respeito do grande poeta de "Sagesse" e nos darão delle uma imagem tanto mais feliz que será nova e real. Encontrar-se-hão nellas pormenores circumstanciados sobre a vida do poeta: sua mocidade, seu casamento, suas amizades, suas viagens, seus processos, até suas prisões e as estadias que fez nos hospitaes. As notas que acompanham o texto são precisas, discretas e muito substanciaes. A obra, precedida de um excellente prefacio, constitue um documento de primeira ordem, não só sobre Verlaine como tambem sobre a historia litteraria desses ultimos annos.



A coroação de Santos Chocano

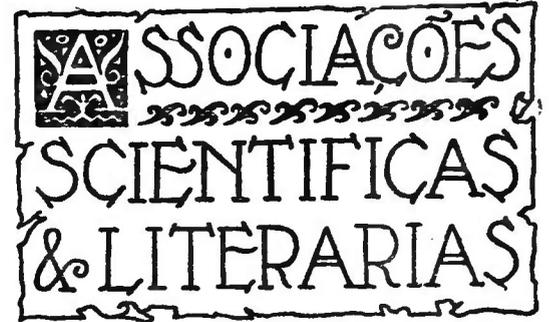
Em novembro ultimo, realizou-se em Lima a solemne coroação ao poeta José Santos Chocano, a que assistiram o presidente da Republica, ministros de Estado, diplomatas, senadores, deputados e delegados de todas as municipalidades, além de enorme multidão que se apinhava na praça Bolognara, em que se acha o Palacio da Exposição, onde se realizou a grande festa espirital. Ao ser coroado, o poeta pronunciou estas palavras, numa emoção profunda: "A coroa, com que os povos do Perú me cingem a fronte, não me exalta o amor proprio, como o meu patriotismo. Quizerá levantar bem alto a cabeça para que, no mundo inteiro se visse a coroa como emblema delicado e solemne de cultura nacional. Bem-aventurados os povos que amam os poetas, porque delles será o reino de immortalidade. Quando todas as municipalidades da Republica suspendeu as lidas quotidianas para glorificar a poesia na pessoa de um dos seus concidadãos, é imprescindível pensar nos conselhos que presidiam o rythmo com que as cidades gregas se movem na historia. O poderio arrogante de Babilonia, o fausto commercial de Phenicia, a vida pratica de Cathargo passaram como velas entre nuvens e ondas pelos horizontes da vida, desvanecendo-se perpetuamente na memoria dos homens; entretanto, na Grecia, poetas, artistas, philosophos, parecem que ainda vivem. Assim, pois, mais por patriotismo do que por cortezia, em nome do Perú, beijo a mão daquelle que me cinge a corôa, uma vez que o gesto, correspondendo ao impulso espontaneo do espirito nacional, equivale a assignalar com o indice o mandatarlo ideal, felicidade suprema das vidas humanas. Cinco milhões de almas se uniram numa só, para a glorificação da minha arte significativa e que glorifica tambem o que ella representa. Minha arte está cheia de natureza e de historia, mas quero insistir tambem que em todas as suas manifestações e nas de minha vida tenho buscado não desmentir nunca o conceito emersoriano do poeta que deve

ser epico como Dante e lyrico como Byron, e harmonizar sua vida com sua arte, até chegar a ser o protagonista de sua melhor poesia." Depois de algumas orações mais ao som do hymno nacional, fol-lhe collocada a coroa na fronte, ante uma assembléa fremente de entusiasmo. Concluida a festa, o poeta acompanhado por longo cortejo dirigiu-se ao monumento ao heroe de Arica onde se effectuou a sua consagração popular. O desfile triumphal atravessou depois as ruas, sendo a carruagem de Chocano torada pela propria multidão que desatrelou os cavallos. Do balcão da Municipalidade, cedendo a mil pedidos, Chocano falou e disse ao povo: "Povo peruano: Celebrais a grande festa do espirito. Ao tirardes minha carruagem com vossas proprias mãos, não fizeste mais do que mostral-as ao mundo, dizendo: sou o poeta. Cada um de vós tem direito a repetir a grande phrase do Imperador romano — "Hoje não perdi meu dia". Agradeço-vos e felicito-vos com a phrase de Nelson: "Cumprimos com o nosso dever". Viva o Perú". É interessante notar que Santos Chocano, incontestavelmente um grande poeta, tivesse pronunciado orações tão mediocres em tão alto ensejo. Quem o conhecesse só por esses discursos duvidaria da justiça da coroação. Nem sempre pelo dedo se deve julgar o gigante...



O serão dos poetas

Diz uma chronica de Adolpho Rosa que foi muito além do que se esperava o lindo serão que, com o nome "Serão dos poetas", se realizou na Academia de Sciencias, organizado pelo presidente desta aggremação litteraria, cheia de tradições gloriosas, o Sr. Dr. Julio Dantas. Pela sala magnifica viam-se espalhadas fardas, cobertas de condecorações e "toilettes" de gala, a elite de Lisboa, que allí fol para admirar e aclamar os bafejados da corte, os filhos queridos das musas. O Sr. Presidente da Republica, que era aguardado pelo corpo diplomatico, Ministros e varias pessoas de destaque no meio official, foi occupar a presidencia, dando a direita ao Sr. Dr. Julio Dantas da Cunha, reitor da Universidade de Lisboa. Foi Julio Dantas quem, em nome do Sr. Presidente da Republica iniciou os trabalhos da sessão, procurando nos olhos das mulheres a inspiração para o seu bello discurso, pois que, segundo elle mesmo diz, é principalmente da mulher que o artista recebe o melhor da sua inspiração. A palavra rendilhada e elegante de Julio faz entusiasmar a selecta assistencia que suspensa dos seus lablos revive com elle o tempo longinquo das secias, dos outeiros, das festas dos conventos, que outra cousa não foram senão "Serões de poetas". Depois duma prolongada salva de palmas, com que a assistencia coroou o discurso do illustre presidente da Academia, seguiu-se o programma poetico. O Dr. Alfredo Cunha, o primeiro que subio á tribuna, recita o elogio do "Soneto e letras" e os seus versos vem vagarosamente succumbir no melo de applausos. O Dr. Candido de Figueiredo encantou-nos com a sua fabula "Atalanda"; Eugenio de Castro, com "Pé de marmore", a "A princezinha coxa" e o "Confessor da rainha"; Henrique Lopes de Mendonça, na "Derradeira ambição", provou que tambem sabem de fallar de amores aquellos que já os não têm; o Sr. Dr. João de Barros com o seu patriotico poema "Canção da raça", arrancou ao entusiasmo do Sr. Ministro da Guerra, um "bravo!" que é o seu melhor elogio; Jayme Cortezão disse a "Balada de amor ao longe" e "Lisboa vista do céu"; agradaram sem reservas os versos do Sr. Manoel da Silva Galo, que leu o dialogo dramatico "A exaltação". Finalmente, o Dr. Julio Dantas encerrou a sessão, lendo ainda versos de illustres brasileiros, Martins Fontes e Cardoso de Oliveira, embaixador do Brasil, a quem a assistencia prestou a devida homenagem. Todos estes buriladores da palavra, artistas a quem as musas contemplaram com tanta abundancia de dons, foram calorosamente applaudidos por essas elegantes mulheres inspiradoras, quem sabe, de muitas dessas obras primas.



Instituto Varnhagen

Teve excepcional cunho intellectual e o mais alto accento mundano a sessão solemne realizada no dia 17 do mez findo, no Gabinete Portuguez de Leitura, para inauguração dos trabalhos do INSTITUTO VARNHAGEN, que, fundado para constituir-se nucleo activo em prol da cultura historico nacional, é hoje iniciativa victoriosa.

A cerimonia foi presidida pelo Professor Rocha Pombo, seu presidente perpetuo, que tinha, á sua direita, o Sr. Embaixador de Portugal, Dr. Duarte Leite, Capitão Genserico de Vasconcellos e Elycio de Carvalho, segundo-vice-presidente e secretario geral do Instituto, e á sua esquerda os Srs. General Moreira Guimarães, representante do Instituto Historico Brasileiro, Filinto de Almeida, representante da Academia Brasileira, e Albino de Souza Cruz, presidente do Gabinete Portuguez de Leitura. Esteve presente a maioria dos membros effectivos do Instituto Varnhagen, e fizeram-se representar, entre outras associações, além do Instituto Historico Brasileiro e Academia Brasileira de Letras: Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, pelo Sr. Dr. Thomé Bezerra; Club de Engenharia, pelo Sr. Dr. Francisco Goés; Academia Fluminense de Letras, pelo Sr. Dr. Henrique Vieira de Araujo; Instituto Historico e Geographico do Ceará, pelo Sr. Dr. Rufino de Alencar; o Instituto Historico e Geographico de Santa Catharina; e o Centro Paulista, pelo Dr. Mario Vilalva. Compareçaram mais os Srs. Deputado Tavares Cavalcanti, Professor Adolpho Moraes de los Rios, José Severiano de Rezende, Alberto Ramos, Theodoro Braga e senhora Theodora Braga, Coronel Henrique Silva, Dr. Silva e Lima, secretario da Embaixada Portugueza, Capitão Estevão Leitão de Carvalho, Tito Regis de Alencar, Marques Pinheiro, Humberto Taborda, Eurico Figueira de Mello, Eduardo da Camara, Miranda Ribeiro, Tenente-Coronel Arnaldo Damasceno Vieira, Santos Netto, Conego Giacomo Vicenzo, Arthur Camar Antonio Guimarães, Braulio Faria, Pedro Thimoteo, pelo *Jornal do Brazil*; Bastos Portella, pelo *Imparcial*, Celso Botelho, Octavio Joppert, Theophilo de Albuquerque, Antonio Figueira de Almeida, Alfredo Branco, Sylvio de Carvalho Espinheiros, Dias de Barros, Professor da Faculdade de Medicina; Lindolpho Xavier, Mario Vilalva, Ulysses Brandão, do Instituto dos Advogados; Manoel Guilherme da Silveira, Seidl Filho, Carlos José do Rosario, João Augusto Pereira Filho, Guedes de Mello, Nestor Victor, Manoel Esteves, J. F. de Paula Aguiar e muitos outros cavalheiros, homens de letras, jornalistas, advogados, etc.

Declarada aberta a sessão, proferio o presidente Rocha Pombo a importante oração, que transcrevemos em outro local, expondo os fins do Instituto, a sua razão de ser, como elemento de systematização dos estudos brasileiros, principalmente da sua historia, pelo que constituiria Varnhagen seu patrono, sobre cuja personalidade discorreu com a proficiencia de mestre, sendo seu discurso ouvido com o maximo interesse e applaudido com calor. Seguiu-se depois com a pala-

vra, o Sr. Celso Vieira, 1.º vice-presidente do Instituto e por este encarregado de fazer o elogio de Varnhagen, nessa primeira solemnidade da nova Companhia.

A peça magistral do Sr. Celso Vieira, que transcrevemos neste numero, é um estudo do melhor merito, feito naquelle estylo forte e brilhante do poderoso autor do *Endymião*, e constitue uma das paginas mais notaveis que se têm escripto sobre Varnhagen, cuja figura é analysada com penetrante acuidade, refulgindo como o grande criador da historia do Brazil, na aureola a que a palavra do Sr. Celso Vieira deu mais brilho e fez mais utilidade ainda.

Esse discurso foi sempre entrecortado de applausos, recebendo o orador, ao concluí-lo, sob a emoção do auditorio, as mais significantes manifestações de todos os presentes. Por fim, o Professor Rocha Pombo, encerrou a sessão, agradecendo o comparecimento de todas as pessoas que constituíam a illustrada assembléa e especialmente do Embaixador portuguez e dos representantes das associações, institutos e academias. Constituiu uma nota de grande destaque, o gesto do "Gabinete Portuguez de Leitura" expondo, em mostruários forrados de velludo carmezim, as obras de Francisco Adolpho Varnhagen, que figuram na sua riquíssima bibliotheca.

A proposito da instalação do Instituto, toda a imprensa, numa significativa unanimidade, teve palavras de caloroso applauso e grande animação pela obra que se propõe realizar a nova sociedade, cujos fins têm sido detidamente analysados e criticados, não só em antigos editoriaes, como em collaborações, citando-se dentre estes artigos os assignados pelos Srs. Samuel de Oliveira, João Ribeiro, Benevenuto Maciel, Mario Vilalva e muitos outros, procurando todos fixar as directivas do Instituto, á luz da critica e do momento de resurgimento dos estudos de nossa historia. Essa acolhida entusiastica constitue uma das melhores garantias do exito desta sociedade de estudos, cujos fins multiplos não significam confusão nem tumulto, mas diversidade de especializações, perfeitamente comprehensível e compatível com o numero elevado de membros, dedicando-se aos varios ramos de estudo, cuja attenção preoccupa o Instituto. Ademais, não pretende realizar fins, mas esforçar-se pelo desenvolvimento dos estudos brasileiros, collaborando com o esforço de seus membros, através das varias fórmulas de seu programma de trabalhos.



Julio Dantas: **ARTE DE AMAR.** Soc. Ed. Portugal-Brasil, Ltd., Lisboa, 1923. A arte encantadora do Sr. Julio Dantas, fallando sobre o amor, de que tem sido um dos mais admiráveis poetas contemporaneos, é uma transfiguração. A sua linguagem cheia de colorido e de finura, parece feita para as mulheres, em cujos labios tem um sabor todo especial, ganha o seu rythmo proprio e mais fulgor. Os quadros valem independente das molduras, mas ha um complemento no emoldural-os que nenhum artista desconhece, ou despreza. O Sr. Julio Dantas sabe bem o que vale sua arte na bocca das mulheres... Ensinando o amor, como nas paginas vibrantes e poeticas deste livro, algumas que parecem illuminuras, o Sr. Julio Dantas sabe fallar ás mulheres com uma graça cariciosa,

uma terna e doce emoção de quem adora a vida, pelo que ella tem de feminino. O prestigio do Sr. Julio Dantas é por tal fórma intenso nas letras brasileiras e portuguezas que ao noticiarista basta dizer o novo livro que nos deu. Essa simples indicação é um vivo prazer para todos os seus admiradores, para as suas innumerables admiradoras, que nelle têm tido um chronista amavel, apaixonado e talvez indugiante... Nas paginas quentes da *Arte de Amar*, que é um livro delicioso, ha um poema moderno sobre as filhas de Eva, da sociedade elegante, ás vezes pontado por uma chronica velha, mas sempre com aquelle espirito de galanteria, que não exclue certa maledicencia, de resto toda feminina. O Sr. Julio Dantas, conhecendo tão bem as mulheres, talvez duvide dellas. No fim, nós duvidamos sempre de tudo o que amamos...

Jackson de Figueiredo: **A REACÇÃO DO BOM SENSO.** Ed. do Anuario do Brasil. Rio, 1922. Este livro, em que o autor reuniu seus artigos feitos por occasião da ultima campanha presidencial, de que foi, como já observou o Sr. Tristão de Athayde, o elemento moral de mais valor, vale como uma convicção arraigada das tendencias directoras de nossa politica, traçada pelo lemma de José de Maistre: *fazer o contrario da Revolução*. Escripto com violencia e audacia, revelando as altas qualidades do autor, que é um dos mais estimaveis pensadores modernos, procura reagir contra a "confusão da verdade e do erro, do mal e do bem, que é como que a caacteristica das classes dirigentes, nesta hora triste da vida de todas as sociedades humanas". Combatendo pela victoria da candidatura do actual Presidente da Republica, o Sr. Jackson de Figueiredo se distanciava de quasi todos os seus companheiros de luta. E' que dirigia e norteava a sua acção por altos principios de moral christã, enquanto os outros queriam apenas o successo politico. Além dos artigos de campanha, ha no livro a sua conferencia *Brasil de hoje*, proferida no "Curso Jacobina", que é uma pagina de real merito, sobre o momento nacional, em que se sente o propulsivo de forças beneficas, entravadas até certo ponto pelos erros de uma deficiente educação politica e civil de ha meio seculo. E o remedio apontado pelo Sr. Jackson de Figueiredo está em approximar sempre e cada vez mais o Brasil da consciencia christã, "refugio de toda a humana dignidade, de toda consciencia verdadeiramente livre". Póde-se discordar de muitas das suas conclusões, mas ninguem lhe negará fé e coragem, as qualidades mais excellentes para os homens de acção e os mentores.

Afonso Lopes de Almeida: **O GENIO REBELLADO.** Anuario do Brasil. Rio, 1923. — Este livro é composto por artigos e chronicas que escreveu o autor para revistas e jornaes, dos quaes era correspondente, descrevendo quanto "imparcialmente viu e ouviu na viagem que empreendeu de Paris a Fiume sitiada, através da Italia e da Dalmacia". São chronicas de palpitação e viva actualidade, descrevendo a epopeia de D'Annunzio, sua audaciosa aventura e sua fé exaltada no ideal. O poeta recebeu o illustre escriptor brasileiro e lhe fallou cheio de entusiasmo e delirante, naquelle perpetuo extase pela sua causa, que se funde com seu proprio eu. Elle disse, por exemplo: "Fiume é invencível porque é uma cidade em chamma vivas, onde labaredas rolam, onde o Sol escorre, liquido, em vagas rubras, levantando-se em flammaz que lambem o Firmamento, expluindo em scentelhas que alcançam os astros. Todos os rios vão dar ao Mar, mas nenhum delles fórma um mar, nem mesmo o seu Amazonas, no Brasil. Fiume, porém, alimenta por si só um mar: o Adriatico; o Adriatico é hoje um prolongamento de Fiume... E o Adriatico, em fogo, arde, ferve, crepita! Este rio póde esbrazear a Terra, incendiar o Oceano! Isso depende de mim, do meu desejo forte de mal ou da minha piedade misericordiosa." E' certo que o destino de Fiume ainda não se cumpriu e o tratado de Rappallo foi a grande decepção. Resta a esperanza de que os tratados não modifiquem as situações, como proclamou Mussolini, e Fiume volte á gloria de ser unida á Italia. O Sr. Afonso Lopes de Almeida não faz, porém, no seu livro simples narrações, mas nos dá impressões vivas e pessoas, como este final sobre D'Annunzio, feito com grande emoção: "Este homem, entretanto, soffre. A chamma que elle me disse arder em Fiume, é no seu coração que nasce, é do seu coração que se propaga. Dia a dia, o esforço o consome, o cansaço o anniquilla. Io nasco in ogni aurora che si leva, cantou elle. Eu

nasço em cada aurora que desponta... Mis agora, como a aurora não desponta, é com a luz do seu genio e o calor do seu sangue que o poeta illumina o oriente da Italia. O seu crepusculo accelera-se, porém, cada vez mais; e eu temo que Wilson, em Washington, não morra de odio, sem que antes, em Fiume, D'Annunzio morra de amor!"

Fernando Nobre: **AS FRONTEIRAS DO SUL.** Monteiro Lobato & C., S. Paulo, 1922 — Neste copioso volume, de analyse, documentação e critica, o autor estuda exhaustivamente a questão do Prata e o caso da ilha de Martín Garcia. A par da narrativa historica sobre o assumpto, que é muito completa e discutida com brilho e intelligencia, posto com certo espirito preconcebido, como acontece com a guerra garantida, no que o Sr. Capistrano de Abreu o reprocha por ter lido demais nas cartilhas pombalinas, ha um espirito de justiça, que procura se accentuar na conclusão concernente á ilha de Martín Garcia, como pertencente ao Uruguay, no que "ninguem ousará, nem por um instante, e sob qualquer pretexto imaginavel, titubear". Obra de merito historico indiscutível, revela não só a grande cultura do autor, como sua admirável capacidade de trabalho, como historiador, queremos dizer, como pesquisador e ordenador, intelligente, perspicaz e subtil. Precisamos reformar nossos metodos de historia, não só discrepando de certas conclusões apressadas, mas revendo os documentos, com paciencia e medida, de sorte a poder tiralhes o ensinamento exacto e precioso. Poder-se-hia allegar que, no caso, o autor foi parcial e apaixonado, mas dos depoimentos diversos é que reconstruiremos a verdade e a propria imparcialidade, se é que existe, não é, tambem ella, uma paixão? Dessa divergencia de espiritos é que se formará a historia, em cujo campo a divergencia é a relatividade dos seus estudiosos, sujeitos a mil criterios. O livro do Sr. Fernando Nobre é um estudo admirável pela sua vastidão, pela somma de documentos e pelo espirito que presido sua elaboração. E' obra digna da melhor estima pelos estudiosos da historia da America.

Alberto Sousa: **OS ANDRADAS.** São Paulo, 1922 — Neste 1º volume, de mais de 500 paginas, o autor começa o estudo das figuras empolgantes dos tres Andradas, não como simples biographias, mas como acontecimentos que foram na vanguarda da geração dos "independentes" Poder-se-ha divergir da primazia que se lhes deu no movimento de 1822; discordar da gloria de José Bonifacio, como o patriarcho da independencia; discrepar da actuação dos irmãos insignes nos factos de então, anteriores e posteriores a 7 de Setembro de 1822, mas ninguem poderá diminuir a importancia do papel que desempenharam, a formidável acção por elles desenvolvida em prol do Brasil, a aureola de gloria que lhes cercou o nome, especialmente o de José Bonifacio. Para explicar o apparecimento da trindade augusta, o Sr. Alberto de Souza, no 1º volume do seu notavel trabalho, estuda o meio social do tempo, num "bosquejo synthetico da filiação politica e social do Occidente, desde os primordios da transição moderna até os fins do seculo XVIII" e depois a "filiação luso-brasileira no transcurso do seculo XVIII para o XIX" Formado o ambiente politico-social, passa a analysar a terra dos Andradas, Santos, em sua evolução politica, economica, social, bem como seu quadro topologico e demographico. Marcado o ambiente, pormenoriza os antecedentes da familia Andrada, desde os antepassados de Portugal, com todas as minucias e rectificações geneologicas. Por fim, estuda as figuras de José Bonifacio, de Antonio Carlos e de Martim Francisco, com grande cópia de documentos e patrioticos intuitos. Não chega, porém, neste volume, á parte mais interessante da obra, que é a analyse da obra dos Andradas na independencia, de que tratará no volume segundo, anciosamente esperado pelos estudiosos da formação da nossa nacionalidade.

José Osorio de Oliveira: **OLIVEIRA MARTINS E EÇA DE QUEIROZ.** Ed. Lusitania. 1922 — Este livro magnifico não é um ensaio comparativo das duas figuras portuguezas, que o autor reputa os maiores esculptores de prosa, de Portugal, consoante sua expressão, mas variações em torno das obras desses escriptores notaveis que, em seu tempo, foram dos mais insignes da lingua portugueza. São estas paginas de grande emoção, em que o artista e pensador revelam com brilho inconfundível, como na variação em torno do mesmo nismo portuguez, que é o sebastianismo, nascido "da esperanza que nos levou para o

mar e da saudade que elle nos deixou". A esse espirito, chamado por Oliveira Martins, de esperança mortuaria, o autor acha que "talvez um dia alguém demonstre que a essa esperança se devem todos os actos de reacção tentados em Portugal depois que ella se tornou a unica realeza, pois que, perdida a corôa imperial, esta passou a ser um signo protector, como a cruz de Christo, no céu para onde subio o ultimo senhor *de aquem e além mar...*" Páginas de penetração e sagacidade, feitas com um profundo sentimentalismo, merecem essas variações do Sr. Osorio de Oliveira a leitura commovida de todos os que admiram em Oliveira Martins e Eça de Queiroz o fulgor maravilhoso da lingua portuguesa.

Mayorino Ferraria: **MUSICA EN VERSO**. Buenos Aires, 1921 — Ilustrado por Romilda Ferraria, este volume de versos do joven poeta argentino revela um temperamento sensível e um espirito contemplativo, uma concepção *fin de siècle* da poesia, longe de qualquer contacto moderno. Esta musica em versos é doce, branda, melancolica e vaporosa. confidencias murmuradas em voz baixa, recordações mui ligeiras, annotações assás superficiaes. Desprende-se della um lyrismo merencorio, como exhausto e bastante sceptico (se o lyrismo pôde ser de qualquer modo sceptico), que não arrebatá nem enleva, mas agrada pela singeleza. Ha muitos lyrios, muitas rosas, e isso nos lembra, accendendo em nós uma certa saudade, as poesias que encantaram a nossa apagada infancia.

W. Jaime Molins: **NATURALEZA**, Buenos Aires, 1922 — Este volume, bem editado, reúne uns contos e algumas recordações do joven autor. A lingua clara, viva, directa, vem realçar os episodios que narra com agrado, e uma certa arte do conto, que é mais rara do que se pensa. Merecem menção particular o conto *La Madre*, cujos personagens exactamente pintados "vivem" numa atmosphera bem sentida, e o relato sobre Markovtch, original e interessante.

Do mesmo autor: **LA CIUDAD UNICA**. Buenos Aires, 1922 — Constitue este livro uma série de quadros sobre Potosi, a "cidade unica" da Bolivia, que conhecemos tão mal. Potosi, diz-nos o autor, é a cidade a mais hespanhola da America do Sul, tendo conservado o seu pitoresco aspecto da bella época do vice-reinado. O enthusiasmo do autor traduz-se nas descrições largas e coloridas que faz da região e na transcripção exacta dos aspectos da velha e historica cidade boliviana. O capitulo intitulado *La Medievo de Potosi*, que relata um combate singular entre os varões Godines e Montejo, denota no autor uma força de expressão acima do commum e uma visão artistica e bella.

Heitor Furtado de Mendonça: **PRIMEIRA VISITAÇÃO DO SANTO OFFICIO A'S PARTES DO BRASIL**. S. Paulo, 1922. — Trata-se da primeira publicação da *Série Eduardo Prado*, "para melhor se conhecer o Brasil", referente á Primeira Visitação do Santo Officio ás Partes do Brasil, pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça, capellão fidalgo del rey Nosso Senhor e do seu desembargo, deputado do Santo Officio. São as confissões feitas na Bahla, de 1591 a 1592, pelo dito capellão, nomeado inquisitor geral para visitar os bispados de Cães Verde, S. Thomé e Brasil. Este livro, em tiragem de 250 exemplares, por conter descrições profundamente licenciosas, ouvidas em confissão, e que, exposto á venda, poderia ser tido como livro porventura pornographico, é apenas uma documentação historica, cuja explicação nos dá, em erudito prefacio, o Sr. Capistrano de Abreu. Em breve, sahirá o *fac-simile* da edição de Claude d'Abbeville, que se fez em França, e que devia ser o primeiro da série, em cujo prologo se lê as seguintes linhas, que explicam esas publicações valiosissimas: "Depois de longo peregrinar, a curiosidade insaciavel de Eduardo Prado fixou-se no Brasil. De livros brasileiros ou relativos ás cousas brasileiras, os mais raros e os mais preciosos, colligio grande numero. Em investigações da historia patria contava consumir o resto da sua existencia. O pouco que deixou feito mostra o muito que poderia fazer. A morte não lhe consentio ir além. Amigo carinhoso e discipulo amado, Paulo Prado quer reatar a tradição do seu saudoso tio. De contribuições historicas seria capaz e é possível as apresente, se sua vida laboriosa lhe conceder as ensanchas imprescindíveis. Por ora limita-se a fornecer instrumentos aos desejosos de trabalhar. A *Série Eduardo Prado* destina-se aos que aspiram conhecer melhor o Brasil." A obra é assás curiosa como documento para

a chronica dos nossos costumes e, editando-a intelligentemente, o Sr. Paulo Prado enriqueceu o patrimonio da nossa bibliographia historica.

Alberto Deodato: **CANNAVIAES**. Ed. do Anuario do Brasil, Rio, 1922 -- Neste livro de contos e novellas, premiado pela Academia Brasileira de Letras, se accentuam as excellentes qualidades do autor, que é um artista vibrante e apaixonado, possuindo forte colorido e uma nota tragica discreta mas intensa. Tem sobretudo um sentido da natureza do sertão muito sensível, de uma natureza que não é pintada, nem simplesmente decorativa, mas viva, humanizada. Que poesia ha nesta ligeira mancha — "Em volta, a bondade de Deus se multiplicava nas arvores sombrias e floridas, na exuberancia das cannas enroladas, na magia da agua corrente entre pedrouços feridos pelas flexas do sol glorioso..." Ha algumas paginas de grande emoção, como as da historia triste de Maria do Sertão, de má sina, levada pela enxurrada da vida até a maior degradação. O autor da *Senzala* se revela, neste novo livro, um escriptor poderoso e intenso, que sabe tirar da vida, dos seus flagrantes violentos e fortes, uma parcella de emoção, para sua obra de arte. E a arte é uma transfiguração.



Embaixador Souza Dantas

Gabriele d'Annunzio.—os poetas são prophetas, — tinha previsto a brilhante carreira diplomatica do Sr. Luiz de Souza Dantas, quando chamava o seu amigo, naquelle tempo secretario de legação, o *embaixador da graça*.

Depois de ter conquistado Roma, eis, dizem-nos os jornaes parisienses, que elle acaba de conquistar Paris. A festa que foi offerrecida a S. Ex. nos sumptuosos salões do Claridge, foi um acontecimento parisiense, que abriu a *saison* de 1923. As correspondencias que nos chegam da capital franceza informam-nos que foi uma festa verdadeiramente extraordinaria: mais de seiscentas pessoas estavam presentes; a sociedade franceza, brasileira e sul-americana enchia as salas das festas e os salões do luxuoso hotel dos Campos Elyseos; após o jantar, uma grande recepção teve logar assim como um baile que durou até ás 2 horas da madrugada. S. Ex. o Sr. Louis Barthou e Mme. recebiam os hospedes e S. Ex. o embaixador acolhia os convidados que lhe apresentavam as suas felicitações. Após o jantar tres allocuções foram pronunciadas, do Sr. Louis Barthou, a de S. Ex. Sr. Souza Dantas e a do commandante Elyseo Montarroyos, em nome da colonia brasileira. O Sr. Louis Barthou, vice-presidente do *Comité France-Amérique*, em uma bella improvisação, lembrou a brilhante carreira do homenageado, terminando o seu discurso saudando o embaixador e o Brasil. O commandante Montarroyos soube, em breves palavras, formular a alegria da colonia brasileira em ter um tão brilhante representante e exprimir a homenagem de todos os presentes. Agradecendo, o Sr. Souza Dantas fez uma bella oração, mostrando mais uma vez como conhece perfeitamente a lingua de Voltaire: "Affirmar a minha profunda e sincera alegria, disse S. Ex., nesta hora e perante este nobre auditorio, seria um logar commum que, embora tendo a desculpa de vir do coração, fatigaria vossa polidez, essa polidez franceza, que aos olhos do mundo inteiro e para nós brasileiros, particularmente, é o modelo da gentileza. Se a vida, principalmente nos tempos difficeis que ora atravessamos, não fosse uma permanente lição de humildade, crêde que eu succumbiria, neste momento, ás tentações do orgulho e da valdade. Quero fugir, entretanto, as suggestões desses subteis demonios, sabendo que devo reportar tudo o que acaba de me ser dito a aquillo que está acima de mim e que constitue a unica razão da minha presença entre vós. Já adivinhastes que quero falar da patria que represento. E', pois, em nome della, senhores, que vos agradeço de todo o coração." O Sr. Souza Dantas lembrou em seguida algumas recordações das

suas relações com o Sr. Barthou, e rendeu homenagem ao Sr. Gabriel Hanotaux, presente entre os convidados. "Mas, proseguiu o embaixador, passando das considerações particulares ás considerações de ordem geral, ha para mim uma suprema razão da emoção: é de achar-me em França. Estar em França e representar o Brasil! Ter como dever e como pensamento de todos os instantes o cuidado de continuar a aproximação e, assim, o engrandecimento de duas magnificas patrias que se respeitam e se amam, porque nasceram para se comprehender. S. Ex. terminou bebendo á saúde do Sr. Barthou, dos presentes e á "França eterna, á indestructivel grandeza do seu genio e da sua raça." Toda a imprensa parisiense consagrou longos e elogiosos comentarios ao nosso eminente embaixador.



REVUE DE L'AMÉRIQUE LATINE, fevereiro de 1923, Paris. O sumario deste numero, como os anteriores, é muito interessante. Inicia um inquerito acerca da America e a felicidade do genero humano, com as respostas de J. H. Rosny, Pierri Mille, Blaise Cendrars, Léon Deffoux, Henry Duvernois, Max Daireaux e Lucien Dubech. Dentre os principaes artigos e estudos destacam-se os seguintes: *La société française de S. Domingos à la veille de la révolution*, por Dantés Bellegarde; *La poésie mexicaine actuelle*, por Guillermo Jimenez; e a conclusão de *Bolívar et la Democratie*, de Marius André. Na *Vie en Amérique Latine* traz chronicas assignadas por Jean de la Nible, Argele Marvaux, Pierre Denis, Marius André, Dominique Braga, Manoel Gahlsto, Ventura Calderon, etc.

LA PLUMA, janeiro de 1923, Madrid. Todo este numero é dedicado á personalidade e á obra de Valle Inllan, e nessa homenagem collaboram Gomez de Baquero, E. Diez-Canedo, Ramón Pérez de Ayala, Antonio Machado, Alfonso Reys, Ramón Tenreiro, Rivas Cherif, Manuel Bueno, Ricardo Baroja, Moya del Pino, Francis de Miomandre, Gomez de la Serna, Manuel Araña, com estudos e versos, e Juan Echevarria, com um excellent retrato do poeta.

A AGUIA, revista mensal de litteratura, arte, sciencia, philosophia e critica social, ns. 118 a 124, Porto. Esta publicação é orgão do movimento intellectual portuguez, redigida e collaborada por uma pleiade de escriptores brilhantes, e possui já uma reputação que dispensa elogiosas referencias. No numero de seus colaboradores effectivos, encontram-se o Visconde de Villa Moura, Jayme Cortesão, Antonio Arroio, Teixeira de Pascoaes, Alfredo Barata, Raul Brandão, Alfredo de Moraes, Alvaro Pinto, Americo Durão, etc., poetas e prosadores que representam o que ha de mais selecto na nova litteratura portugueza. O seu director é Leonardo Coimbra, pensador e critico de idéas notavel, que já conquistou grande reputação fóra da patria, e cujos trabalhos desejavamos fossem conhecidos no nosso paiz. E' representante da *Agua* no Rio de Janeiro o nosso amigo Sr. Alvaro Pinto, director do "Anuario do Brasil", á rua D. Manuel n. 62.

LE LIVRE DES LIVRES, dezembro de 1922, Paris. E' uma revista que systematicamente dá o resumo, acompanhado de comentarios ou notas criticas, dos principaes livros apparecidos em França, e é dirigida por Gaston Mouvré.

RENOVACIÓN, janeiro de 1923, Buenos Aires. Um grupo de estudiosos universitarios acaba de fundar este periodico mensal para propaganda das idéas de confraternisação sul-americana. No seu artigo de apresentação, escrevem: "Queremos, en primer término, poner los valores intelectuales de nuestras respectivas nacionalidades, y de la entera América Latina, en el alto plano que a nuestro juicio merecen, por encima de los valores meramente políticos, financieros o tradicionales; lo consideramos indispensable en la presente hora de renovación mundial. Los pueblos, ha escrito Anatole France, necesitan hoy de

gufas idealistas y de juventudes capaces de acción, para afrontar con ánimo nuevo y optimista los problemas de todo orden, que plantea el presente y que multiplicará el porvenir inmediato. Amantes de nuestra nacionalidad, la deseamos, como argentinos, tan grande por sus valores morales que nos sentimos dichosos de pertencer a ella. Pero al mismo tiempo, como latino-americanos, miramos con fraternal cariño a todas las nacionalidades de la América Latina, con la esperanza de que un acercamiento progresivo nos aproxime al ideal de unión, solidaridad y federación continental que fué el sueño de nuestros mayores, asociando en una grandiosa nacionalidad común a todos los pueblos que tienen análogos orígenes, desenvolvimiento y porvenir. A esa obra, digna de interesar a la nueva generación de todo nuestro continente, sólo podemos contribuir por ahora con una labor ideológica, procurando establecer un intercambio informativo sobre lo que atañe al movimiento intelectual en los países latino-americanos, no sólo en lo literario, sino también en lo político y social." A colaboração deste numero é variada. Assinalamos como principaes artigos: *Tiempos de renovación*, de Enrique Molina; *La universidad del porvenir*, de José Ingenieros; e *Jesus em Buenos Aires*, de Mendez Calzada. Agita esta revista varios problemas e idéas dignas de reflexão.

ARVORE NOVA, n. 1 (2ª série) de janeiro de 1923. Este interessante mensario de arte e literatura, dirigido pelos brilhantes escritores Tasso da Silveira e Rocha de Andrade, apresenta mais um numero, que lhe assegura o melhor triumpho nas nossas letras. O seu summario é o seguinte: Duas palavras sobre — Rocha Pombo, F.; Filosofar acreano, Carlos de Vasconcellos; O fogo na montanha, versos de Guilherme de Almeida; Clamor, versos de Arnaldo Damasceno Vieira; Unidade, versos de Prado Kelly; A minha mãe, versos de Ildefonso Falcão; Tres sonetos de Francisco Costa; Ballada ao Beijo, versos de Jayme d'Altavilla; Remembranza, de Juan W. Goz; A gargalhada do infinito, de Angelo Guido; Toda religião é boa..., de Perillo Gomes; A terra tetraldrice, de Jorge de Lima; Nem bem nem mal, de Alvaro Moreyra; Do meu roseiral, de Carlos Rubens. Ha ainda uma interessante chronica do mez, sobre arte, livros, theatro, notas e commentarios e na illustração *hors-texte*, representando o grupo esculptural de João da Silva — A diplomacia triumphante. Justifica-se, portanto, a boa acolhida que tem sido dispensada á *Arvore nova*, cujo exito muito diz do adiantamento de nossa cultura.

NAÇÃO PORTUGUEZA, dezembro de 1922, Lisboa. Sempre interessante, esta revista de cultura nacionalista que dirige Antonio Sardinha, uma das publicações mais intelligentemente dirigidas de Portugal, traz neste fasciculo: 1640, de Antonio Sardinha; *Vivunt martui tui*, de Hypolito Raposo; *S. Christovão na lenda e no sonho*, de Cesar d'Oliveira; *A concepção da historia em Eça de Queiroz*, de Castello Branco Chaves; *Chronica Política*, de Nuno de Montemor; *Chronica social*, de Rollão Preto; *Notas de arte*, de Rebelo de Betencourt; *Das idéas dos alamos e dos factos*, da redacção.



A França e a Academia Brasileira

Sabe-se que o Duque de York e a sua roiva virão ao Rio fazer a entrega do pavilhão britannico ao Brasil. Vamos tambem ter, para a entrega do pavilhão de honra da França á nossa Academia, uma missão extraordinaria da Academia Franceza. Segundo os primeiros informes chegados aqui, esta missão será composta de tres nomes illustres, dos mais illustres da alta companhia litteraria de Paris: o marechal Joffre, o Dr. Beyson e o Sr. Paul Bourget. Devemos esta honrosa cortezia á intervenção do nosso carinhoso amigo, S. Ex. Alexandre Conty, o eminente embaixador da Republica Franceza entre nós, actualmente em férias em Paris, de quem já não podemos mais contar as provas de affecto. Os tres nomes escolhidos para nos visitar fulgem de um brilho internacional. São tão cõnhecidos e admirados que se torna superfluo lembrar o que são. Ser-nos-á motivo de legitimo orgulho receber como merecem o vencedor do Marne, o grande philosopho do *Evolução creadora* e o fecundo romancista, que vêm ás nossas terras trazer-nos mais uma prova da amizade franceza.



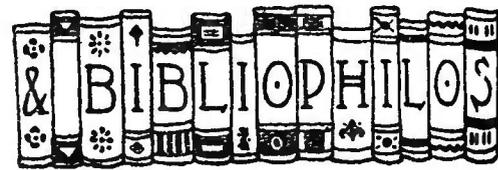
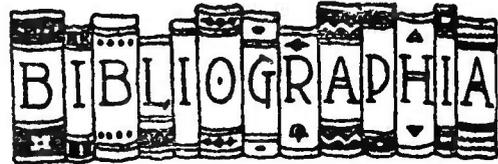
Tendo o artigo do Sr. Hermes da Fonseca Filho, intitulado *O symbolismo na architectura religiosa da Idade Média*, publicado no numero de Fevereiro ultimo, sahido com algumas omissões, damos abaixo o trecho que devia figurar entre as linhas 30 e 31 da segunda columna: "E' curioso notar como as duas artes mais queridas da Idade Média, — a Litteratura e a Architectura — ao inverso das duas artes principaes da Renascença, — a Pintura e a Esculptura, — tenham se definido em suas qualidades essenciaes pelos dois inconfundiveis caracteristicos da época. Tal a litteratura dos desafios, das pugnas e dos torneios, formando uma tão interessante e movimentada fôrma artistica como a que concretizou o espirito combativo da litteratura das Cavallarias, — tal a architectura magnifica e sumptuosa dos motivos mystico-symbolicõs, revelando a dedicação e a paciencia que caracterizou o espirito religioso

do pensamento medieval. A Idade Média, podemos affirmar, se caracterizou pela sinceridade com que revestiu sempre todas as suas manifestações."

A evasão da agulha

O artigo que sob esta epigraphe publicamos no nosso ultimo numero e que sahio sem assignatura era do Sr. Adrien Delpech.

Lastimando essa omissão, devida a um pequeno accidente na impressão, apresentamos as nossas desculpas aos nossos leitores assim como ao Sr. Adrien Delpech, cujos trabalhos sempre têm desprizado em nós o maximo interesse e a mais franca admiração.



A tragedia florentina

O "Anuario do Brasil" editará dentro de dois ou tres mezes a traducção que Elysb de Carvalho fez da *Tragedia Florentina*, de Oscar Wilde, com illustrações coloridas de Di Cavalcanti, e a seguir publicará, no mesmo formato, e nas mesmas condições graphicas e artisticas, nova edição da *Ballada do enforcado* e dos *Poemas em prosa*, tambem illustrados por Di Cavalcanti.

"Os pergaminhos" de Gustavo Barroso

A proposito da edição limitada e numerada do seu livro de contos "Pergaminhos", cujas illustrações se devem ao pincel de Corrêa Dias e que foi impresso em Paris pelo Sr. Jacquemin, sob os cuidados do editor Briguet, recebeu o Sr. Gustavo Barroso (João do Norte) a seguinte carta do Sr. F. Ferroud, actualmente o maior e melhor editor de obras de arte e de luxo da França:

"Cher Monsieur. Je viens de recevoir pour la reliure l'exemplaire de votre beau livre. Les illustrations sont très originales et le texte parfait. L'écoulement en sera rapide au Brésil, j'en suis persuadé. Les illustrations magistralement composées pourraient être signées Robida pour son "Rabais" et Grasset pour ses "Quatre Fils Aymon". Vous serez bien aimable de feliciter l'artiste qui a fait ces illustrations. Croyez, cher Monsieur, à l'assurance de mes sentiments les plus devués. — F. Ferroud." A opinião do Sr. Ferroud é realmente digna de nota quanto á feita material do livro, pois elle é um tecnico em bibliographia e o consagrado editor parisiense de Anatole, Flaubert, Chateaubriand, Stendhal, Gautier, Balzac, Pierre Louys, Henrique, Boufflers, Marivaux, Molière, Musset, Samain, Benjamin Constant, Daudet, Renan, Verlaine, Huysmans, Maeterlinck, Maclair e outros, em tiragens numeradas, illustradas por artistas como Rochegrosse, Raffaelli, Mosca, Merson, Lebégue, Guillonnet, Solomko, Malatesta, Bussiére, etc.

PARC ROYAL

ARTIGOS PARA HOMENS

Vasto sortimento de casimiras de todos os padrões — Roupas brancas — Collarinhos, Punhos, Meias e Gravatas — Artigos de viagem e accessorios de toilette — Chapéos, Calçados, Guarda-chuvas, Bengalas, etc.

PARC ROYAL

A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

Casa Matriz: AMSTERDAM

FILIAES NA AMERICA DO SUL:

Rio de Janeiro --- S. Paulo --- Santos --- Buenos-Aires --- Santiago do Chile --- Valparaizo.
Na Allemanha --- HAMBURGO.

Capital autorizado..... Florins 50.080.000
Capital realizado e reservas..... Florins 22.680.000

*Fundado pela Rotterdamsche Bankvereeniging
Amsterdam -- Rotterdam -- Haya*

Cujo capital realizado e reservas montam em florins a 114.000.000

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO

11, RUA BUENOS AIRES, 13

TELEPHONES: NORTE 5356, 5357 E 5358

Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

CAPITAL: FRs. 50.000.000

CAPITAL REALISADO

Ações Frs. 50.000.000 e Obrigações Frs. 65.000.000
Fundo de reserva: Frs. 12.500.000

Emprestimo sobre primeira hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo ou por amortizações semestraes, com direito de reembolso antecipado.

DINHEIRO PARA CONSTRUCCES
Abertura de credito para construcções de predios até 50 % do valor dos mesmos e terreno.

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento.

Adiantamento sobre titulos, mercadorias e warrants.

Gerencia de immoveis, cobrança de juros sobre apolices, ações e debentures, guarda de valores, etc.

SÉDE SOCIAL EM PARIS:

39, BOULEVARD HAUSSMANN, 39

Séde de Operações e Direcção Geral:

44, AVENIDA RIO BRANCO, 44 — RIO DE JANEIRO

Endereço Telegraphico-**EFESIFONCI**
CAIXA POSTAL 1.307

TELEPHONES

Directoria N. 4.116
Secretaria N. 2.085
Expediente N. 3.750

AGENCIA:

24, RUA S. BENTO, 24 — S. PAULO

Banco Português do Brasil

Capital . . Rs. 50.000:000\$000

Séde: RIO DE JANEIRO

Filiaes em S. PAULO e SANTOS

Endereço Teleg.: BRASILUSO

Caixa Postal: 947

Abre Conta Corrente de movimento,
CONTAS CORRENTES LIMITADAS COM TALÃO DE CHEQUES,
Conta Corrente a prazo fixo e
Conta Corrente em moeda estrangeira nas melhores condições do
mercado e encarrega-se da administração de propriedades

24, Rua da Candelaria, 24

RIO DE JANEIRO